



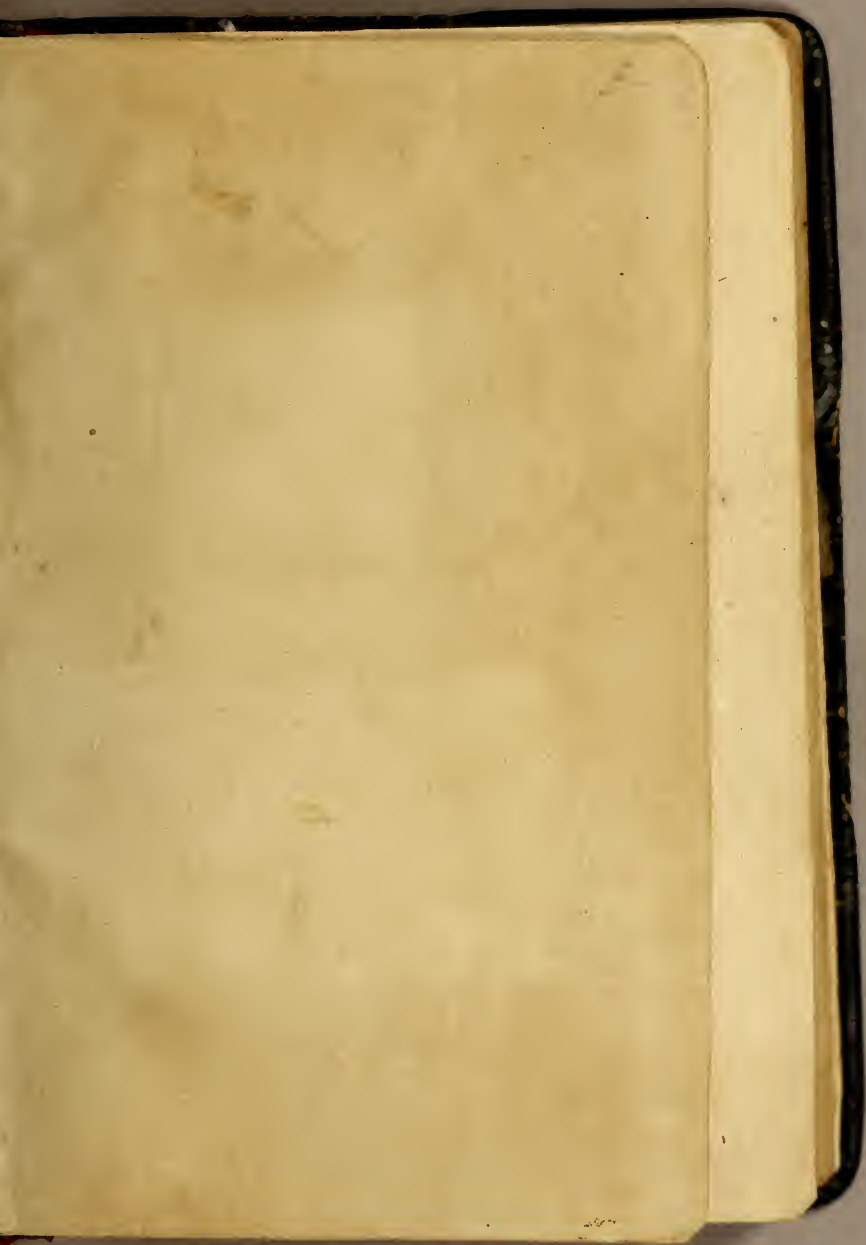


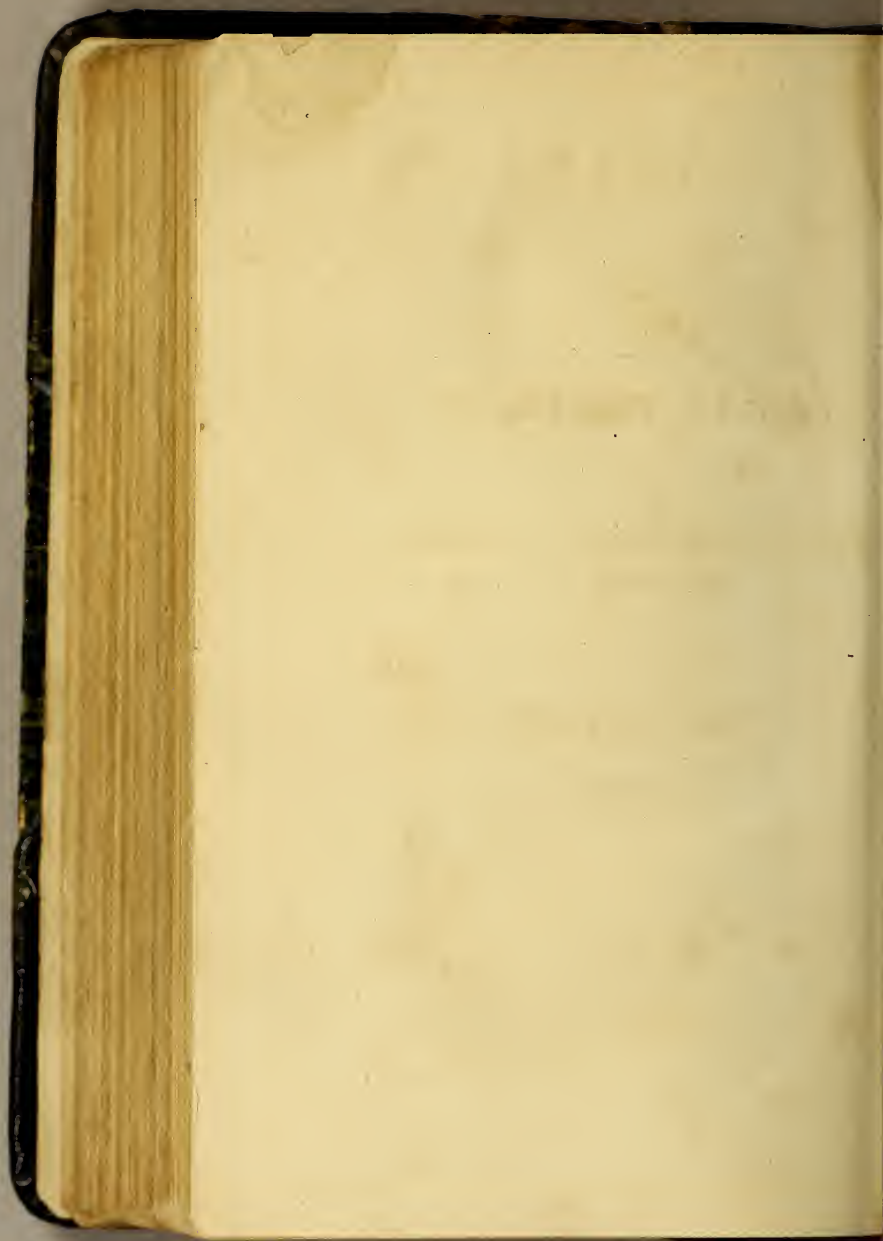


2 vols. ~~504~~

302







POTIENAS  
1841 e 1842

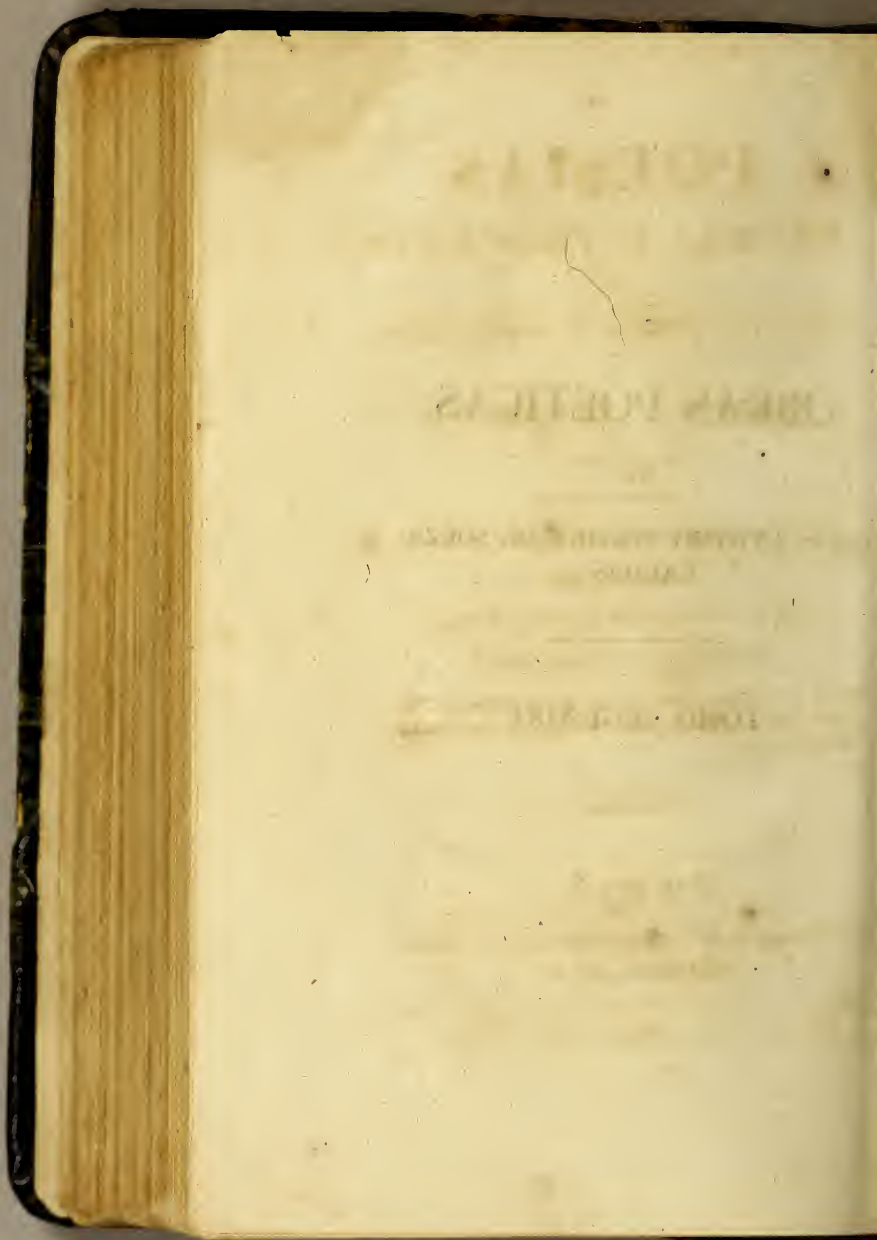
OBRAS POETICAS.

DO.

REV.<sup>DO</sup> ANTONIO PEREIRA DE SOUZA  
CALDAS.

---

TOMO SEGUNDO.





**POESIAS**  
**SACRAS E PROFANAS**

DO

REV.<sup>DO</sup> ANT.<sup>O</sup> PEREIRA DE SOUZA CALDAS,

COM

AS NOTAS E ADDITAMENTOS

DE SEU AMIGO

O TENENTE-GENERAL

FRAN.<sup>CO</sup> DE BORJA GARÇÃO-STOCKLER,

DADAS A' LUZ

PELO SOBRINHO DO DEFUNTO POETA,

ANTONIO DE SOUZA DIAS,

Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro professo na Ordem de Christo,  
Consul Geral de Sua Magestade Fidelissima na Cidade do Havre  
de Graça, etc.

.....

PARIZ,

Na Officina de P. N. ROUGERON, rua de  
l'Hirondelle, N.<sup>o</sup> 22.

---

1821.

POSTER

THE GREAT BRITAIN

AND IRELAND

BY

...

...

...

...

...

...

...

# POESIAS

## SACRAS.

---

### ODE I.

SOBRE A EXISTENCIA DE DEUS.

---

#### *Strophe 1.<sup>a</sup>*

A LUZ se faça ; e subito creada  
A luz , resplandecendo  
A voz ouvia que aviventa o nada ;  
D'entre as trévas se foi desinvolvendo  
O cháos , que estendendo  
A horrenda face , tudo confundia ,  
A terra , e o mar , e os ceos , e a noite , e o dia.

#### *Antistrophe 1.<sup>a</sup>*

Mas tu quem es , ó cháos tenebroso ?  
De quem o ser houveste ? (1)  
De algum Deus per ventura poderoso ,  
A cujo aceno tu tambem cedeste ?  
Ou acaso nasceste  
De ti mesmo ante o tempo , e a tua idade  
Têm , por termoe principio , a Eternidade ?

II.

*Epode 1.º*

Resoa altiva lyra

De novo, entre os meos dedos vencedores,  
Dos soberbos altisonos cantares,

Que em seos muros ouviram  
A Grecia fertil em saber profundo,  
E a bellicosa Capital do mundo.

*Strophe 2.ª*

O' necessaria e immortal verdade

Dos seres creadora,  
Hé possivel que, involta em' scuridade,  
A par de ti, a vil destruidora  
Da ordem da beldade,  
A negra confusão, a frente alçasse,  
E contigo, ante o tempo, se avistasse!

*Antistrophe 2.ª*

Que mortal, da razão as leis pizando,  
Igual a natureza  
Da ordem, da desordem reputando,  
Da fealdade, e divinal belleza,  
Da força, e da fraqueza,  
Chamou o inerte cháos *existente*  
*Necessario*, qual hé o Omnipotente?



*Epode 2.º*

O peito se embravece :

Voraz zelo as entranhas me consome.

Ah ! fuge , erro feroz , respeita o nome

Daquelle a quem conhece

Por SENHOR o Universo ; e em vão gemendo

No abismo , esconde teo furor horrendo.

*Strophe 3.ª*

Faze , ó razão , soar a voz augusta

Que as róchas desaferra ,

E que as forças do Averno abala , assusta :

Escutai , altos Ceos : ergue-te ó Terra ,

A frente desencerra ;

Attenta de meos versos a harmonia :

De novos pensamentos a ousadia.

*Antistrophe 3.ª*

Inda o sceptro quimerico empunhava

O Nada , avassalando

Informe reino , e vão , que dominava

A seo lado o silencio venerando ;

E tudo , repousando

No seio incerto e immenso do possível ,

De existir era apenas susceptível.

POESIAS

*Epode 3.º*

Sómente a Eternidade  
Concentrada em si mesma , em si conlida ,  
Em si gozando interminavel vida ,  
Perenne mocidade ,  
Com infinitas perfeições brilhando ,  
Sotopunha os futuros a seo mando.

*Strophe 4.ª*

Ao som de sua voz omnipotente  
O possivel se aterra ;  
O nada se fecunda ; e de repente  
Atonitos produzem ceos , e terra ,  
E o espaço que os encerra :  
Começa então o tempo pressuroso  
A curva foice a manejar iroso.

*Antistrophe 4.ª*

As agitadas ondas se separam  
Da terra que cobriam ,  
E no vasto Oceano se abrigáram :  
As fructíferas arvores nasciam :  
De pennas se vestiam  
As animadas aves ; e de vida  
Animaes de grandeza desmedida.

*Epode 4.º*

O homem aparece,  
Alçado o nobre collo, e vendo ao lado  
Da molher o semblante lindo e amado,  
Por quem morrer parece :  
De raios e de luz se rodeava  
Phebo, que almo calor a tudo dava.

*Strophe 5.ª*

Sem Ti, Eterno Ser, ninguém podéra  
O véo misterioso  
Que encobre a criação, com mão sincera  
Rasgar; e descobrir maravilhoso  
Principio luminoso,  
Que a origem fecunda da existencia  
Do Orbe faça ver, com evidencia.

*Antistrophe 5.ª*

Tece embora, escriptor endurecido,  
Philosopho arrogante,  
Extênso fio nunca interrompido  
De seres que perecem: se hum instante  
Vacillas inconstante,  
Sem novo anel prenderes á cadêa,  
Do teo mundo desfaz-se até a idéa.

*Epode 5.º*

Abre os olhos, e estende  
 Do frio norte ao sul tempestuoso,  
 Ou antes ao lugar onde formoso  
 O louro sol descende,  
 Com passo agigantado mede a terra,  
 E com raios a noite escura aterra.

*Strophe 6.ª*

Um pouco te levanta ao firmamento,  
 Nos astros que o povoam,  
 Prende o teu vagabundo pensamento:  
 Conta-os, se a tanto os teos desejos voam:  
 Ah vê como pregoam (2)  
 Em voz sonora o nome triunfante  
 Daquelle que os sujeita a lei constante.

*Antistrophe 6.ª*

O verme que no campo resvalando,  
 Ergue a movel cabeça;  
 A aguia sobre as nuvens remontando,  
 E do ar retalhando a massa espessa;  
 A garganta travêssa  
 Do leve rouxinol, e o peito forte  
 Do leão, que esbraveja, e insulta á morte:



*Epode 6.º*

O mar embravecido,  
A terra de mil fructos , que a guarnecem  
Toldada , com que as forças reverdecem  
Do homem atrevido :  
Tudo aponta a suprema Intelligencia,  
Adoravel autora da existencia.

*Strophe 7.ª*

Qual o dourado habitador de Quito ,  
( Morada da crueza ,  
Onde em ferreo grilhão suspira afflicto  
O docil Indio , desgraçada preza  
Da Europea avareza )  
Se vê tremer a terra e abrir-se , corre  
Fugindo em vão , que entre as ruinas morre :

*Antistrophe 7.ª*

Assim vaidoso atheo , que maneando  
A razão , se adormenta ;  
Se medonho trovão ouve troando ,  
E irada a natureza um pouco attenta ,  
Espavorido intenta  
Fugir em vão á luz , que um Deus potente  
Per toda parte lhe faz ver presente.

*Epode 7.º*

Furioso procura  
 Embrenhar-se em veredas não trilhadas :  
 Ali de novo afa armas usadas  
 Com que a razão escura  
 Abate quasi ; até que em fim na morte ,  
 Do Deus , que nega , encontra o braço forte.

*Strophe 8.ª*

O' tu, reconcentrado immenso Oceano  
 De desejos ferventes ,  
 Insaciavel coração humano ,  
 Que debalde com ancias sempre ardentes  
 Forcejas por contentes  
 Passar da vida fugitiva e escassa  
 Os momentos , que a Parca ao longe ameaça

*Antistrophe 8.ª*

Se o cego Pluto todo o seo thesoiro  
 Desfechasse brioso  
 E te assentasse sobre a prata ; e oiro ,  
 Que nelle encerra ; se mavorte iroso (3),  
 Guerreiro mentiroso,  
 De loiro em mil conquistas te c'roasse ,  
 E a teos pés o orbe inteiro ajoelhasse :

*Epode 8.º*

Se a perfida Belleza (4)  
De graças e de risos brincadores  
Rodeada, e de fervidos amores,  
    Por toda a redondeza  
Te idolatrasse só: tu gemerias  
Ainda, ó coração, suspirarias.

*Strophe 9.ª*

Mais alto hé teu magnifico destino. (5)  
    Mas onde achaste, ó lyra,  
Este som que hoje soltas, som divino?  
Novo abrazado espirito me inspira (6),  
    Sublime fogo gira  
Vivido em minhas veas; escutai-me,  
O' mortaes, e de c'roas adornai-me,

*Antistrophe 9.ª*

A ave pelos ares pressurosa  
    Contente se abalança:  
Disprende em paz a voz harmoniosa,  
Sem temor, sem sentir outra esperança:  
    Se ingrata fome a cança,  
Aqui, ali pousando o bico agudo,  
Satisfeita vegeta, e esquece tudo.

*Epode 9.º*

Rumina o boi pesado  
 Na estreita manjadoura a leve palha,  
 E o seo carnoso coração encalha  
 No circulo acanhado,  
 Que a fome lhe traçou; tal he a sorte  
 Do animal, seja fraço, ou seja forte.

*Strophe 10.ª*

O Infinito, ó idea soberana!  
 Eis o termo anhelado,  
 Que só pôde faltar a mente humana.  
 O Deus! ó Providencia! assim gravado  
 Teo nome sublimado  
 Em letra mais que o bronze duradora,  
 No intimo de nós altivo mora.

*Antistrophe 10.ª*

O' ceos, de um Deus morada, onde se ostenta  
 A inexausta riqueza,  
 O eterno prazer, com que alimenta  
 Os varões, que com solida grandeza  
 A bruta natureza  
 Fortes domando, a Deus so aspiraram;  
 E á virtude só votos consagraram.



*Epode 10.º*

Dia grande , e formoso  
Aquelle , que findando o tempo , e a porta  
Da eternidade abrindo , deixa absorta  
Em pasmo delicioso  
A alma nobre do justo , que abismada  
Vê raiar do seo Deus a face amada.

*Strophe 11.ª*

Onde , ó homem , ser fraco , onde encontre  
A imagem do infinito ?  
Ou donde ao coração a transplantaste ,  
Para deixa-lo a suspirar afflicto ?  
Se o mundo , circunscrito  
Em limitado espaço , te estreitava ,  
E teos vastos desejos encurtava ?

*Antistrophe 11.ª*

Ergue as mãos , de amargura penetrado ,  
E com fervente pranto  
Os teos olhos no chão fita humilhado.  
Entoa magoado triste canto ,  
Ao veres com espanto  
Como , ingrato , te esquece o premio eterno  
Com que te acena o alto Ser superno.

*Epode 11.º*

Os ceos , a terra , os mares ,  
 Do Creador á lei obedecendo ,  
 Se estão nos seus limites revolvendo  
 Per modos regulares :  
 O homem só , rebelde as leis despreza  
 Do supremo Senhor da natureza .

## OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

(1) Ainda que, cedendo á vontade de meo defuncto amigo, me resolvi a fazer algumas pequenas correções nas suas obras ; não hé justo, que o publico deixe de ser informado das principaes alterações , que pratiquei , e das razões em que me fundei : afim de que , se com alguma das emendas a que me resolvi , deteriorrei as composições de um poeta , e escriptor tam distincto pelo seo saber e gosto , os meos defeitos lhe não sejam attribuidos , antes sim se considerem meos , como na realidade são , e possam merecer a indulgencia a que lhes dá direito a escassez de meos talentos , e a pureza dos sentimentos , que os dictaram .

Este verso estava no original da maneira seguinte :

D'onde o ser recebeste

Não tendo eu porém já mais encontrado o adverbio de logar — *onde* — figurando no discurso , como um relativo pessoal , entendi ter havido inadvertencia da

parte do autor, e por isso lhe fiz a pequena mudança com que vai no corpo da obra.

(2) Tambem este verso foi por mim alterado. No original lê-se

Ah vê como resoam :

regeitei esta lição por não ter jamais encontrado em classico algum nacional o verbo — *resoar* — em significação activa.

(3) Pela mesma razão substitui tambem neste verso o verbo — *encerrar* — ao verbo — *engolfar*, que se lia no original.

(4) Junto do original em um papel da letra de outro amigo do autor achei este epode escrito da maneira seguinte :

Se a perfida Belleza

Risonha em graças, mimos e favores

Te promettesse, e fervidos amores ;

Se em toda a redondeza

Te idolatrasse so, tu gemerias etc.

Sendo possivel que o autor conservasse esta variante alhea ou propria, reservando decidir-se na escolha da lição que adoptaria, quando tirasse finalmente a limpo esta composição, julgei a proposito conserva-la para que o leitor prefira a que melhor lhe parecer.

(5) Maior he teu magnifico destino

he a maneira porque este verso se achava no original, tendo ao lado a indicação de huma emenda ainda não preferida, que substituiu *mais grande* a maior. Inferindo d'aqui que o autor não estava contente deste verso, o emendei como se acha no corpo da ode. As

razões, que me movem'a supôlo melhor que o acima  
escrito, são assaz palpaveis para dispensar-me afoita-  
mente de expôlas n'este logar.

(6) No original lia-se

Hum nóvo esp'rito me arrebatava e inspira

a manifesta dureza d'este verso me determinou a al-  
tera-lo.



CANTATA I.<sup>a</sup>

## A. CREAÇÃO.

*Recitativo 1.º*

**J**A do tempo voraz se divisava  
A ferrea curva foicé reluzindo ;  
    Despiedado, umas vezes meneava ,  
Outras vezes ao longe desferindo ,  
Em torno de si mesmo a agitava :  
    Quando o Nume potente .  
A cujo aceno o tempo audáz nascera ,  
Fez retumbar a voz , que tudo impera ;  
Os abissinos do nada estremeceram  
    E ao Deus grande, e clemente  
Os possíveis tremendo obedeceram :  
Atonito levanta a escura frente  
    O cháos rodeado  
De confusão e horror : inda a Belleza  
    Com pincel variado  
Não ornava a recente natureza.

*Aria 1.ª*

Tranquilas jazendo,  
As ondas dormiam  
Que a face cobriam  
Do cháos horrendo.



Ao leve soprar  
 De um zefiro brando,  
 Vida vai cobrando  
 O languido mar,  
 Do vasto Oceano  
 No seio se encerra;  
 E a medida terra  
 Deixa respirar.

*Recitativo 2.º*

A luz resplandeceu, e o firmamento  
 Que em denigradas sombras se envolvia,  
 Mostrou formoso o seo soberbo assento:  
 De graças, e esplendor se revestia  
 O magestoso dia;  
 Quando, cheo de pompa e luzimento,  
 O sol rompeu nos ares, dardejando  
 De animante calor celestes raios.  
 Enternecido, triste sentimento  
 Magôa o rosto lindo  
 Da noite descontente,  
 Que a ausencia de Phebo luminoso  
 Assim terna annuncia:  
 Emtanto desferindo  
 Escassa luz em throno tenebroso,  
 Sobre nuvens o sceptro reclinando,  
 A lua os ceos, e terras alumia.

*Aria 2.ª*

Fúlgentes estrelas  
 Nos Ceos resplandecem :  
 Na Terra verdecem  
 Mil arvores bellas.

Os montes erguidos,  
 Os vales retumbam  
 Ao som dos rugidos,  
 Dos feros leões.

Nas azas sustidas,  
 As aves revôam :  
 Nos ares entoam  
 Sonoras canções.

*Recitativo 3.º*

O' Terra ! ó Ceos ! ó muda natureza !  
 Trasbordai de alegria : triunfante  
 Das entranhas do nada surge o homem :  
 Eis apparece ; e a candida Belleza  
 O sisudo semblante lhe ennobrece.

Seo magestoso porte  
 Soberano do mundo o patentea.  
 Gravada mostra n'alma a augusta imagem  
 Do Senhor adoravel  
 Que o immenso universo senhorea :  
 De sua pura carne se teceram  
 As meigas graças , que no rosto amavel

Da Mulher carinhosa ,  
Com suave doçura resplandecem.  
Apenas a diviza transportado ,  
Tu es o meo prazer , que novo encanto  
Eu vejo ! lhe dizia ; e arrebatado  
Em delirio amoroso ,  
Mil vezes em seos braços a apertava ,  
E todo o extenso mundo ,  
Por ella so , deixar pouco julgava.

*Aria 3.ª*

Qual rosa engraçada  
Que Zefiro adora ,  
Terna e delicada ;  
Enredo de Flora :

Assim he mimosa  
E linda a Mulher  
E o homem se goza  
Em se lhe render.

Qual grita entre as feras  
Leão rugidor ,  
Derramando em torno  
Gelido terror :

Tal se mostra o homem  
Sobre toda a terra ;  
Tudo rende e aterra  
Em arte e valor.

*Recitativo 4.º*

O mundo era creado , e trasluzia  
Em toda parte o braço omnipotente ,  
Que fizera raiar a noite , e o dia.

Da frigida semente

Outra vez novo ser se produzia ;  
Animada ao calor do sol ardente :  
Tudo em vida fervendo parecia.

Fecundo recebera

Virtude de crescer , multiplicar-se ,

O animal que á fera

Impia morte soubera sujeitar-se.

Então o Creador arrebatado

Em divino prazer , almo , infinito ,

Olhou dos Ceos o livro sublimado

Que com as suas mãos havia escrito ;

E assim falou : Ouvi cheos-de susto ,

Mortaes , a voz do Deus immenso , e justo.

*Aria 4.ª*

Os Ceos entoam

Minha grandeza ,

Os seres todos

Juntos pregoam ,

Per varios modos ,

Do eterno ser



O incomparavel,  
Grande, inefavel,<sup>o</sup>  
Alto poder.

A minha gloria,  
Homem, respeita;  
Rendido, aceita  
Meo mandamento.  
Traz a memoria,  
Que o Firmamento  
Por ti criei:  
Que o Mar e a Terra,  
E o que ella encerra  
Tudo te dei.

Se me adorares  
Com vivo amor,  
E me ofertares  
Santo temor;  
Per mim o juro,  
Minha presenca  
Ao peito puro.  
Eu mostrarei,  
E recompensa  
Tua serei.

Mas se quebrares  
O meo preceito,  
E sem respeito  
O profanares



Da morte-fera  
A mão severa  
Tu sentirás :  
E emvão gemendo ,  
No averno horrando ,  
Me chamarás.

---

## OBSERVAÇÕES.

Esta cantata , e a ode que a precede , estão cheas de imagens atrevidas , e novas na poesia portugueza . He verdade que ellas não podem sustentar uma rigorosa analyse philosophica : mas nas composições desta natureza não ha ja mais audacia excessiva de imaginação . Não será difficil mostrar , em Milton e Klopstock , iguaes atrevimentos poeticos : apesar de que na poesia epica elles tenham menos logar , de que na lyrica . Gray , e Young abundam em imagens igualmente atrevidas , e alheas dos principios , e exactidão philosophica : e nem por isso deixam de merecer a estimação , e apreço dos seus compatriotas ; e mesmo dos estranhos que as tem trasladado do idioma Inglez para o seo . Terá per ventura a poesia dos povos septentrionaes algum privilegio exclusivo de que não goze a poesia dos meridionaes ? . . . Qualquer que seja o juizo que os literatos portuguezes actuaes formem deste novo modo de poetizar : eu me persuado que assumptos tam aridos , e ao mesmo tempo tam su-

blimes e transcendentas não poderão d'outra sorte ser tratados poeticamente com a dignidade, que lhes convem : e que a posteridade será reconhecida ao meo defuncto amigo, por haver introduzido esta nova maneira e gosto na nossa poesia nacional.

ALGUMAS NOTAS

obstante a falta de tempo e de espaço, não se pôde aqui fazer mais do que indicar os pontos principais da obra, e deixar ao leitor a tarefa de aprofundar a matéria. A primeira parte trata da origem e desenvolvimento da poesia nacional, e da influencia das diversas escolas e correntes literarias. A segunda parte contém a critica e a historia da poesia nacional, e a terceira parte trata da poesia nacional em geral, e da sua importancia para a cultura e a civilizacao do povo.

ODE II.<sup>A</sup>

## A' IMMORTALIDADE DA ALMA.

*Strophe 1.<sup>a</sup>*

SONORA , e immortal lyra  
Que o Thebano cantor não desdenhava  
Sustentar em seos braços;  
Quando, inflamado de celeste fogo,  
Os heroes celebrava ,  
Que na carreira olimpica a seo carro  
A victoria prendiam venturosos.

*Antistrophè 2.<sup>a</sup>*

Tu , que suberba ousaste  
Annosos troncos arrancar , e a furia  
Do mar embravecido  
Tornaste branda mais que o brando Zefiro ,  
Dos ingremes rochedos  
Mil vezes viste o escarpado cume (1)  
Pendente para ouvir teo som divino.

*Epode 1.º*

Conhece a destra mão , que a natureza  
 De harmonia cercou , e n'outro tempo  
 As tuas aureas cordas  
 Corria soberana  
 Da indocil Lysia nos dormentes campos.

*Strophe 2.ª*

Olha como ligeiro  
 A fervida carreira o tempo volve ;  
 E fugitivo acena  
 O momento fatal , emque inhumana  
 Vai o punhal buido  
 No coração cravar-me a Morte crua } (2)  
 E entre sombras cerrar meos frouxos olhos.

*Antistrophe 2.ª*

De balde te alvoroças ,  
 O' morte deshumana ; se pretendes ,  
 Com frivola ousadia ,  
 A frias cinzas reduzir-me inteiro:  
 Teo braço furibundo  
 Meo corpo desfará : mas de teos golpes  
 Illesa zombará minha alma intacta.



*Epode 2.º*

Qual ao nauta se pinta o manso porto ,  
Quando , bramindo o vento, o mar lhe agoira  
Imminente naufragio :  
Tal da immortalidade  
Me transporta o sublime pensamento.

*Strophe 3.ª*

Abala destemido ,  
O' invicto Sansom , lança per terra  
As lugubres columnas  
Que em sepulchro commum ham de encerrar-te  
Com teos crueis inimigos :  
Não reeces ficar todo jazendo  
Nos fracos muros da traidora Gaza.

*Antistrophe 3.ª*

Da mão omnipotente  
Abrazado desceu o nobre espirito  
Que o homem engrandece  
Sobre a inerte, pesada e vil materia ;  
E, em rápido momento ,  
O passado e presente retratando ,  
Sobre o mesmo futuro estende a vista.



*Epode 3.º*

Mais veloz do que a setta fende os ares,  
 Em um ponto indiviso se afigura  
 Mil diversas imagens,  
 Que soberano arrosta,  
 Separa, ajunta, considera, e julga :

*Strophe 4.ª*

O tempo em vão reforça  
 O musculoso braço, e fero intenta  
 Em partes retalha-lo :  
 A cortadoura foice so encontra  
 No humano entendimento  
 A essência simples, que combina altiva  
 De um golpe ideas entre si distinctas.

*Antistrophe 4.ª*

O' virtude adoravel !  
 O' tu das grandes almas nobre encanto,  
 Do homem nas entranhas  
 Teo nome está impresso : embora o vicio  
 O coração lhe embote :  
 Se vê luzir na terra a tua imagem,  
 Enternecido para, e te contempla !

*Epode 4.º*

Em seos gestos trasluz a liberdade :  
 Livre , escolhe seguir as solitarias  
 Veredas da justiça ;  
 Ou se entranha , imprudente ,  
 Do vicio no enredado labyrintho .

*Strophe 5.ª*

Mas que horror repentino  
 Do sangue o curso em minhas veas prende (‡) !  
 Da morte o horrído livro  
 Eu vejo abrir-se ! A despiedada penna  
 Que o traçour , ensopada  
 Foi em sanguinea tinta : só cruentos ,  
 Lugubres caracteres la divizo .

*Antistrophe 5.ª*

Ja mal se avista a historia  
 Da primitiva edade do Universo ;  
 Nos alagados braços  
 A vida inda recente lhe suffoca  
 Deluvio deshumano ;  
 De novo surge ; mas de novos homens  
 Nações inteiras aqui vejo escritas .

*Epode 5.º*

Ah! he certo, Deus grande, sim da morte (5)  
 A inexoravel, tragadoura foice  
     Talha, destrue, consome  
     Quanto encerra o universo;  
 Nem lhe resiste o bronze endurecido.

*Strophe 6.ª*

So firme, e perduravel (6)  
 O espirito do homem a despreza,  
     Seo golpe afronta intrepido.  
 Não vacila um instante, ao ver que tudo  
     Quanto existe annuncia,  
 No Creador supremo, eterno Nume,  
 O amor da justiça, e da virtude.

*Antistrophe 6.ª*

O vicio triumphante  
 Vê na terra empunhar soberbo sceptro :  
     De mal cortado louro  
 Cingindo a refohada , astuta frente :  
     Em quanto algoz infame  
 Com afiado alfange la destronca  
 A cabeça do justo desgraçado.

*Epode 6.º*

Do infinito Ser a idea augusta  
Em tanto se lhe aviva : e imperioso  
Magnifico desejo  
O' coração lhe exalta ,  
E para o summo bem ancioso o leva.

*Strophe 7.ª*

Então arrebatado  
De insolito prazer exclama : ó grande ,  
O summa potestade  
Que em meo peito gravaste o amor da ordem ,  
E de gozar-te um dia  
Fervorosa apetencia me inspirarte !  
Seria em vão que tudo assim fizeste ?

*Antistrophe 7.ª*

Deste-me o sentimento  
Sublime d'ordem , so para tornar-me  
Espectador afflicto  
Da desordem que em todo o vasto mundo  
Sacode ardentes fachos ?  
Já mais o vicio generá punido ?  
E a virtude infeliz será sem premio ?



*Epode 7.º*

Suspirarei em vão por adorar-te,  
Face a face, em dilicias inefaveis?  
Desejo interminavel  
Devorará minha alma  
Que contemplar-te de continuo anhela?

*Strophe 8.ª*

Eu não te temo, ó morte,  
Em vão me encaras com soberbo aspecto:  
Erguendo a immortal frente,  
No seio immenso do supremo Nume  
Abrigado, a victoria  
Heide arrancar-te n'esse mesmo instante,  
Emque cruel aniquilar-me intentas.

*Antistrophe 8.ª*

Vem, ó minha esperança,  
O' immortalidade, vem cercar-me:  
Teo nome só estreita  
O peito do malvado, que despreza  
A placida virtude,  
E com tremula boca o Nada invoca,  
Para esquivar-se á merecida pena.



*Epode 8.º*

Troe embora do Averno a voz medonha,  
 Que temeraria intenta combater-te :  
     Tortuosos sophismas  
     Deslumbraam , mas não podem  
 Da verdade extinguir a luz brilhante.

## OBSERVAÇÕES , E NOTAS.

(1) Esta ode ; bem como quasi todas as outras ,  
 existem nos originaes do autor escritas mais de uma  
 vez. Nas copias mais correctas se acham estes dous  
 versos da primeira antistrophe da maneira seguinte.

Pendente viste o escarpado cume ,  
 Mil vezes , para ouvir teo som divino.

Como porém em alguma d'ellas achasse signal de que  
 o autor não estava plenamente satisfeito com os di-  
 tos versos , e elles me parecessem menos perfeitos  
 do que convinha á belleza deste poema , me determi-  
 nei a fazer-lhe a pequena alteração comque vão es-  
 criptos ; com a qual , a meo ver , fica mais perfeitamente  
 o sentido dos mesmos versos destruindo toda a apa-  
 rencia de amphibologia.

(2) Estes dois versos liam-se no original assim

E seo punhal brandindo ,  
 Morte horrenda vai cravar-me o golpe.

(5) No original lia-se.

Teo braço descarnado  
 Pode o corpo ferir , mas permanente  
 De mim fica a porção mais nobre e bella.

(4) Esta strophe acha-se assim escripta no original.

Mas que horror repentivo  
 As veas me circula espavoridas ?  
 Da morte o immenso livro  
 Eu vejo abrir-se. Em sangue se ensopava  
 Apenna que o traçára ,  
 E as mal abertas letras só parecem  
 De atro sangue um tecido triste , e horrendo.

Que um horror repentivo prenda , e como que gele o sangue nas veas , nada ha mais natural. Virgilio para exprimir o horror que causára a Eneas o sangue de Polydoro , gotejando das raizes do arbusto , que havia nascido em cima da sepultura d'aquelle desgraçado principe , põe na boca do seo Heroe estas palavras.

. . . . . mihi frigidus horror  
 Membra quatit , gelidus que coit formidine sanguis.

Eneas estremeceu , e gelou-se-lhe o sangue ; este he o effeito natural de um grande , e subito horror : mas um horror repentivo circulando pelas veas , e estas sentindo-se espavoridas , são imagens senão improprias , pelo menos summamente atrevidas. Com tudo , como a liberdade que me foi concedida pelo autor , ou antes o preceito que per elle me foi imposto , em o leito da morte , de reyer , e corrigir suas obras ,

me

me não autorise para antepôr absolutamente o meo juizo ao seo , principalmente em materias de gosto em poesia , para as quaes o meo espirito he tam acanhado , quanto o seo era extenso : por isso deixo sempre aos leitores todos os meios de poderem constituir-se juizes nos pontos em que as nossas opiniões são discordes. No resto da strophe pratiquei as alterações que o leitor facilmente notará , tendo em vista evitar a repetição da palavra *sangue* , e augmentar a idea do horror que o livro da morte , subitamente aberto ante os olhos do autor , devia inspirar-lhe.

- (5) He pois certo , Deus grande , que da morte  
 O inexoravel , afiado alfange  
     Talha , espedaça , mata  
     Quanto encerra o universo ,  
 E nem perdoa ao bronze endurecido ?

Assim he que este epode se acha no original.

- (6) Esta strophe tambem foi alterada. No original lia-se :

Mais duravel que o bronze ,  
 O espirito do homem a despreza  
 E o golpe apara intrepido :  
 Não vacilla um instante , ao ver que tudo  
 Em alta voz pregoa  
 No Nume Creador , immenso e eterno  
 O amor da justiça , e da virtude.

No terceiro verso desagradou-me o som que resulta da contracção da ultima vogal da palavra *golpe* seguida da palavra *apara*. Mas sobre tudo determinou-me a alterar esta strophe a consideração de maior nobreza e valentia que há , em afrontar um golpe mortal , do

que em apará-o. Estas observações parecerão talvez miúdas : mas julgo-as de alguma conveniencia, não só porque serviram de fundamento as alterações que fiz nas excellentes composições do meo amigo : mas por que entendo que em um tempo em que frequentemente se publicam obras poeticas cheas de incorrecções , e gravissimos defeitos de lingoagem , he de não pequena utilidade fazer sentir aos poetas moços a severidade com que devem castigar suas poesias. Nas odes que hoje publico podia mui bem ter logar a indulgencia de Horacio : *Non ego paucis offendar maculis, ubi plura nitent in carmine*. Porém não estão no mesmo caso a maior parte das composições poeticas de nossos vesificadores nacionaes , que de certa epoca em diante se tem dado á luz publica.

---



CANTATA II.<sup>A</sup>

## A' IMMORTALIDADE DA ALMA.

*Recitativo 1.º*

**P**ORQUE choras, Fileno? Euxuga o pranto  
Que rega o teu semblante, onde a amizade  
De seos dedos gravou o terno toque.

Ah! não queiras cortar minha esperança,  
E de dor embeber minha alegria.

Tu cuidas que a mão fria

Da morte, congelando os froxos membros,

Nos abismos do nada inexcrutaveis

Vai de todo afogar minha existencia?

He outro o meo destino: outra a promessa

Do espirito que em mim vive e me anima.

A horrenda sepultura

Conter não pode a luz brilhante e pura,

Que soberana rege o corpo inerte. . . .

Não descobres em ti um sentimento

Sublime e grandioso, que parece

Tua vida estender alem da morte?

Attenta..... escuta bem..... Olha..... examina.....

Em ti deve existir: eu não te engano.....  
 Tu me dizes que existe..... Ah! meo Fileno,  
     Como he doce a lembrança  
 D'essa vida immortal em que, banhado  
 De inefavel prazer, o justo goza  
 Do seo Deus a presença magestosa.

*Aria 1.<sup>a</sup>*

Desperta, ó morte:  
 Que te detem?  
 Teo cruel braço  
 Esforça, e vem.  
 Vem, por piedade,  
 Já traspasar-me,  
 E avisinhar-me  
 Do summo Bem.

*Recitativo 2.<sup>o</sup>*

E queres que eu prefira  
 Humanos passatemplos ao momento,  
 Emque raia a feliz eternidade?  
 Um Deus de amor m'inflamma:  
 E já no peito meo mal cabe a chamma  
 Que docemente o coração me abraza.  
 Eu vôo por elle: elle só pode  
 Minha alma, sequiosa do infinito,  
 De todo saciar: este desejo  
 Me torna saboroso

O calix que tu julgas amargoso,  
Fíleno, doce amigo, a mão estende,  
A minha aperta : não te assuste o vél-a  
De mortal frio já passada e languida.

Mais duravel que a vida,  
He da amisade a tea delicada,  
Se a virtude a tecen. . . . Em fim, ó morte,  
Tu me mostras a foice inexoravel.  
Amarga este momento : eu não t'ó nego,  
Meo amante Fíleno ; a voz já prêsa

Sinto faltar-me, o sangue  
Nas veas congelar-se : pelo rosto  
Me cai frio suor : a luz mal posso  
Das trevas distinguir, e sufocado  
O coração desmaia.

Vem immortalidade, vem, ó grande,  
Sublime pensamento,  
Adoçar o meo último momento.

*Aria 2.ª*

O' Nume infinito,  
Que aspiró a gozar,  
O meo peito afflito  
Enche de valor.

Suave esperança  
De sorte melhor,  
Quanto d'este instante  
Adoças o horror !

---

 ODE III.<sup>A</sup>

 SOBRE A NECESSIDADE DA REVELAÇÃO.
 

---

*Strophe* 1.<sup>a</sup>

**S**IM, Platão, he verdade, e a tua mente  
 Sublime adivinhava  
 Os ségredos de um Deus justo e clemente.  
 Do homem a razão minguada, e escrava  
 Não pode descobrir um culto dino  
 D'aquelle que o creou, Ente divino.

*Antistrophe* 1.<sup>a</sup>

Com tresp dobrada venda lhe rodea  
 Suberba mentirosa  
 O espirito abatido; e em vil cadea  
 O maniata a carne revoltosa:  
 Precipitado sobre a terra corre,  
 E incerto de seo fim, respira e morre.

*Epode* 1.<sup>o</sup>

De sua origem nobre  
 Lembrado, as vezes quer em vão soltar-se.  
 Pesada nuvem tenebrosa o cobre;  
 Sente desanimar-se  
 E o pesado grillhão mais apertar-se.



*Strophe 2.<sup>a</sup>*

Desce do Olimpo , ó Musa luminosa ,  
 Que das acções humanas  
 Conservas a memoria fastuosa :  
 Aparecei , ó folhas deshumanas  
 Do livro antigo , que o medonho crime  
 Per toda parte com seo sello imprime.

*Antistrophe 2.<sup>a</sup>*

Do horror a ferrea fria mão me abate ,  
 E o sangue represado  
 Nas assustadas veas mal me bate :  
 O' homem ! pega , e lê sobresaltado  
 As criminosas provas da baxeza  
 De tua envilecida natureza.

*Epode 2.<sup>o</sup>*

De mil feitos atrozes  
 As cidades cingidas se levantam :  
 Com ellas surgem barbaros , ferozes ,  
 Altos genios , que espantam ,  
 E o sanguinario despotismo plantam.

*Strophe 3.<sup>a</sup>*

Aqui reluz ãlfange fraticida ,  
 Ali o escuro engano  
 Na honra crava asperrima ferida :  
 Ora a baxa ambição cinge inhumano ,  
 Cruento diadema ; ora a avareza  
 Empunha o sceptro , em toda a Redondeza.

*Antistrophe 5.<sup>a</sup>*

O' Mexico ! ó cidades desgraçadas  
 Do novo afflicto mundo !  
 Parece-me que vejo inda ensopadas  
 Em sangue as vossas casas ; furibundo  
 Voraz fogo nos ares estalando ,  
 Os vossos deveis muros arrazando.

*Epode 3.<sup>o</sup>*

Embora cante a fama  
 A constante invencivel fortaleza  
 De Colombo immortal , do invicto Gama :  
 A Europea crueza  
 Manchou depois a sua nobre empreza.

*Strophe 4.<sup>a</sup>*

Qual a febre abrazada , se raivoza (1)  
 Com a mão pestilente  
 As veas toca , chamma furioza  
 N'ellas accende , e o calor ardente ,  
 Que da vida era d'antes alimento ,  
 Torna da morte barbaro instrumento.

*Antistrophe 4.<sup>a</sup>*

Tal o homem mil vezes impellido ,  
 Da paixão.que o devorà ,  
 A crimes faz servir enfurecido  
 Os inventos de uma alma creadora ,  
 Que á natureza , com constancia rara ,  
 Para honrosas façanhas arrancara.

*Epode 4.º*

Vergonhosa ignorancia  
 Com elle nasce , e lhe'acompanha os passos :  
 O erro estende , cheo de arrogancia ,  
 Os alongados braços ,  
 E lhe tece bramindo astutos laços .

*Strophe 5.ª*

Na Grecia', das sciencias mae fecunda ,  
 Ousou erguer altivo .  
 O throno , e fez soar a voz immunda .  
 Tu o sentiste , ó Socrates ! e activo  
 Tentaste em vão rasgar o veo sagrado ,  
 Que da verdade cobre o rosto amado .

*Antistrophe 5.ª*

O homem vias de maldades reo ,  
 E incerto meditavas  
 Propicio modo de aplacar o Ceo :  
 Em duvidas fervendo te agitavas :  
 Provaste em fim que só celeste guia  
 Este segredo revelar podia .

*Epode 5.º*

Gemendo ao ver o crime  
 Confundir sua face horrenda , e brava  
 Com a virtude candida e sublime ,  
 Athenas condemnava  
 O que Lacedemonia premiava .

*Strophe 6.<sup>a</sup>*

O' tu , lasciva mais do que formosa ,  
 De Chypre , infame Dea ;  
 O' cego Deus ! ó Juno ambiciosa !  
 Tu Jupiter suberbo , que á cadea  
 Dos fabulosos Numes presidias ,  
 E a filha de Agenor baxo servias.

*Antistrophe 6.<sup>a</sup>*

Ridiculo esquadraõ , que meneaste  
 O sceptro sobre a terra ,  
 E o mal votado incenso profanaste ,  
 Devido só áquelle em quem se encerra  
 O poder , a justiça , a providencia ,  
 A bondade , e a suprema intelligencia.

*Epode 6.<sup>o</sup>*

O vosso duro imperio ,  
 Etribado em chimerica grandeza ,  
 Longo tempo occupou todo o hennispherio :  
 Da humana natureza  
 Assaz provou a misera fraqueza.

*Strophe 7.<sup>a</sup>*

Em que clima , á tam grande desventura  
 Nasce o remedio certo ?  
 Onde habita a razão suave e pura ,  
 Que possa alumiar meo peito incerto ?  
 De valor revesti-lo , com que afronte  
 Intrepido do crime a enorme frente.



*Antistrophe 7.<sup>a</sup>*

He possível, Bondade incomparavel ,  
Que a tua mão divina..... (2)  
Formasse a mente humana miseravel !  
Que a trevas e fraqueza vil e indina  
A condemnasse ! e o homem arrastrado  
Do vicio siga o detestavel brado !

*Epode 7.<sup>o</sup>*

Com pincel enganoso  
De falsas sombras o prazer cercando ,  
Quantas vezes correr precipitoso  
Me viu executando  
O que eu dizia ser torpe , e execrando ?

*Strophe 8.<sup>a</sup>*

Existe per ventura um ser perverso ,  
Que poderoso imperá ,  
Como Tu , no vastissimo universo ?  
Que movendo a cabeça horrenda e fera ,  
Transtorna quanto pensas , e envenena  
O que crear a tua mão acena ?

*Antistrophe 8.<sup>a</sup>*

Se o sceptro universal he teo somente ,  
O' Nume sublimado ,  
Que incenso queimarei ? Que voto ardente  
Poderei no meo peito , sossobrado  
Das paixões , conceber , que aplaque a ira  
Que a minha vida criminoso inspira ?

*Epode 8.º*

Farei subir aos ares  
 Em denso cresco fumo revoando  
 De victimas o sangue? e em teos altares  
 Mil dons apresentando,  
 Acaso o teo furor verei mais brando?

*Strophe 9.ª*

Qual inquieto volve os vagos olhos  
 Perdido navegante,  
 Que em toda parte miseros escolhos  
 Teme encontrar: tal cego e vacilante  
 Eu erro a um lado, e outro; nada aprendo  
 Em um golfo de duvidas gemendo.

*Antistrophe 9.ª*

Ah! desce á terra, mensageiro augusto,  
 Que haveis de illuminar-nos;  
 Orvalhai, puros Ceos, chovei o justo.  
 Tu não podes, Deus bom, abandonar-nos,  
 Pois somos obras tuas; e a cegueira  
 Escurece do mundo a face inteira.

*Epode 9.º*

Sobre o po derrubada,  
 Sua orgulhosa frente a idolatria  
 Arrastre, e nos abismos sepultada,  
 Não-torne a luz do dia  
 A turbar com horrivel ousadia.

## OBSERVAÇÕES , E NOTAS.

(1) Pouco satisfeito d'esta strophe, eu a tinha mudado assim :

*Strophe.*

Qual devorante febre, quando irosa  
 Com ignea mão tocando  
 As entranhas, e n'ellas furiosa  
 O seo lethal veneno derramando,  
 O calor, que da vida era alimento,  
 Torna da morte barbaro instrumento.

Porém a consideração de que esta ode mereceu ser coroada pela Academia Real das sciencias de Lisboa, em um dos concursos mais numerosos aos premios de poesia, me determinou a reprimir a minha primeira intenção.

(2) Esta anti-strophe achava-se em uma das copias autografas, da maneira seguinte :

He possivel, Bondade incomparavel,  
 Da tua mão divina  
 Descesse a mente humana miseravel,  
 Em trevas e fraqueza vil e indina  
 Embebida, e que o homem arrastrado  
 Do vicio siga o detestavel brado?

Certo porém de que o autor tentava corrigi-la, me animei a substituir-lhe a que vai no corpo da ode.

ODE IV.<sup>A</sup>SOBRE A EXISTENCIA DO PECCADO  
ORIGINAL.

OLHA como orgulhosa , caro Stockler ,  
O atrevido rosto  
A ignorancia levanta , e o erro a sêgue  
Com mentirosa mascara ,  
Cobrin-do a fementida horrenda face.  
Em vão blasona ufano  
O homem de systemas vãos e incertos :  
Com deslumbrados olhos ,  
Admirando o clarão mal luminoso ,  
Em vão pretende um dia  
Ver a razão baxar dos Ceos á Terra ,  
Pela mão conduzida  
De profundas sciencias , e de nobre  
Educação prudente.  
Antigo vicio lhe envenena o peito ,  
E de paixões rebeldes  
O compelle a arrastrar a vil cadea ,  
Com que apertado gême.  
Eu vejo a Grecia , e Roma , e o mundo inteiro.  
Desde que o tempo volve



A fatal roda , em fundos precipicios  
 Cair desassissados :  
 Na vaga fantasia revoando  
 Dos miseros humanos  
 Mil brilliantes projectos caprichosos  
 As Filhas da Memoria  
 Fieis me mostram ; mas o crime insano ,  
 Leis mil inconsequentes ,  
 Despotica ambição , torpes costumes ,  
 Imprevistos successos  
 Sobre a terra derrubam , desfiguram ,  
 Sufocam grandes planos.  
 Sempre revive o desgraçado imperio  
 Dos vergonhosos vicios ,  
 E o mundo endurecido as costas verga  
 Ao golpe desabrido  
 Do triplicado açoite com que o crime  
 Tudo doma , e sujeita.  
 Que lugubres ideas ! O meo peito  
 Sobresaltado treme.  
 Cheo de horror , e assombro , mas sincero ,  
 A' corrupção eu digo :  
 Tu es a minha herança , da virtude  
 Só pode raro esforço  
 A' vereda guiar-me não trilhada :  
 Meo coração fraquea ,  
 Mal ouve a voz do vicio lisongeira ,  
 E submetido a segue ;

A razão o condemna , voluntario  
Resvala , precipita-se.  
Grande Deus , se contemplo como seco  
O teo nome repito ;  
Como curvado sob os bens immensos ,  
Que a tua mão esparge ,  
Ingrato , nem ao menos um instante  
De amor sinto abraçar-me ,  
Por este nome santo : então me humilho ;  
E confessar não temo ,  
Que cego , duro coração me anima :  
Que vicio antigo e feo ,  
Sem duvida , alterou o nobre peito  
Que das mãos recebera  
Do Creador o homem innocente.  
Bem summo , amor eterno ,  
Das tuas mãos não sai alma insensivel ,  
Ingrata , irracionavel.

---

CANTATA III.<sup>a</sup>

SOBRE A NECESSIDADE DA REVELAÇÃO.

*Recitativo.*

**D**O trono soberano, que elevado  
Sobre os astros se estriba magestoso,  
E de fulgentes pedras recamado  
Do sol ofusca o rosto luminoso,  
Onde em silêncio fervoroso canto  
De celeste belleza  
Resoa de continuo o nome santo  
Do immenso Ser autor da natureza ;  
Sobre a jacente terra ,  
Baxou os olhos este Deus potente ,  
Todo o Olympo se abala, e em chamma ardente,  
No fundo Averno, pavido se encerra  
O chefe horrendo da infernal cohorte.  
Entre as sombras da morte ,  
O humano coração viu sepultado ,  
E o temerario crime em toda parte  
Estendendo o seo braço ensanguentado ;  
Com impia fatal arte

II.

4

Mil cores , mil aspectos simulando  
O erro viu girar todo o universo ;  
E o seó nome divino profanando  
    Com culto vil perverso ,  
Em vaidosas cadeiras reclinados  
Falsos sabios com mão tremula , escura ,  
Manchavam da verdade a formosura ,  
Em suas proprias forças confiados.  
Então o justo Creator se altera ,  
    De compaixão movido ;  
    E o ceo enternecido  
A bondade adorou que tudo impera.  
Estas vozes em tanto se escutaram  
Que o Nume soberano proferia ,  
E ao som divino cheas de harmonia  
As celestes abobedas soaram ,  
E por mui largo tempo retumbaram.

*Aria.*

O' terra ingrata !  
Do Creator ,  
Que o teo furor  
Fere e maltrata ,  
Conhece a voz.  
    Homem feroz ,  
Tua maldade  
Brada vingança :  
Minha bondade ,



Por te salvar,  
Nova esperança  
Vem-te inspirar.

Louco, e sem tino,  
Com peito impuro,  
Meo rosto puro,  
Rosto divino  
Em vão pretendes  
Descortinar.  
Tudo que emprendes  
O erro audaz  
Vem perturbar;  
Tece-te laço,  
A cada passo  
Que intentas dar.

Um salvador  
Quero enviar-te,  
Para mostrar-te  
Meo tempo amor.  
Fiel pintura  
De minha essencia;  
Igual em pura,  
Doce clemencia,  
Por ti morrendo  
Quer-me aplacar:  
E o teo horrendo  
Crime espia.

## POESIAS

Tua razão  
Ennevoada ,  
E avassalada  
Pela paixão ,  
Elle abrirá :  
Teo coração  
Sujeito ao crime  
Libertará.  
Em voz sublime  
A minha lei ,  
Que em ti gravei ,  
Te lembrarás.

---

ODE V.<sup>a</sup>SOBRE A VIRTUDE DA RELIGIAO  
CHRISTÃA.*Strophe 1.<sup>a</sup>*

**D**ESEMBAINHA, Mahomét, a espada,  
Vem ferir-me, e provar-me  
Que he santa a tua lei ensanguentada.  
Mas onde está a voz nobre e sagrada  
Que o ceo, para avisar-me  
De tua vinda, despediu á Terra,  
Que impio devastas com tirana guerra (1).

*Antistrophe 1.<sup>a</sup>*

Que inflamado profeta, do futuro  
O veo descortinando,  
Fez raiar a meos olhos teu perjuro,  
Cruento nome? Dize, ó homem duro!  
Em que dia, soando  
A tua voz, cedeu a natureza,  
Para mostrar divina a tua empreza?

*Epode 1.º*

Não queiras, aurea lyra ,  
Manchar as tuas cordas sonoras ,  
Tu quem só virtude afina , e inspira (2)  
Com gesto , e mãos mimosas :  
Não resoes o nome , e a fama indina (3)  
Do monarca impostor da vil Medina.

*Strophe 2.ª*

Vem a meos braços , Livro venerando ,  
Que ao berço inda recente  
Do universo me guias , retratando  
A creadora voz a cujo maído  
O sol resplandescente ,  
A terra , e o mar , e os ceos surgem do nada ,  
E do homem brilha a face sublimada.

*Antistrophe 2.ª*

Encerras , per ventura , o que mendiga  
Minha alma sequiosa ,  
E o que espera da mão fiel e amiga  
Do Ser immenso , que a fraqueza antiga  
Do homem afrontosa  
Conhecendo , lhe aponta o logar onde  
A paz habita , e o grande Deus se esconde ?



*Epode 2.º*

A meiga ingenuidade  
 Sustinha a penna do escritor sublime  
 Que os teos altos conceitos tece e exprime :  
 Encanecida idade  
 As tuas folhas orna , e te levanta  
 Sobre tudo que Roma e Grecia canta.

*Strophe 3.ª*

Justa , dizes , creou-se a mente humana.  
 O' historia sublime !  
 O' dia venturoso ! ó luz sob'rana  
 Que alumia a natureza ufana !  
 Que horrendo estranho crime  
 Te fez ennevoar , e a noite escura  
 As trevas espalhou com boca impura ?

*Antistrophe 3.ª*

Ao lume da razão imperioso  
 Das paxões a ousadia  
 O collo sotopunha tortuoso ;  
 E a terra ao aceno glorioso  
 Do homem se rendia ,  
 Que de seo Deus a imagem retratava ,  
 E de terna innocencia se adornava.

*Epode 3.º*

Em delicias banhado  
 Não temia que a dor austera alçasse  
 O encolhidó braço, e o detestado  
     Ferreo punhal cravasse  
 No seo varonil peito, inda assaz forte  
 Para vencer o mesmo horror da morte.

*Strophe 4.ª*

Sim, eu te reconheço, ó inefavel !  
     O' Ser omnipotente !  
 So a bondade, so virtude amavel  
 De teo pode sair seio adoravel :  
     Mas como ousa insolente  
 O primeiro mortal, com impio peito,  
 Quebrantar, justo Deus, o teo preceito ?

*Antistrophe 4.ª*

A morte a curva foice logo afia :  
     O Averno emtorno soa :  
 E o universo, com fatal porfia,  
 Intenta castigar tanta ousadia :  
     Corrupto sangue cõa  
 Desde então pelas veas alteradas  
 De podre, antigo tronco derivadas.

*Epode 4.º*

Que nova luz me aclara !  
Attenta , ó Manes ! eis o ser que luta  
Co' o grande Ser , e cuja mão avara  
Mancha feroz e enluta  
As suas obras : foi o vil peccado  
Que do homem abateu o nobre estado.

*Strophe 5.ª*

O' Socrates ! ó Grecia ! ouve , e modera  
Teo animo ancioso ;  
Retumba em fim a voz doce e sincera  
Da candida verdade , que severa  
Seo rosto melindroso  
Escondeu tantas vezes ao valente  
Altivo esforço de teo genio ardente.

*Antistrophe 5.ª*

Tu es , Revelação santa e divina ,  
Antiga como o mundo :  
E qual risonha aurora matutina ,  
Tal me desperta a tua luz benina  
Do somno meo profundo :  
Assim , ó summo Bem ! tua bondade  
Comunicas piedoso em toda a idade (4).

*Epode 5.º*

Um messageiro augusto  
 Me promete o Immortal, quando anuncia  
 A morte ao homem, e o gelado susto  
 O sangue entorpecida  
 Do misero culpado, que a belleza  
 Perdera da innocente natureza.

*Strophe 6.ª*

Com juramento eterno solemniza  
 A piedosa promessa  
 O Deus d'Abraam: Jacob o profetiza:  
 De varões alta serie se diviza,  
 Que de pintar não cessa  
 Um Redemptor, um Deus dos ceos baxado,  
 Para valer ao homem desgraçado.

*Antistrophe 6.ª*

O' Juda! Israel em vão se empenha  
 Com mão feroz, e ousada  
 Por arrancar-te o sceptro, até que venha  
 O guia que ás nações mova e contenha.  
 Estrela sublimada  
 De ti hade nascer, que a escuridade  
 Fulmine com os raios da verdade.



*Epode 6.º*

Bethlem mal conhecida  
Entre as cidades de Israel, a frente  
Levanta altiva : patria esclarecida  
Serás do Deus potente ,  
Que á idolatria o denegrido collo  
Cortará , desde um té outro polo.

*Strophe 7.ª*

Teo ferreo coração será mudado ,  
O' povo criminoso ,  
Será de graça e de valor cercado :  
Attende , ó Daniel : ja debruçado ,  
O tempo pressuroso  
A semana da grande vinda aponta ,  
Em que do mundo a salvação desponta.

*Antistrophe 7.ª*

Jerusalem levanta-te , e o teo rosto  
Circunda de alegria ;  
Inunda o peito teo de terno gosto ;  
Ergue os olhos , Sion , a ti exposto  
Está o que annuncia  
Teo Redemptor , a voz que vem bradando ,  
Os seos santos caminhos preparando.

*Epode 7.º*

Fecundo , altivo monte  
 Sobre o cume dos montes vai alçar-se ;  
 D'elle mana sonora clara fonte ,  
 Onde desafrontar-se  
 Virá da sede ardente quanto habita  
 Sobre a terra de males mil afflita.

*Strophe 8.ª*

Eis aparece o Deus de fortaleza :  
 Quem poderá expor-te ,  
 O' Israel , da sua natureza  
 A geração sublime , a grande alteza ?  
 Seo braço nobre e forte  
 Emparelha co' a mesma eternidade ,  
 Com ella mede sua immensa idade.

*Antistrophe 8.ª*

Inclinai-vos , nações , e reverentes  
 Adorai o seo nome :  
 Os seos olhos afaveis e clementes  
 Illustram do Universo as varias gentes :  
 E ja fogo consome  
 Os mudos Deuses , que ellas adoraram ,  
 E com roubado incenso perfumaram.

*Epode 8.º*

Suberbos dons votados  
 Com respeito Sabá, Tharsis lhe off'rece :  
 E quaes de mel os favos delicados ,  
     Taes sua lingua tece  
 Discursos de justiça e de bondade  
 Que , em parabolás , prestam a verdade.

*Strophe 9.ª*

Chora , ó Rachel , o sangue derramado  
     Dos filhos teos mimosos  
 Pelas mãos de um tirano abominado :  
 Ao Egypto corre entanto o desejado  
     Dos povos mal ditosos :  
 Do Egypto chamarei meo filho amavel  
 Diz de Óseas o Deus santo , inefavel.

*Antistrophe 9.ª*

O teo rei , ó Sião ! não vem de guerra  
     E furia revestido ,  
 Como conquistador , que tudo aterra ,  
 E bravo a espavorida paz desterra :  
     De doçura cingido  
 Sobrè pobre jumento as ruas piza ,  
 E á terra com os ceos paz profetiza.

*Epode 9.º*

Quem he este formoso  
 Que vem de Edom com rubro vestimento? (5)  
 O' ceos! ó terra! ó dia, lacrimoso!  
 A dor o seo assento  
 No unguido do Senhor fixou, e o peito  
 Lhe rasga com ferino duro aspeito.

*Strophe 10.ª*

Semblante ja não tem, e ser parece  
 Um homem de amargura:  
 Como ovelha pacifica emmudece;  
 E abatido entre penas desfalece:  
 A alhea desventura  
 Em si tomou movido de piedade,  
 E expia assim a nossa iniquidade.

*Antistrophe 10.ª*

Um traidor infeliz, que se assentava  
 A' sua mesa santa,  
 E o punhal da avareza em si cravava,  
 Por um preço funesto o atraçoava.  
 A horrida garganta  
 Abra o Averno em fim para tragar-te,  
 O' traidor, e entre chammas abraçar-te.



*Epode 10.º*

Com fel impios algozes  
 Accendem do cordeiro a ardente sede :  
 Com riso horrivel, barbaros, ferozes,  
 Que alta vingança pede,  
 O encaçam, as vestes sorteando,  
 E os pés com ferro agudo traspassando.

*Strophe 11.ª*

Esconde-te, ó infame prostituta !  
 Jerusalem cruenta,  
 O som da tua voz sombrio enluta  
 Os sagrados altares, nem te escuta  
 Com face meiga atenta  
 O nume soberano, que do Egypto  
 Salvou o povo teo cansado, e afflito.

*Antistrophe 11.ª*

Vagarás, como esposa abandonada,  
 Sem templo, sem altares:  
 Debalde invocarás a mão sagrada  
 Do Deus d'Abram e Isaac, que outra morada  
 Em apartados mares,  
 Em terras alongadas escolhendo,  
 Te solta justo ao teo destino horrendo.

*Epode 11.º*

Assim per mil maneiras ,  
De inflamados prophetas me annuncia  
Canora tórba o venturoso dia  
Que a mil nações inteiras  
Havia fazer ver o desejado ,  
Per differentes modos figurado.

## OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Esta ode, uma das mais bellas composições poeticas, que honram a poesia Portugueza, merecia um commentario digno da grandeza do seo objecto, da regularidade do seo desenho, e da belleza da sua execução. Porém nem as minhas actuaes circumstancias, nem a brevidade com que desejo dar ao publico estas preciosas produções de um genio verdadeiramente original e sublime, e de um espirito profundamente penetrado das verdades transcendentas, que se arrojou a expôr em linguagem pœtica, me permitem o vagar necessario para o desempenho d'este pensamento; e por isso me limitarei a indicar as poucas variantes que nella encontrei, e apenas aventurarei alguma reflexão grammatical assaz obvia que possa servir-lhe de illustração, e de motivar as pequenas alterações, que ousei fazerlhe.

(1) Que alagas impio com tirana guerra.

(2)

(2) No original estava.

Tu que a simples virtude afina e inspira  
Com suas mãos mimosas.

Pareceu-me que o relativo *que*, sem proposição que designasse perfeitamente a construcção gramatical do discurso, desfeava este epode; tauto mais, quanto a transposição dos verbos *afina*, e *inspira* fazendo que a este ficasse immediata a clausula *com suas mãos mimosas*, aqual só diz respeito ao primeiro, augmentava a confusão da ordem gramatical, e ja fazia o mesmo epode menos perfeito, e menos digno de constituir parte de uma composição tam bella, e tam elegante.

(5) Ja em outro lugar notei que o verbo *resoar* he neutro; e por isso eu antes preferiria a este verso qualquer dos seguintes:

Não celebres o nome e a fama indigna  
ou  
Não pregoes o nome, e a fama indigna

Porém persuadido de que neste passo o autor quiz muito de proposito empregar aquelle verbo em significação activa, julguei que devia deixar subsistir esta novidade, e aos escriptores que se seguirem, a liberdade de adopta-la, ou rejeita-la segundo melhor entenderem, e julgarem conveniente para o aperfeiçoamento da lingua portugueza.

(4) No original estava.

He esta, Summo Bem, tua bondade;  
Comunicaste sempre e em toda a idade.

(5) *Vestimento* he vocabulo , que não tenho lembrança de haver ja mais encontrado em classico algum nacional. Entretanto a palavra *vestimenta* parece , e he geralmente considerada como privativa de certas vestes sagradas , e seria impropria d'este lugar : a desinencia em *ento* , e por tanto a liberdade que o Autor tomou de enriquecer a nossa poesia com mais um vocabulo , que lhe facilite exprimir-se com propriedade, sem sacrificar á rima os pensamentos, me parece assaz fundada para que deva subsistir.



ODE VI.<sup>A</sup>

SOBRE O MESMO ASSUMPTO.\*

*Strophe 1.<sup>a</sup>*

O' Sinai ! ó montanha assignalada  
 Dos pés do Omnipotente !  
 Eu sinto inda soar a voz sagrada ,  
 Que entre raios promulga a ley gravada } (1)  
 No espirito innocente  
 Do homem justo. O' livro grande e santo !  
 Tu me enches de assombro, horror, e espanto !

*Antistrophe 1.<sup>a</sup>*

Um povo antigo atesta a integridade (2)  
 De tudo que em ti leio ;  
 Com vivo fogo , Augusta magestade  
 Me retratas do Eterno a potestade :  
 Do mundo firme esteio ,  
 Único , providente , e bom o aclamas ,  
 E em fervoroso amor minha alma inflamas.

*Epode 1.º*

Quem do commum naufragio (3),  
 Que o orbe inteiro em erros submergia,  
 Este povo salvou, e do contagio  
 Da cega idolatria?  
 Quem no meio de inhospito deserto  
 Do Immenso a mão lhe faz notar de perto?

*Strophe 2.ª*

E ainda temes, ó prezada Iyra (4)!  
 Levantar ás estrellas  
 O sublime mortal, que Deus inspira,  
 Que de celeste força revestira,  
 E mil virtudes bellas?  
 O' Moyses! tua voz não me allucina:  
 A voz que soltas he a voz divina.

*Antistrophe 2.ª*

Fervendo em santa ira abrazadora (5)  
 Os crimes reprehende  
 Do Hebreo ingrato, cuja fé traidora  
 A luz quebranta, que tua alma adora:  
 Seguro a vara estende;  
 Eis vejo a natureza espavorida  
 A teos pés humilhar a frente erguida.

*Epode 2.º*

O povo , de que es guia ,  
 Mil vezes entre as brenhas estremece :  
 Ao ver que a terra , o mar , a noite , o dia ,  
 Que tudo te obedece ;  
 Messageiro fiel da Divindade  
 Te reconhece , e afirma em toda a idade.

*Strophe 3.ª*

Serás tu , per ventura o prometido  
 Medianeiro amavel ? . . .  
 Ah ! tu vens predize-lo ; e em tom subido  
 Entoas de Jacob o recebido  
 Oraculo adoravel .  
 Quem he pois esse angusto messageiro ,  
 Que o pranto hade enxugar ao mundo inteiro ?

*Antistrophe 3.ª*

Já de Jacob o sceptro não impinha  
 Judá , e pressurosa  
 A semana correu que affeito expunha  
 O casto Daniel , quando compunha  
 De Gabriel formoso  
 Ao fatidico aceno : « Onde he que o Justo  
 » Para sempre assentou seo trono augusto ? »

*Epode 3.º*

Qual bussola , agitada  
 De embravecido mar , oscila errante ,  
 O Norte não atina ; tal anciada  
     A minha alma inconstante  
 Crê , presume , vacila , incerta treme ,  
 E em duvidas crueis afflicta geme.

*Strophe 4.ª*

Brioso Gedeão ; Sansão robusto ,  
     Cujo semblante duro  
 Ao longe difundia frio susto ;  
 Guerreiro Josué , vos sois do justo ,  
     Que ancioso procuro,  
 Escassa sombra , por mais alta empreza ,  
 Que abone a vossa illustre fortaleza.

*Antistrophe 4.ª*

A brilhante fortuna , ajoelhando (6)  
     De Salomão potente  
 Junto ao trono la vejo , derramando  
 Com mão profusa , gesto ledo e brando ,  
     De seos bens a torrente :  
 Mas ah ! que elles não são mais que a pintura  
 Dos verdadeiros bens-de eterna dura !



*Epode 4.º*

O' cantor portentoso  
Das grandezas do Nume soberano !  
Se aterraste o gigante pavoroso ,  
Se o destroncaste ufano ,  
Imagem es do vencedor da morte ;  
Mas não he , como o seo , teo braço forte.

*Strophe 5.ª*

Vem aclarar-me , terno Jeremias ,  
Que de suave pranto  
Meo peito banhas : ó fervente Elias !  
E tu , sublime energico Isaias :  
Vinde apontar-me o Santo  
Das nações , longo tempo suspirado ,  
Tantas vezes per vos profetisado.

*Antistrophe 5.ª*

Ea oiço suspirar com voz doente  
Um varão abatido ;  
A virtude o rodea refulgente ;  
Descora ao vê-lo o vicio , e de repente  
Se esconde espavorido .  
Tudo quanto a vaidade humana preza  
Placido e firme , impavido despreza.

*Epode 5.º*

Seos discursos respiram  
 A lingoagem singela da verdade,  
 O amor da justiça, a paz inspiram,  
 A ardente caridade.  
 Acaso, ó ceos! ó Golgotha tremendo!  
 He o homem Deus, que eu vejo em ti morrendo?

*\* Strophe 6.ª*

Em pobres palhas inda tenro infante  
 Envolto se recosta;  
 Tu o viste nascer, ó radiante  
 Venturosa Bethlem, e triunfante  
 A tua frente arrosta,  
 Qual os cedros do Libano copados,  
 Do voraz tempo os golpes redobrados.

*Antistrophe 6.ª*

De Tharsis e Sabá, dons preciosos,  
 O berço lhe adornaram;  
 E em seos muros os povos revoltosos  
 Do Nilo o viram, quando saudosos  
 Ternos ais retumbaram  
 Em Ramá, e Rachel triste chorava  
 Os Filhos, que mão impia lacerava.

*Epode 6.º*

Qual vencedor piedoso ,  
Da paz serena Augusto messageiro ,  
Elle se mostra sem estrepitoso  
Aparato guerreiro ,  
Em singelo triumpho meigo e brando ,  
Jerusalem afflicta consolando .

*Strophe 7.ª*

Ergue a face , ó Siom ! sacode altiva  
O pó do teo semblante :  
Trasborda de alegria pura e viya :  
Eis o teo Redemptor , que a foice esquiya  
Do crime vem constante  
Embotar : eis aquelle grande dia  
Que Abraham , que Jacob te prometia .

*Antistrophe 7.ª*

Escuta a voz , que no deserto brada  
Do precursor austero ,  
Que havia preparar-lhe a ardua estrada.  
Vê como a natureza olha humilhada  
O aceno severo  
De teo Senhor , vê como lhe obedece ,  
Como por Creador o reconhece .

*Epode 7.º*

O mar encapelado ,  
O sostem sobre as ondas, que se espantam,  
E adora humilde os pés do Ser amado  
Que os ceos , e a terra cantam :  
Judá retumba a voz sublime e forte  
Que Lazaro arrancou das mãos da morte.

*Strophe 8.ª*

Mas que languor, ó Musa, se apodera  
Da tua amortecida,  
Chorosa voz? Já frouxa não se esmera  
Em acordar-se aos sons da lyra austera  
Que recusa sentida  
Seguir a mão que, o plectro meneando,  
Com ella aos astros se ia remontando.

*Antistrophe 8.ª*

O' natureza ! cobrê te de luto  
E nunca o teo semblante  
De terno pranto façás ver enxuto :  
Não brôtes mais, ó Terra, doce fructo !  
Teo curso triunfante  
Detem, ó Sol ! e finde essa armonia,  
Que os altos ceos entoão noite e dia !



*Epode 8.º*

De sangue está banhado  
O justo, em afrontosa cruz pendente :  
O Senhor do Universo transpassado  
De dor acerba, ingente :  
Tirano povo as vestes lhe sortea :  
E traição o vendeu, horrenda e fea.

*Strophe 9.ª*

Os macerados olhos lhe circunda  
Piedosa ternura ,  
No coração ajunta á dor profunda  
Os doces sentimentos em que abunda ,  
E do Pai'so procura  
O perdão dos algozes , que o cravavam ,  
E no seo sangue as impias mãos banhavam.

*Antistrophe 9.ª*

O' Ser eterno ! que impressão derrama  
A tua horrivel morte  
Dentro em minha alma ! Que abrazada chamma  
De terna gratidão meo peito inflama !  
O' Deos , e desta sorte  
Quizeste que o perdão fosse sellado  
Aos criminosos do fatal peccado !

*Epode 9.º*

Ao clarão luminoso  
 De inspirados profetas , que cantaram  
 Os factos , que contemplo ferveroso ,  
 . . . As duvidas se aclaram.  
 Ah ! rende , ó Musa , o teo inquieto sp'rito ,  
 E de alegria banha o peito afflito.

## OBSERVAÇÕES , E NOTAS.

Entre todas as composições do autor era esta ode aquella cuja correcção lhe mereceu menos desvelo , sendo talvez a que mais o merecia ; e por isso foi tambem aquella em que pratiquei alterações mais notaveis , e em maior numero : apontarei aqui as principaes. Entretanto seja-me licito dizer que , entre todas as odes sacras de meo defunto amigo , nenhuma conheço , em que mais se manifeste o seo estro poetico , em que resplandeça maior erudição , melhor escolha de imagens , mais nobreza de dicção , nem mais força e deducção nos argumentos. Estes se dirigem umas vezes ao entendimento , outras ao coração , outras á imaginação , e d'este modo elle emprega habilmente todos os meios de persuasão (sem desmentir da dignidade propria do genero de poema que escolhera para expôr em toda a sua magnificencia as ideas sublimes e grandes , que se propoz in-

dicar aos homens) revestidos com os brilhantes atavios, e magestosos ornatos da mais elevada poesia lyrica. A' excepção da ode *ao homem natural*, que publicarei entre as suas poesias profanas, não conheço composição alguma poetica nas lingoas vulgares que exceda, nem talvez possa entrar em parallelo com esta producção, verdadeiramente original, de um genio extraordinario, tanto na sua força, como na sua vastidão.

(1) No original mais correcto estavam estes trez versos da maneira seguinte:

Eu cuido ouvir soando a voz sagrada  
 Que entre raios lembrava a luz gravada  
 No peito inda innocente.

Parece que a imaginação do poeta se exalta de maneira, com a lição dos livros de Moyses, que se lhe figura ouvir ainda soar a voz do Omnipotente, quando do alto do Sinai dictava os preceitos da Decalogo ao povo Hebreo aterrado pela vista das nuvens inflamadas, pelo medonho estrondo dos trovões, e pelo terrivel som das celestes trombetas, que annunciavam a presença do SENHOR. Entretanto o verbo *eu cuido*, mostrando que a illusão do poeta não era perfeita, diminue a força da imagem: e a clausula *ouvir soando* parece involver uma redundancia; pois nenhuma outra cousa se ouve se não sons; e por tanto quem diz *em oiço uma voz*, diz tanto como quem diz *eu oiço uma voz soando*. A *lei gravada no peito innocente* seria clausula preferivel á de que usei, se a lei de que se fala fosse pura-

mente sentimental. Ella he porém em grande parte racional, ou verdadeiramente he toda racional. S. Paulo disse que sentia na sua carne uma lei contraria á do seo espirito. Qual he o homem que não experimenta sentimentos contrarios aos dictames da razão? Poderia dizer-se que esta contradicção, entre a carne e o espirito, ou entre os sentimentos e a razão, he consequencia do peccado; e que antes d'elle, isto he, nos momentos em que nossos primeiros pais existiram innocentes em o Paraizo terreal, estes dois principios da actividade humana não eram descordes como agora. Assim será; mas que necessidade ha de falar nos homens na hypothesis de um estado de que elles não fazem idea? Pelo menos deve convir-se emque a lei de DEUS he sempre racional, qualquer que seja o estado em que o homem se considere. Eu não insistirei mais sobre a validade de minhas razões: emendando como entendi, cumpro com a recommendação de meo amigo: e offerendo aos leitores a lição dos versos que existiam no original, deixo a cada um a liberdade de escolher o que melhor lhe parecer: certo aliás de que discussões d'esta natureza não serão inuteis para aperfeiçoar o gosto das pessoas dadas ao estudo da poesia.

(2) Os primeiros dois versos d'esta antistrophe estavam assim no original

Um povo antigo jura á integridade  
De quanto em ti eu leio.

Não sei se alguns escriptores Rabinos asseveram tam positivamente a integridade do Pentateuco, que ten-



ha lugar o dizer-se que o povo Hebreo jura a integridade dos livros de Moyses. Sei que a historia n'elles contida he igualmente referida per Josepho, e geralmente acreditada pelos Rabinos. Entretanto he evidente que alguns capitulos do Deuteronomio, que tratam dos ultimos successos da vida de Moyses; da sua morte, e de alguns factos posteriores a ella, não foram, nem podiam ser escriptos pelo mesmo Moyses. O Pentateuco foi sem duvida alterado ou acrescentado per Esdras, quando se lhe encarregou a revisão e a compilação dos livros sagrados dos Judeos, depois da sua volta do cativoiro de Babylonia; ou por algum outro Rabino ou sabio Judeo que depois d'elle viveu. Se Esdras he, como alguns supoem, e eu tenho por provavel, o autor dos dois livros intitulos Paralipomenes, ou das coizas omitidas nos outros livros sagrados dos Judeos, o livro do Genesis foi sem duvida por elle acrescentado. No capitulo 36, os versiculos, que decorrem des de N.º 31 ate 40, contem o mesmo que os versiculos que no Capitulo 1.º do livro primeiro dos Paralipomenes decorrem desde N.º 45 ate N.º 50. Ora he claro que Esdras não escreveu estes versiculos nos Paralipomenes, ou livros das coizas omitidas; se não por que no seo tempo a materia que constitue o seo objecto se não achava em nenhum dos livros sagrados dos Judeos; e por tanto hé per Esdras, ou depois do seo tempo, que elles foram acrescentados ao livro do Genesis: esta só prova parece-me bastante para uma nota; e por isso me dispenso de indicar as incoherencias geographicas, e

chronologicas, que igualmente autorisam a suspeita de que o Pentateuco se não acha na sua primitiva integridade : bem que aliás em tudo mereça o nosso mais serio e profundo respeito. Deixando porém discussões historicas e criticas, e limitando-nos ás puramente poeticas, devo dizer que eu bem quizera ter substituido a palavra *genuinidade* ao vocabulo integridade ; porém não cabia no verso, e por tanto foi forçoso que permanecesse a voz integridade ; aqual cumpre que se refira ás cousas contadas n'aquelle livro, e não ao livro mesmo, para salvar as difficuldades indicadas.

(3) Este epode acha-se no original da maneira seguinte :

Quem do comum naufragio,  
 Que o vasto mundo em erros submergia,  
 Este povo salvou ; e do contagio  
 Da cega idolatria  
 O desempesta, intrepido pintando  
 Do grande Ser o nome venerando.

Não me agradou a idea de vastidão unida neste lugar a idea de Mundo ; pois parece mais relativa á sua extensão do que ao numero dos seus habitadores. Tambem me não agradou a pintura do nome de *grande Ser* : nem me parece que Moyses carecesse de intrepidez para referir as maravilhas do SENHOR na criação do mundo, e na salvação do povo Hebreo do cativeiro do Egipto. A maneira pela qual este extraordinario chefe do povo de DEUS o desempeitou da idolatria do Bezerra de ouro não foi por certo escrevendo ; foi punindo-o, e ameaçando-o em nome do

do SENHOR, e isto de um modo tam violento e duro, que não acreditaria de sorte alguma a sua humanidade, nem mesmo o seu zelo da honra do Ser Supremo, se não tivéssemos aliás a certeza deque elle obrou animado de inspiração divina. Vinte e trez mil homens foram nesta occasião passados á espada de ordem de Moyses ; e para que o restante do povo ja aterrado de tam duro castigo , e horrivel carnagem se humilhasse diante de DEUS , e fizesse penitencia como convinha, elle lhe communicou os terriveis ameaços que o Omnipotente lhe havia ordenado de annunciar-lhe por efeitos de sua misericordia.

(4) Esta strophe estava no original como segue :

E ainda temes , minha amada lyra ,  
 Levar té as Estrelas ,  
 O sublime mortal que um Deus inspira ;  
 Que de divina força revistira ,  
 E mil virtudes bellas !  
 O' Moyses ! tua penna não engana ,  
 E um Deus segura tua mão ufana.

O adjectivo numeral *um* unido á palayra DEUS , sempre superfluo quando se fala do unico verdadeiro DEUS , sabe a Gallicismo : e a repetição dentro de uma mesma strophe desfeia algum tanto uma composição lyrica , aonde a riqueza deve igualar a pompa e a elegancia da dicção.

(5) Esta antistrophe acha-se no original da maneira seguinte:

Fervendo em zelo a voz ergue sonora ,  
 Os crimes reprehende  
 Do Hebreo ingrato , cuja fé traidora

A lei quebranta que teo peito adora.

Altivo a vara estende ,

O' homem immortal ; e espavorida

A natureza abaxa a frente erguida.

(6) A antistrophe 4.<sup>a</sup> que julguei dever emendar , principalmente pela especie de ambibologia que encerram os primeiros tres versos , me parece com tudo digna de transcrever-se.

Esta era como se segue :

Aos pés do throno vejo ajoelhando

De Salomão potente

A fortuna , e humilde debruçando

A face encantadora , que espalhando

Está de bens enchente :

Elles são d'outros bens so a pintura ,

E mal retratam sua formosura.

(7) Na strophe 6.<sup>a</sup> se-liam os ultimos quatro versos da maneira que se segue :

Venturosa Bethlem , e triunfante ,

O cume teo se encosta

Desde então entre os cedros elevados

Que o Libano admira em si plantados.

Julguei dever altera-los , por não me agradar eterno cume , applicado a uma cidade ; nem a admiração do monte Libano por ver cedros em si plantados : talvez porém que estas ideas agradem a imaginações mais poeticas do que a minha.

---



ODE VII.<sup>A</sup>

SOBRE O MESMO ASSUMPTO.

*Strophe 1.<sup>a</sup>*

ENTRE azuladas undulantes chammás (1),  
Que em turbilhões de fumo envoltas ardem  
No lago triste e hortendo,  
Onde irosa se mostra a mão potente  
Do Deus immenso e justo,  
Teo tortuoso collo, ó vil peccado!  
Em vão raivoso, sem cessar agitas.

*Antistrophe 1.<sup>a</sup>*

Inimigo fatal do bem supremo,  
Com atrevido braço te arremeças  
Para arrancar-lhe o sceptro,  
Que sobre a eternidade se reclina:  
Ululando te arrastrás  
Nas entranhas do abismo, e furioso,  
A ti proprio lacéras e devoras.

*Epode 1.º*

Ao medonho rugido (2)  
 Do leão de Judá estremecendo,  
 Só infame baxeza,  
 O monstro patentea;  
 Em vão astuto, a piedade implora  
 Do Senhor irritado a quem detesta.

*Strophe 2.ª*

Eis, ó parto infeliz da iniquidade,  
 O teu retrato: nelle os olhos fita.  
 Tremes de horror? . . . Não deixes  
 Em teu peito extinguir doce esperança.  
 A bondade infinita,  
 O Christo do Deus vivo em si teos crimes  
 Gravou, e submergiu-os no seo sangue.

*Antistrophe 2.ª*

Baxai do ceo, virtudes soberanãs,  
 De flores coroi a nivea frente,  
 Olhai-me enternecidas:  
 Eu já não sou o misero que a dura  
 Ingratidão mesquinha  
 Com seo sello marcára: mão divina  
 Apagou o signal, e renovou-me.

*Epode 2.º*

Sublimes sons e novos  
 Desfere, ó lyra, das sonoras cordas;  
 Prende, arreбата, encanta  
 Os ceos, a terra, as ondas;  
 Repassa meos armónicos ouvidos  
 De celeste suave melodia.

*Strophe 3.ª*

Espiritos ardentes e ditosos,  
 Que do grande Adonai o throno excelso  
 Rodeais reverentes,  
 Dizei-lhe que o seo filho, o seo amado,  
 A sua imagem bella,  
 Já com seo sangue borrifou a terra,  
 E consumou a sua nobre empreza.

*Antistrophe 3.ª*

Ao vero vivo amor que te consome (3)  
 O sangue que derramas carinhoso,  
 O' Christo do Deus vivo!  
 Reconheço o meo Deus, o Ser eterno  
 De inefavel bondade;  
 Que ás suas obras quer comunicar-se,  
 Mais e mais em si mesmo transforma-las.

*Epode 3.º*

Qual namorado Esposo (4)  
 Olha , contempla , e transportado admira  
 O rosto delicado  
 Da terna meiga Esposa ,  
 Assim minha alma absorta , o Deus eterno  
 Abrazada de amor humile adora.

*Strophe 4.ª*

Revolve , ó mão perjura , que pretendes  
 Teo Redemptor ferir com dura guerra ,  
 Os factos que , volvendo  
 O tempo a roda lubrica , deixara  
 Salvar do abismo escuro ,  
 Onde tudo desfaz , tudo amortece ,  
 E em eterno silencio ao mundo esconde.

*Antistrophe 4.ª*

A lucida evidencia do suberbo  
 E grandioso timbre , que lhe dera  
 A brilhante verdade ,  
 Historia não gravou com força tanta ,  
 Como aquella que narra  
 As maravilhas do Pastor divino ,  
 Do Mestre de Israel , Senhor do mundo.



*Epode 4.º*

Onde vês levantando (5)  
Seis constantes varões a nobre frente ,  
    Jurar que fieis pintam  
    Factos per elles vistos ;  
E firmes no medonho cada falso ,  
Com seo sangue sellar 'o juramento ?

*Strophe 5.ª*

Pode o erro feroz espessa venda  
Em cor negra tingir , e astucioso  
    Trez vezes envolvê-la  
Em torno aos olhos de illudida gente :  
    Quando aerios systemas  
Sublimes pontos explicar pretendem ,  
Que uma fraca razão mal descortina.

*Antistrophe 5.ª*

Mas não pode, por mais que a venda engrosse,  
Retratar a meos olhos perspicazes  
    Emperrada doença  
Cedendo , vezes mil á voz de um homem ,  
Encolhida fugir ; e a morte fera  
    Os tumulos abrindo  
As victimas soltar que devorara :  
Não chega a tanto magico prestigio.

*Epode 5.º*

Tem martyres cruentos  
 De infames Seitas esteiado a gloria ;  
 Mas só tu, ó amavel  
 Religião divina ,  
 Contas altivos martyres que attestam  
 Ter visto o que rubricam com seo sangue.

*Strophe 6.ª*

O' Tabor ! ó lugar santo e invejavel ,  
 Onde Pedro em delicias embebido ,  
 Morada Sempiterna  
 Pretendia assentar : ó doce annuncio  
 Do celeste banquete !  
 Do unguido do Senhor entoa a gloria ,  
 E as maravilhas suas apregoa.

*Antistrophe 6.ª*

O' tu , entre os discipulos amados ,  
 Sublime Evangelista, por um pouco ,  
 Dos Ceos á Terra desce ;  
 Vem com divinas cores esbossar-me  
 O dia esperançoso ,  
 Em que da morte conquistou o imperio  
 O Leão de Judá com braço forte.

*Epode 6.º*

Já estala e se aparta  
 A lisa pedra que orgulhosa intenta  
 Encerrar o Deus vivo.  
 Atonitos , prostrados  
 Per terra jazem os crueis soldados  
 Que o sagrado deposito vigiam.

*Strophe 7.ª*

Não permitas , Senhor, que a immunda e torpe  
 Corrupção com seo bafo pestilente  
 Contamine o teo Santo.  
 Embrança prompto o diamantino escudo ;  
 Com elle , firme o cobre :  
 Inunda-o de prazer : da mão te brota  
 Inexhaurivel fonte de delicias.

*Antistrophe 7.ª*

O' abraçado Pedro , ó fervorosa  
 Amante Magdalena , quem te prende  
 Os vagarosos passos ?  
 Corre anciosa , vòa , vê , e adora  
 O teo divino Mestre ,  
 Que triunfante surge , e valeroso  
 Da morte piza o indomavel collo.

*Epode 7.º*

Sim, Thomé, não hesites (7),  
 Examina as recentes cicatrizes  
 Das amorosas chagas  
 Que os homens resgataram  
 Do crime universal. He elle, he elle!  
 De jubilo exultai, ó Ceos, e Terra.

*Strophe 8.ª*

Vós o vistes, discipulos ditosos,  
 Glorioso esquadrão, que vos nutrieis  
 De amor puro, e divino:  
 Multidão venturosa que, agitada  
 De pasmo e de alegria,  
 Adorastes o Deus clemente e santo,  
 Já do seio da morte resurgido.

*Antístrophe 8.ª*

Este o facto inaudito que sellaram,  
 Com seo sangue, e no seio dos oprobrios,  
 Constantes repitiram:  
 Tanta firmeza, ó Erro, não inspiram  
 Teos miseros sophismas:  
 Impavido arrostrar morte afrontosa  
 Só he dado a varão piedoso e justo.



*Epode 8.º*

Qual rompe o Sol, e ardente  
Dissipa a espessa denegrida nevoa,  
Que tolda a escura terra;  
Assim luzentes raios  
Sobre o Espirito meo esta verdade  
Derrama, e d'elle as nuvens afugenta.

*Strophe 9.ª*

O' Musa, que me inspiras animosa,  
Novas cores ajunta ao nobre quadro  
Que suberbo desenhás:  
Ouve o guerreiro estrepito que atroa  
Os deplorados muros  
Da misera Siom: vê como a cinge  
Romana bellicosa soldadesca.

*Antistrophe 9.ª*

Já batem os aríetes horrendos  
Com medonho fragor as suas torres;  
A descorada fome,  
O odio, o horror, per toda parte a investem,  
E o venenoso vulto  
Ergue a peste lethal; medonha e fera,  
Mortaes flechas em torno arremeçando.

*Epode 9.º*

Que scena , ó Ceos , avisto !  
 La rasga Mae cruel o tenro peito  
 Do misero filhinho !  
 Já sobre ardentes brasas  
 Lacerado o arroja , e deshumana  
 Ceva a fome na carne que gerara.

*Strophe 10.ª*

Jerusalem rebelde , vê alçando  
 O horrído semblante no teo seio  
 O crime furibundo :  
 Já freme a crepitante labareda  
 Em torno do teo templo :  
 Em vão procuras extingui-la : irado (8)  
 Divino sopra a voraz chamma atea.

*Antistrophe 10.ª*

Tuas culpadas ruas estremecem :  
 Per toda parte a morte te rodea :  
 Cahida em terra jazes,  
 De lividos cadaveres juncada :  
 Nunca mais o teo templo  
 Se erguerá ; e o teo povo vagabundo  
 Será d'oprobrio e dor fatal objecto.

*Epode 10.º*

O' Messias divino , (9)  
 Tu assim fielmente o prediceste !  
 Cumpriu-se o vaticinio :  
 O cego errante povo ,  
 Escarneo das nações , ao mundo rende  
 Da tua Divindade clara prova .

## ORSEVAÇÕES , E NOTAS.

(1) Esta ode , suposto que inferior ás antecedentes , he com tudo admiravel pela força dos argumentos ; pela viveza das imagens ; e pelas figuras da dicção mui habil e dignamente empregadas . A comparação das correções que lhe fiz , com o original , bastara pela maior parte para fazer sensiveis as razões que me determinaram a preferir as alterações que pratiquei . A primeira foi nesta strophe , a qual quasi inteiramente mudei : ella estava no original da maneira seguinte :

Entre *ferventes* chammas abrazadas ,  
 Que denso escuro fumo envolve , *esconde*  
 No lago triste e horrendo ,  
 Que a colera creou de *um* Deus potente ,  
 Teo enroscado collo  
*Eu* te vejo agitâr , ó vil Peccado ;  
 E de bramidos atroar o Averno .

(2) Eis aqui como se achava no original este epode :

De terror abatido ,  
 O monstro ás vezes abrandar forceja  
 O Deus que impio aborrece :  
 So misera baxeza  
 Descobre em si , e roo de culpa immensa  
 Sacrificio não tem , comque apaga-la.

A clausula *abrandar forceja* , considerada na ordem natural da gramatica, não he construcção Portugueza; e contemplada como modo de falar figurado , nem graça nem energia dá ao verso aonde está empregada. O artigo antes da palavra *DEUS* he ordinariamente tanto , ou ainda mais inadmissivel, do que o adjectivo numeral *um*, substituihi o verbo *patentea* á expressão *descobre em si*; por que *patentea* equivale a fazer visível aos outros ; e isto he sem duvida o que o poeta queria dizer ; apezar de que a clausula de que usou não o exprima claramente.

(3) A antístrophe 3.<sup>a</sup> estava no original desta maneira :

Ao soberano Amor , *que te consome* ,  
 Ao sangue que fumeja , e que derramas ,  
 O Christo de Deus vivo  
 Recouheço , o meo Deus , o *Bem supremo*  
 Que *embebido* em bondade , etc.

(4) O epode 3.<sup>o</sup> estava assim :

Qual namorado Esposo  
 Olha , contempla e trespassado . . . .  
 O rosto delicado ,  
 A que terno anhelava :  
 Assim de *um Deus de Amor* sinto ferida  
 Minha alma arrebatar-se , e contempla-lo.



- (5) . . . Onde vês levantando  
 Seis varões sua frente virtuosa ,  
 Jurar que fíeis pintam  
 Factos por elles vistos :  
 Depois sobre medonho cadafalso  
 De seo sangue tingir o juramento ?  
 D'este modo he que se achava o Epode 4.º

(6) No original lia-se esta strophe do modo seguinte :

Não permitas eterno Ser que ouse  
 A fea corrupção com toque impuro  
 Profanar o teo santo :  
 Embraga o diamantino escudo, e cobre  
 O seo corpo adoravel,  
 Embebe-o de prazer; da mão te pende  
 Infinito deleite, goso immenso.

(7) O epode do mesmo ramo , e a strophe immediata eram como se segue :

*Epode.*

Vem infiel Apostolo ,  
 Apalpa as refulgentes cicatrizes  
 Das amorosas chagas  
 Que o teo crime resgatam :  
 He elle ; não duvides : alegrai-vos ,  
 De jubilo exultai ; ó Ceos e Terra.

*Strophe.*

Vós o vistes , Discipulos ditosos ,  
 Glorioso Esquadrão , que se nutria  
 De amor casto e divino,  
 Mais de quinhentos humilhando o rosto  
 Entre vivos transportes  
 Adoraram o Deus ressuscitado ,  
 A Divindade amiga dos humanos.

(8) Estes dous versos estavam no original assim :

Em vão forcejas apagal-o ; irado  
Um Deus a chamma abrasadora acende.

(9) O ultimo epode era do modo que passo a transcrever.

O Messias divino ,  
Assim tu fielmente o predizias ,  
E os meos olhos encontram  
O vagabundo povo ,  
Depois de tantos revolvidos seculos ,  
Da tua divindade sendo a prova.

---

---

 ODE VIII.<sup>A</sup>

 SOBRE O MESMO ASSUMPTO.
 

---

*Strophe 1.<sup>a</sup>*

**R**ETUMBA emfim de Paulo a voz divina,  
 Escuta homem culpado :  
 Embora o escarneo vil, com mão ferina,  
 A tua face torne impia e malina ;  
 Verás ajoelhado  
 Todo o mundo adorar seo Mestre amado.

*Antistrophe 1.<sup>a</sup>*

Vae , ó Musa , afinar outro instrumento ;  
 Trase a lyra sonora  
 Do cisne de Israel : não visto intento,  
 Elevado inaudito pensamento  
 Me occupa e me namora,  
 Que requer voz sublime , e encantadora.

*Epode 1.<sup>o</sup>*

Do Libano se abalam  
 Os altos cedros já de ouvir-me anciosos :  
 E os ventos furiosos  
 O seo zunido calam ;  
 De perturbar meo canto temorosos.

II.

*Strophe 2.<sup>a</sup>*

Não sordidá Avareza , nem cruenta  
 Ambição· deshumana ,  
 Que de honras vans e sangue se alimenta ,  
 A minha voz sincera move , e alenta :  
 Nem já paixão insana  
 O peito dos mortaes cativa e engana.

*Anistrophe 2.<sup>a</sup>*

Em longa assidua guerra combater-te  
 E depois de cortado  
 O merecido loiro , refazer-te ,  
 Para de novo mais e mais vencer-te ,  
 Ate ver suffocado  
 O leão que em ti ruge concentrado.

*Epode 2.<sup>o</sup>*

Esgotar valoroso  
 Amargo Calix ; d'elle imbrigar-te ,  
 E como Reo portar-te  
 Ante o Deus justicoso :  
 Eis o que venho , ó Homem nunciar-te.

*Strophe 3.<sup>a</sup>*

Do mundo a pompa e o frivolo conceito ,  
 Armado de humildade ,  
 Desprezar com sereno , ledó aspeito :  
 E ao esplendor, que exige vão respeito ,  
 Frugal simplicidade  
 E a pobreza antepôr , e a caridade.



*Antistrophe 3.<sup>a</sup>*

Eis a lei que promulga o Deus que desce  
 Dos Ceos á terra ingrata.

Que n'uma Cruz pendente se offerece,  
 Entre dores expira, e desfalece,

Entregando-se á morte  
 Para dos homens melhorar a sorte.

*Epode 3.<sup>o</sup>*

Do tumulto horroroso,  
 Com magestade nova, eis ergue a frente:  
 E agora refulgente;  
 Mais que o Sol luminoso  
 Nos Ceos, inspira e brilha astro luzente.

*Strophe 4.<sup>a</sup>*

Assim Paulo falava, e sem abrigo,  
 Sem protector mundano,  
 Regenerar intenta o orbę antigo:  
 Com desprezo cruel, rosto inimigo,  
 O mede soberano,  
 Do mundo o sabio lisongeiro e ufano.

*Antistrophe 4.<sup>a</sup>*

Armai-vos, ó terrenas Potestades,  
 Vibrai a ferrea espada  
 Do Senhor contra o Christo, atrocidades  
 Praticai, e mil novas crueldades;  
 Da vossa mão armada  
 Se rí a mão que faz viver o nada.

*Epode 4.º*

Eis rompe de Judea  
 Esquadrão abrazado em fogo ardente ,  
 De um Deus justo e clemente  
 A sublimada idea  
 Derramando , entre a cega humana gente.

*Strophe 5.ª*

Quam bellos são os pés dos que annunciam  
 A candida verdade !  
 Os ternos olhos la dos Ceos desciam  
 Os celestes Espiritos , que os viam ,  
 E da sua beldade  
 Se enamorava a mesma Divindade.

*Antistrophe 5.ª*

Quem , ó cobarde Pedro te reveste ,  
 De peito diamantino ?  
 Tu já não es o fraco que temeste  
 Confessar o teo Mestre , que offendeste :  
 Firme e de pasmo dino  
 Da morte arrostras o punhal ferino.

*Epode 5.º*

Pelo pó desolada ,  
 Se revolve a confusa Idolatria ,  
 E furiosa bramia  
 Vendo luzir alçada  
 A Cruz que o sangue do homem Deus tingia.

*Strophe 6.ª*

Aparecei , ó Martyres altivos :

A veneranda frente

Dos sepulchros erguei , fazei aos vivos

Ver quanto algozes feros vingativos

Trabalham com ingente

Furia , por destruir a Fé nascente.

*Antistrophe 6.ª*

Aqui em borbotões vejo fervendo ,

Caldeiras abrazadas ,

E nellas mão tirana revolvendo

Os servos do Senhor , justo , e tremendo :

Navalhas afiadas

Ali giram em roda acceleradas.

*Epode 6.º*

Duro ferro buido

As carnes talha á tímida donzela ,

Que delicada e bella ,

Com peito revestido

De divino vigor , os Ceos anhela.

*Strophe 7.ª*

Chammas , alfanges , cavalletes duros ,

O oleo , o pèz fervente ,

Grilhões , carceres fetidos , e impuros ,

Não fazem vacilar os genios puros

Que inflama amor ardente ,

Acceso pela mão do Omnipotente.

*Antistrophe 7.<sup>a</sup>*

Ao Christo do Senhor já mil altares  
Votados apparecem ,  
Cheiroso incenso tolda os mansos ares ,  
Seo nome já povôa a terra e os mares ,  
Já os braços desfalecem  
Dosque contra os seos servos se embravecem .

*Epede 7.<sup>o</sup>*

O' homem atrevido ,  
A mão omnipotente e vencedora  
Respeita , e humilde adora ,  
Que o mundo enfurecido  
Domou , e nelle a cruz triunfante arvora.

---



ODE IX.<sup>A</sup>

SOBRE O MESMO ASSUMPTO.

QUE sopro agita a mente fervorosa ,  
Que em vós chameja , Apostolos sagrados ?  
Acaso do Interesse a mão impura  
A move e desatina ?

Ou antes de vangloria subtil fumo  
A deslumbra , e em delirios exaltada  
Vos impelle a correr precipitados  
Per entre mil perigos ?

Deixastes tudo , Esposa , amigos , Patria ,  
Um homem de amargura annunciando  
Como supremo Nume , que se assenta  
Sobre os fulgentes Astros.

O braço levantais ; eisque aterrada  
Estremece ante vós a Idolatria :  
E querereis acaso que de novo  
Seo bafo respiremos ?

Não , homens immortaes , de vossos labios  
Só pende a terna , candida verdade ,  
Ella a penna moveu com que traçastes  
As regras da Justiça.

Honras , riquezas , sempre aos pés calcastes :  
Amargo oprobrio foi a vossa herança :  
Sem fausto e pompa , so de Deus o nome  
Exaltar anhelastes .

Banhada do innocente puro sangue  
De vossos corações , ainda fumega  
A terra , que das garras arrancastes  
Aos falsos mudos Deuses .

Cruento testemunho os factos sella ,  
Que retratastes com lingoagem limpa  
Das falsas tintas que maneja astuta ,  
Affectação proterva .

Nunca igual singeleza da Impostura  
Seguiu os passos tremulos e incertos .  
Nunca a doce risonha Ingenuidade  
Se mostrou tam visivel .

Do seio escuro da sombria Morte ,  
Glorioso surgir vistes o Filho  
Do Eterno Padre , vistes vosso Mestre  
Que humildes adorastes .

Quantas vezes , a sua voz potente  
As ondas socegou : quantas da Morte  
Quebrou a dura foice : e do sepulchro  
Soltou as tristes victimas !

• Vós o jurastes com constancia invicta ,  
E o mundo convencido adora o grande  
Piedoso Deus , que a Fé no peito duro  
Lhe gravou compassivo.

---

### OBSERVAÇÕES , E NOTAS.

Estas duas ultimas odes pelo estado imperfeito em que se achavam , e que mal pude disfarçar com minhas debéis correções , devem ser olhadas mais como esbossos dos quadros que representam , do que como pinturas acabadas. Hesitei se as daria ao publico , mas como uma e outra , respirando a piedade que abrazava o espirito do autor , servem ao menos para da-lo a conhecer , julguei que devia assim mesmo publica-las , applicando-lhes algumas emendas que não aponto por isso que da conservação dos logares originaes , que aliás seria forçoso transcrever , nem gloria pode resultar ao autor , nem instrucção propria a formar o gosto das leitores ainda moços que se dispozerem a imita-lo na poesia. Entretanto não serão inuteis para os que se dispozerem a imita-lo na piedade ; e virtudes Christians.

---

ODE X.<sup>A</sup>

A' PAIXÃO DE N. S. JESUS CHRISTO.

TREME Jerusalem : o Deus Supremo ,  
Do seo brilhante throno ,  
Co' a cabeça acenou , e o Ceo tremendo  
Promete grande estrago.  
Eu já vejo teos muros abatidos ,  
Tuas casas , teos templos saqueados.  
Aqui a Mae perdida ,  
Palido o rosto , soltos os cabellos ,  
Sente arrancar-se o Filho ,  
Que ella ao peito chegando em vão defende.  
As miseras entranhas  
Dos velhos sacerdotes palpitando ,  
Fumegam junto ás victimas piedosas  
Que a Deus sacrificavam.  
Cessai , cessai , infames sacrificios :  
Ouvi , ó Grecia , ó Roma ,  
De crimes horrorosos a pintura ,  
Que Nero não forjára.  
O' Filha de Siom , no pó te assenta ,  
Cobre de humilde cinza o teo culpado  
E fementido rosto.  
Como ainda existiz , ó Sol , ó Terra !



De duros ferreos malhos  
Sinto soar os repetidos golpes,  
No Golgotha tremendo ;  
Rijos agudos cravos sem piedade  
Rasgam crueis feridas : já semblante  
Não tem , não tem belleza  
Aquelle que domina sobre os astros ,  
Decujo aceno pende  
Encadeada a ordem do Universo .

Quem fará no meo seio  
De lagrimas brotar inesgotavel  
Compassiva torrente ? e noite, e dia ,

De Judá sobre os crimes  
Derramarei inconsolavel pranto .

Quaes esfaimados Lobos ,  
Quaes leões rugidores se aparelham

Sanguinosos verdugos ,  
E mil novas cruezas inventando ,  
De verde negro fel a féz offerecem

Ao Deus da Natureza .  
Entre horrores , a Morte envolve a face

Do proprio Autor da vida !  
Escurece-te , ó Sol , no meio dia

A noite negra e fea  
Do esquadrão das trevas rodeada ,  
Sob o manto nublado , o teu luzeiro  
Abafe triunfante .

Esconde-te , Israel ; mirrados corpos

Surgem das frias campas :  
Treme o Orbe , de horror : fendem-se as pedras :  
Do Templo o veo se rasga :  
Em geral luto envolta a Natureza ,  
» Que fizeste , Israel ? » te está bradando.  
Jerusalem , que vejo !  
Quam diferente estás d'aquelle antigo  
Esplendor que luzia ;  
Quando sobre a montanha sublimado  
Jehova legislava :  
De trovões retinia o crebro estrondo ,  
Chamejavam relampagos , e em torno  
Os ares encrespava  
Denso fumo que o monte despedia.  
Então a voz divina ,  
Entre o assombro da Terra , Ceos , e Abismo ,  
Com paternal carinho ,  
Os preceitos lembrava , que gravára  
No peito dos humanos. Dobra o collo ,  
O collo empedernido ,  
O' suberba Siom. Já não divisas  
O Santuario augusto :  
As tuas ermas ruas não te mostram  
Mais que o pó que dissipa  
O vento furioso ; e Tito acaba  
De provar o teu crime ao Mundo inteiro.

DEPRECAÇÃO I.<sup>A</sup>

## A' VIRGEM MARIA, NOSSA SENHORA.

**M**INHA Mae, meo refugio, e minha guia,  
Humilde imploro, a vossos pés prostrado,  
Do meo Deus o perdão para mil crimes;  
Valei a um desgraçado.

O' dia horrendo em que do Deus supremo  
Eu o nome neguei, e resvalando  
De peccado em peccado; ás brutas feras  
Me fui assimilhando!

Ah! nunca mais o Sol seos raios vibre  
Alegres neste dia; e de tristeza  
Um lamento geral resoe em torno  
De toda a redondeza.

Senhora, de quem sou um servo indino,  
Comque palavras louvarei teo nome?  
Tu foste a Aurora do formoso dia  
Emque dos Ceos baixando,

A paz não duvidou seo niveó manto  
Sobre a terra estender, purós deleites  
Fazendo rebentar nos ferreos peitós  
Dos miseros humanos.

Imagem bella do Supremo Nume ,  
Desenhada la desde a eternidade ,  
E digna de mandar os Ceos , e a Terra ,  
De que es a Soberana !

O' Mae do meo Senhor , embora irados  
A carne , e o Mundo , e o barbaro inimigo  
Que do Tartaro habita o lago immundo ,  
Contra mim se embraveçam.

Nada já temo : dentro no teo seio  
Busquei seguro asilo. Tu que fazes ,  
Orgulhosa Suberba ? E tu , fumante  
Brutal sensualidade ?

Tremei : que raia emfim doce esperanza  
De ver-vos sotopostas aos clamores  
Da razão que prendieis , usurpando  
Os seos nobres direitos.

Fatal peccado do primeiro humano ,  
Que de idade em idade dominaste ,  
Nem sempre has de acurvar a enferma raça  
Do homem desgraçado.

Vem , Maria , vem ser o meo emparo  
Minha libertadora , e minha gloria ,  
No meio dos peccados que me ofusçam  
O Espirito abatido.



Qual cilicio apertado me comprimem ,  
Per toda parte , seos antigos laços :  
Vem desprender-me da cadeia infame ,  
Com que me tem ligado.

Vem salvar-me , ó Esposa do Deus vivo ,  
Pelo sangue do Deus , que sobre a Terra  
Não duvidou morrer , para resgate  
Do pecador ingrato.

---

## DEPRECAÇÃO II.<sup>A</sup>

A' MESMA SENHORA.

---

**E**SPOSA do Deus vivo, Templo augusto  
Do Senhor que governa os Ceos e a Terra,  
Escuta os meos gemidos, e do abismo  
Do peccado a minha alma desenterra.

O' das Filhas dos homens a mais bella,  
Em cujo seio, amigas se abracaram  
A justiça, e a clemencia, e pelos homens  
Com vinculo divino se ligaram.

Mae de meo Deus, refugio esperançoso  
Do peccador afflito, vem depressa  
Em meo socorro contra o vil imigo,  
Que de bramir em roda nunca cessa.

Lembra-te que na cruz cruel, o sangue  
Se verteu do teo Filho angustiado,  
Para as chagas lavar torpes, e impuras  
Do peccador que a culpa tem manchado.

O' doce pensamento, que derramas,  
Lisongeira esperanza, no meo peito;  
E a protecção benigna me asseguras  
D'aquella a quem o Ceo vive sujeito.

A' IMMORTALIDADE

---

---

**A' IMMORTALIDADE DA ALMA.****SONETO.**

---

Sim eu sou immortal. Bramindo espume  
A Maldade cruel, e desgrenhada ;  
Morda-se embora, pois não pode irada  
Extinguir da razão o vivo lume.

Crêde, caros amigos, não consume  
Do Tempo estragador a fouce ervada  
Esta viva faisca, que abrasada  
Cahiu do sopro do supremo Nume.

O Justo sobre a Terra, aos Ceos erguendo  
Os algemados braços, e o tirano  
Vicio no throno com o pé batendo,

Fazem fugir o refalsado Engano  
Que em vão forceja, para ver gemendo  
Da verdade o sisudo desengano.

---

---

---

NA PRESENÇA DE UMA GRANDE  
TROVADA.

---

SONETO.

Tremei humanos: toda a natureza,  
Do seo Deus ao aceno convocada,  
Sobre negros trovões surge sentada,  
Em cruel furia contra nos acesa.

Do rosto seo escondem a belleza,  
Medonha escuridade acompanhada  
De abraçadores raios, e pesada  
Saraiva que no ar estava presa.

Agora perde a cor de mêdo cheio,  
O Monarcha feliz, e poderoso,  
Que o vil orgulho abriga no seo seo:

Tu descoras tambem, Atheo vaidoso,  
E menos cego sem achar esteio,  
A mão, que negas, bejas duvidoso.

---



POESIAS  
PROFANAS.

---

POESIAS

DE

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

# POESIAS

## PROFANAS.

---

### CANTATA.

#### PIGMALIAÃO.

---

**J**A da lucida Aurora scintilava  
O tremulo fulgor, e a Noite fria  
Nas mais remotas praias do Occidente,  
Entre abismos gelados, se escondia.

Amor impaciente

Dos Filhos de Morpheo se acompanhava,  
E de Pigmalião a altiva mente,  
Com lisonjeiros sonhos, afagava.

Ora de Galathea,

A estatua airosa e bella,

Obra do seo cizel, obra divina,  
Se lhe avivava na amorosa idea:

Ora cuidava vê-la

Pouco a pouco animar-se,

E a marmorea dureza transformar-se  
Em suave, vital brândura, dina

D'aquella que em Cythera,

Sobre os Amores e o Prazer domina.

Sobresaltado freme ;  
E entre illusões espera  
Galathea apertar nos ternos braços :  
Mas subito desperta  
Procura-a , não a vê ; suspira , e geme.  
Então , com rosto triste e carregado ,  
O corpo ergue cansado ,  
E mal firmando os passos ,  
Girando a vista incerta  
Pela vasta officina , o busto encara  
Da magestosa Juno ,  
Que junto collocára  
Ao do implacavel , fero Deus Neptuno :  
Lança mão do cizel ; ergue o martelo ;  
Repoli-los intenta ,  
E o extremo ideal tocar do bello.  
Mas o cizel da mão se lhe extravia ;  
Froxo o martelo assenta ,  
E na vivaz ardente fantazia.  
Só Galathea com prazer revia.  
Acceso , arrebatado  
De insolito furor quebra , esmigalha  
O marmore inculpado  
Dos bustos , que polia :  
Arremeça per terra , e á tóa espalha  
O martelo , e o cizel , com que trabalha.  
Volve os olhos , repara  
De Galathea amada



Na formosura rara ,

E ferido de Amor , curva tremendo

Os joelhos , e já não lhe cabendo

Dentro d'alma encantada

O transporte que o agita , ardido brada :

« O' tu , que os Deuses do Olimpo

» Feres de inveja , e de espanto ,

» Porque nunca poudes tanto

» Todo o seo alto poder ;

» He possivel que reunas

» Tanta graça , tal belleza ,

» E te negue a Natureza

» Respirar , sentir , viver ?

» Eis do genio o prodigio soberano :

» Nem poderá jamais o sp'rito humano ,

» Depois de rematar esta obra prima ,

» Conter força sobeja ,

» Que poderosa seja ,

» Para novos inventos , sem que o oprima ,

» Tam grande esforço d'arte ,

» E esmorecido desfaleça , e caia .

» Amor , ó Deus , sem quem tudo desmaia ;

» Amor que me guiaste

» O sublime cizel nesta ardua empreza ,

» Ah ! desce , vêem ; reparte

» Da minha vida parte

» Com aquella , que tu avantajaste

» A' Deusa da belleza :

- » Supre assim o languor da natureza :
  - » Influe doce alento
- » Na minha Galathea tam formosa :
- » Influe lhe razão , e sentimento.
- » O' Amor ! ó Deidade grandiosa !
- » Anima-a do calor , em que abrazado
- » Meo coração a teo poder se rende :
- » Rouba a Jove esse facho sublimado
  - » Do qual a vida pende :
  - » Sacode , vibra a chamma ,
- » Que os mortaes aviventa , anima , inflamma.
- » O' Amor ! ó Deus grande ! per quem vive
  - » Quanto nos vastos mares
- » Se volvé , e quanto talha os leves ares ;
  - » Per quem tudo revive ,
- » E cuja mão potente desencerra
- » A vital força que fecunda a terra !
- » Escuta a voz que o teo soccorro implora ,
  - » E a minha Galathea
  - » Possa eu ver sem demora
- » Sentir o fogo , que em meo peito ondea.
- » Deuses , se isto impedís , de novo digo
  - » Que Invéja negra e fea
- » Em vossos corações achou abrigo.
  - » Mas que vejo ! ó justos ceos !
  - » Treme o marmore e respira ,
  - » E parece se retira
  - » Ao toque de minha mão !

- » Rubro sangue as veas gira ,
- » Já seo braço me rodea ,
- » E da linda Galathea
- » Já palpita o coração !
- » Nos olhos lhe circula , eu não me engano ,
- » O teo fogo , ó Amor ! hoje cessaste
- » De ser um Deus tyrano :
- » Hoje sobre os mais Deuses te elevaste.
- » Que te direi , Amor ? . . . Olha . . . repara ,
- » Nas faces delicadas
- » As graças animadas
- » Ateando desejos , e compara
- » Tuas acções com esta que fizeste :
- » Ve bem como a ti mesmo te excedeste :
- » Prazeres fervorosos ,
- » Suspiros encendidos ,
- » Transportes anciosos ,
- » Mil ais interrompidos ,
- » Afagos e deleites , como em bando ,
- » Pela voluptuosa
- » Cintura , mais que airosa ,
- » Qual a hera se enrolam , misturando
- » As engraçadas frentes ;
- » E de mimos ardentes ,
- » De delicias minha alma repassando.
- » O' Galathea ! ó minha doce vida !
- » Tu me faltavas só para endeusar-me ,
- » E de immortaes prazeres inundar - me.

- » Agora brame irada
- » A natureza contra mim erguida !
- » Não a receio, e nada
- » Já me pode assustar, porque te vejo
- » Responder a meo fervido desejo ;
- » Dar vida a novos seres,
- » Criar o sentimento
- » De mil novos prazeres :
- » Eis, ó Deuses ! sem duvida a ambrosia ,
- » O divinal sustento,
- » A suave celeste melodia ,
- » Que embebe de alegria ,
- » E torna glorioso o Firmamento ! »

Com este pensamento  
Transportado contempla a Galathea  
( Que, ou mova a medo os passos,  
Ou revolve o semblante,  
Ou já recurve os braços  
Em torno ao seo amante,  
A cada movimento,  
A cada novo instante,  
Sente uma nova idea,  
Sente um novo prazer, que a senhorea ).  
Então outro prodigio Amor obrando,  
A lingoagem dos sons vai-lhe inspirando,  
E de repente usando  
D'este dote sublime



A feliz Galathea assim se exprime :

- » Este marmore que toco ,
- » Esta flor tam graciosa ,
- » Nem esta arvore frondosa ,
- » Nada d'isto , nada he eu :
- » Mas , ó tu ! que ante'mim vejo ,
- » Que todo o meo peito abalas ,
- » Que tam doce de amor falas .
- » Ah ! tu sim , tambem es eu .
- » Vem a mim querido objeto ,
- » Aperta-me nos teos braços ;
- » Convence-me em ternos laços ,
- » Que eu e tu somos so eu . »

---

NOTA.

O verso do segundo recitativo :

Se volve , e quanto talha os leves ares ,

estava no original assim :

Se volve , quanto habita os densos ares .

Alem d'esta , as principaes alterações , que fiz nesta bellissima composição , foram no ultimo recitativo , e na ultima aria . No recitativo os versos que alterei , e vam marcados com o signal ( ) , estavam assim no original :

Que ou volva a medo os passos ,  
 Ou gire o seo semblante ,  
 Ou aredone os braços  
 Em torno ao seo amante ,  
 Em cada movimento ,  
 Em cada novo instante , etc.

A ultima aria estava da maneira seguinte :

Este marmore que toco ,  
Essa flor tam graciosa ,  
Nem essa arvore frondosa ,  
Nada d'isso , nada he eu.  
Mas ó tu quem quer que és ,  
Que todo o meo peito abalas ,  
Que tam doce de amor falas ,  
Ah ! tu sim , tu inda es eu.  
Vem a mim querido objecto ,  
Vem cercar-me com teos braços ,  
E assim preza em doces laços  
Couvencer-me que inda es eu.

As razões que me moveram a fazer as alterações que fiz , parecem-me assaz palpavcis ; e por isso me poupo ao trabalho de expô-las aqui. Com tudo como em poesia , considerações de gosto devem muitas vezes prevalecer sobre considerações philosophicas ou grammaticas , por isso assentei de conservar nesta nota a lição propriamente do autor.

## O DE.

## AO HOMEM SELVAGEM.

*Strophe 1.ª*

O HOMEM, que fizeste ? tudo bráda ;  
Tua antiga grandeza  
De todo se eclipsou ; a paz dourada ,  
A liberdade com ferros se vê preza ,  
E a palida tristeza  
Em teu rosto esparzida desfigura  
Do Deus , que te creou , a imagem pura.

*Antistrophe 1.ª*

Na Cithara , que empunho, as mãos grosseiras  
Não poz Cantor profano ;  
Emprestou-m'a a Verdade, que as primeiras  
Canções n'ella entoára ; e o vil Engano ,  
O erro deshumano,  
Sua face escondeu espavorido ,  
Cuidando ser do mundo em fim banido.

*Epode 1.º*

Dos Ceos desce brilhando  
 A altiva Independencia, a cujo lado  
 Ergue a razão o sceptro sublimado,  
 Eu a oiço dictando  
 Versos jamais ouvidos : Reis da Terra,  
 Tremei á vista do que ali se encerra.

*Strophe 2.ª*

Que montão de cadeas vejo alçadas  
 Com o nome brilhante  
 De leis, ao bem dos homens consagradas !  
 A Natureza simples e constante,  
 Com penna de diamante,  
 Em breves regras escreveu no peito  
 Dos humanos as leis, que lhes tem feito.

*Antistrophe 2.ª*

O teo firme alicerce eu não pretendo,  
 Sociedade santa,  
 Indiscreto abalar : sobre o tremendo  
 Altar do calvo Tempo, se levanta  
 Uma voz que me espanta,  
 E aponta o denso véo da Antiguidade,  
 Que á luz esconde a tua longa idade.



*Epode 2.º*

Da dor o austero braço  
Sinto no afflicto peito carregar-me,  
E as tremulas entranhas apertar-me.

O' ceos ! que immenso espaço  
Nos sepára d'aquelles doces aínos  
Da vida primitiva dos humanos !

*Strophe 3.ª*

Salve dia feliz , que o loiro Apollo  
Risonho alumiaava ,  
Quando da Natureza sobre o collo  
Sem temor a Innocencia repousava ,  
E os hombros não curvava  
Do despota ao aceno enfurecido ,  
Que inda a Terra não tinha conhecido.

*Antistrophe 3.ª*

Dos fêrvidos Ethontes debruçado  
Nos ares se sostinha ,  
E contra o Tempo de furor armado ,  
Este dia alongar por gloria tinha ;  
Quando nuvem mesquinha  
De desordens seos raios eclipsando ,  
A Noite foi do Averno a frente alçando.

*Epode 3.º*

Sahiu do centro escuro  
 Da Terra a desgrenhada Enfermidade,  
 E os braços com que, unida á Crueldade,  
 Se aperta em laço duro,  
 Estendendo, as campinas vai talando,  
 E os miseros humanos lacerando.

*Strophe 4.ª*

Que Augusta imagem de esplendor subido  
 Ante mim se figura !  
 Nu ; mas de graça e de valor vestido  
 O homem natural não teme a dura  
 Fea mão da Ventura :  
 No rosto a Liberdade traz pintada  
 De seos serios prazeres rodeada.

*Antistrophe 4.ª*

Desponta , cego Amor , as settas tuas :  
 O palido Ciume,  
 Filho da Ira , com as vozes suas  
 N'um peito livre não accende o lume.  
 Em vão bramindo espume,  
 Que elle indo apoz a doce Natureza  
 Da Fantazia os erros nada preza.

*Epode 4.º*

*Epode 4.º*

Severo volteando

As azas denegridas, não lhe pinta

O nubiado futuro em negra tinta

De males mil o bando,

Que, de Espectros cingindo a vil figura,

Do sabio tornam a morada dura.

*Strophe 5.ª*

Eu vejo o molle somno susurrando

Dos olhos pendurar-se

Do frôxo Caraiba que, encostando

Os membros sobre a relva, sem turbar-se,

O Sol vê levantar-se,

E nas ondas, de Thetis entre os braços,

Entregar-se de Amor aos doces laços.

*Antistrophe 5.ª*

O' Razão, onde habitas? . . . . na morada

Do crime furiosa,

Polida, mas cruel, paramentada

Com as roupas do Vicio; ou na ditosa

Cabana virtuosa

Do selvagem grosseiro?.... Dize.... aonde?

Eu te chamo, ó philosopho! responde.

II.

9

*Epode 5.º*

Qual o astro do dia,  
Que nas altas montanhas se demora,  
Depois que a luz brilhante e creadora,  
Nos vales já sombria,  
Apenas aparece; assim me prende  
O Homem natural, e o Estro accende.

*Strophe 6.ª*

De tresdobrado bronze tinha o peito  
Aquelle impio tyrano,  
Que primeiro, enrugando o torvo aspecto,  
Do *meo* e *teo* o grito deshumano  
Fez soar em seo damno:  
Tremeu a socegada Natureza,  
Ao ver d'este mortal a louca empreza.

*Antistrophe 6.ª*

Negros vapores pelo ar se viram  
Longo tempo cruzando,  
Té que bramando mil trovões se ouviram  
As nuvens entre raios decepando,  
Do seio seo lançando  
Os crueis Erros, e a torrente impía  
Dos Vícios, que combatem, noite e dia.



*Epode 6.º*

Cobriram-se as Virtudes  
Com as vestes da Noite ; e o lindo canto  
Das Musas se trocou em triste pranto.

E desde então só rudes  
Engenhos cantam o feliz malvado ,  
Que nos roubou o primitivo estado.

## NOTA.

Este Ode aonde brilha um estro superior ao que se distingue nas mais bellas composições d'este genero escriptas na lingua portugueza , e talvez mesmo que em todas as linguas vivas , foi composta no anno de 1784 , tendo o autor apenas 21 annos de idade ; por occasião de uma disputa que, em conversação amigavel, casualmente se levantou entré mim e elle , acerca das vantagens da vida social. A leitura do celebre discurso de João-Jaques Rousseau , sobre a origem da desigualdade entre os homens , foi a occasião que motivou a nossa pequena controversia. Para termina-la convidei eu o meo amigo a seguir friamente os meos racionios na analyse d'aquelle eloquente discurso, procurando fazer lhe sentir a falta de logica que em quasi todo elle se observa, quando reflectidamente se examina. Não era por certo facil trazer a este ponto um mancebo de imaginação ardente, em especial tratando-se de analysar com frieza uma composição que , de-

vendo ser toda razão, he toda fogo, como quasi todos os escriptos que saíram da penna d'aquelle homem extraordinario. Como quer que fosse, sempre conviemos por fim em que o pensamento de Rousseau seria bello para se desenvolver em uma composição poetica; e para que a nossa lembrança não ficasse inutil ajustamos que o autor, cuja brilhante fantasia promettia eleva-lo ao primeiro logar entre os poetas lyricos portuguezes, compozesse uma Ode Pindarica, na qual expozesse com toda a pompa, e magnificencia poetica, o paradoxo de João-Jaques Rousseau, em tanto que eu indicaria, em uma Ode Horaciana, a verdadeira origem, e as mais immediatas vantagens do estado social. Ajuntarei aqui a minha composição, bem que muito inferior á do meo amigo, para que o publico veja o resultado de uma conversação entre dois mancebos que ainda então estavam pouco mais do que no meio da carreira de seos estudos elementares. Apresento ao publico este parto da minha mocidade de tanto melhor grado, quanto elle apar da obra do meo admiravel amigo, servirá para faze-la mais realçar, bem como as sombras na pintura servem para fazer sobresahir as figuras traçadas pela mão do pintor. Eis aqui pois o que eu escrevi n'aquelle momento.

## ODE

## SOBRE O AMOR,

*Considerado como principio e esteio da ordem social.*

Não foram, caro SOUZA, as Lyras de ouro  
De Orpheo, e de Amphion, que os Leões bravos,  
E os indomitos Tigres amansando,  
As cidades fundaram.

Embora finjam mentirosos vates,  
Que as torcidas raizes desprendendo  
As arvores annosas; que os penedos,  
Apoz elles correram.

Tu, só tu, puro Amor, despir podeste  
Da estúpida bruteza a humana especie;  
So tu soubeste unir em firmes laços  
Os dispersos humanos.

Sem ti insociaveis viveriam,  
Nas escarpadas serras, embrenhados;  
Ou nos sombrios verde-negros bosques,  
Em pasmada tristeza.

As fugitivas horas passariam ,  
Em languido lethargo submergidos ,  
Té que o pungente estímulo da fome  
Lhes espantasse o somno.

Os singelos prazeres da amisade ,  
Prazeres suavísimos , so dados  
Aos peitos generosos , e sensíveis ,  
Provar não poderiam.

As sciencias , as artes sepultadas ,  
No seio da Ignorancia inda jazéram ;  
Que inerte , e frouxo a nada se atrevéra  
Um peito enregelado.

As bellas Marcias , as gentis Lycores ,  
Em vão dos vivos olhos fusiláram  
Accesos raios , com que audaz fulminas  
Rebeldes esquivanças.

Suas vermelhas engraçadas bocas ,  
Em vão , meigos sorrisos soltariam ,  
Tingindo as juvenis mimosas faces  
De pudibundas rosas.

Anhelantes suspiros , brandas queixas ,  
Ternos agrados , carinhosos gestos ,  
Nada mover os peitos poderia  
Dos animados troncos.



Dos Risos, e das Graças rodeada,  
 Venus com farta mão não derramára  
 Em seos rusticos leitos brandas flores,  
 Flores que tu só colhes.

O gostó de abraçar a cara Esposa,  
 De se ver renascer nos doces filhos,  
 De educar cidadãos, nutrir virtudes,  
 Coitados! não sentiram.

Vira-se em breve, co'o volver dos annos,  
 Hermo de novo, o povoado mundo,  
 Té que do seio da fecunda terra  
 Outros homens brotassem.

Ah! crê-me, SOUZA, Amor, Amor, somente  
 A vasta Natureza vivifica:  
 Amor nossos prazeres todos gera,  
 Nossos males adoça.

O soldado animoso, que se arroja  
 Com brio denodado a expôr a vida,  
 Em defesa da Patria ameaçada  
 De inimigas phalações;

Depois de haver sofrido longas marchas  
 Per aridos sertões, per frias serras,  
 Arrastrando cansado os cavos bronzes  
 Nas pesadas carretas;

Depois de ouvir nas horridas batalhas ,  
Troando o furiosa artilheria ,  
Pelos ares silvar os ferreos globos  
Que a morte envolta levam ;

Depois de ver os rápidos ginetes .  
Atropelando os fulminados corpos  
Dos cahidos guerreiros , que em vão pedem  
Vingança , ou Piedade ,

Entre os braços da timida donzela ,  
Que Amor lhe prometera , prompto esquece  
As passadas fadigas , os horrores  
Da guerra sanguinosa.

O misero cultor , que industrioso  
Do fertil seio da benigna terra  
Faz abrolhar os preciosos frutos ,  
Que a vida nos sustentam ,

Ou já sofra no frigido Janeiro ,  
Em quanto o arado rege , os finos sopros ,  
Com que lhe tolhe os calejados dedos  
O gelado *Nordeste* ;

Ou já suporte no calmoso Estio  
Do abrazado *Suão* o ardente bafo ,  
Cuidoso , o loiro trigo debulhando  
Nas pulverreas eiras ;

Apenas desenvolve o denso manto  
 Sobre a face da Terra a noite amiga ,  
 Se o repouso procura aos lassos membros  
 Na rustica morada ,

Vendo a fiel consorte , que saudosa  
 Ao encontro lhe sahe , e o caro filho ,  
 Que largando da Mae o doce peito ,  
 Lhe estende os tenros braços ,

Em ternura suavissima desfeito ,  
 Que o casto amor no coração lhe entorna ,  
 Contente já de sua humilde sorte  
 Bendiz a Providencia.

Assim , ó SOUZA , na fiel balança ,  
 Onde a Razão os bens , e os males pesa ,  
 Se vê que , sem Amor , a vida humana  
 Seria insuportavel.

---

## ODES ANACREONTICAS.

---

### ODE I.

*Omnia vincit Amor.*

**J**UNTOS os Deuses no suberbo Olimpo  
Viram brincando o fero Deus Menino,  
Que, com travessa mão, dextro desfere  
Mil vencedoras settas.

Os chocalheiros Risos o rodeam,  
Os meigos Gestos, os Suspiros ternos,  
Os mimosos Afagos fervorosos  
Em torno lhe revoam.

Riram-se os Deuses, e Cupido irado  
Em batalhões reparte o lindo bando,  
Que promptos, e ordenados já encurvam  
Os seus temiveis arcos.

Um aceno de Amor abate os Deuses:  
Correm vencidos em tropel confuso  
Apoz as lindas Graças, que fugindo  
Seguram a victoria.



O vencedor ufano , então vaidoso ,  
Com risonho desdem zombando , empunha  
De Neptuno , e Plutão , de Marte , e Jove  
Os sceptros radiantes.

Maligno e vingativo , largo espaço ,  
Na mão sustenta do Universo as redeas :  
Amor os Montes , os Palacios , tudo  
Amor então respira.

---

## ODE II.

OH ! quanto es bella  
Vermelha rosa ,  
Tu me retratas  
Nize formosa.

Lindo botão  
Vejo a teu lado ,  
Qual junto a Venus  
O Filho alado.

Elle de Nize  
Me pinta a cor ,  
E o seo amavel  
Terno pudor.

Verdes espinhos ,  
Para defeza ,  
Te pôz em torno  
À Natureza.

## POESIAS

Tal a Razão ,  
Sempre adoravel ,  
De Nize cerca  
O peito afavel :

N'elle se enlaça ,  
Bem como a hera ,  
E seos desejos  
Rege severa.

Quando no meigo  
Seio de Flora  
O orvalho atrahes  
Da roxa Aurora ,

Sobre as mais flores  
Beleza ostentas :  
D'ellas o sceptro  
Ter representas.

Ah ! quantas vezes  
Da especie humana  
Julguei ser Nize  
A Soberana.

Tam gentil rosto  
Jamais a Terra  
Viu ; n'elle a força  
D'Amor se encerra.

O' Flor mimosa ,  
Quero colher-te ,  
E no meo peito  
Sempre trazer-te.

Mas ah ! depressa  
Tu murcharás ,  
E imãgens tristes  
Me lembrarás.

Já de horror sinto  
Torvar-se o sp'rito ,  
E o coração  
Bater-me afflito.

A minha Nize  
Tambem da Morte  
Hade sentir  
O duro Corte !

Fazei-a , ó Ceos ,  
Ou menos bella ,  
Ou nunca a Morte  
Possa vencêlla !

---

### ODE III.

Não temas Nize ,  
Entra sem susto ,  
No Templo augusto  
Do Deus de Amor.

Entra : verás  
Ligeiro bando  
De mil Amores ,  
Ledos voando.

Não te intimides  
De vê-lo armado  
D'arco , e d'aljava  
Pendente ao lado.

Amor não tem  
Alma tam dura ,  
Que não respeite  
A Formosura.

Quando tivesse  
Peito de fêra ,  
Teo lindo rosto  
Brando o fizêra.

Venus deseja  
Filha chamar-te ,  
Paphos e Gnido  
Quer adorar-te.

O vil ciume ,  
Negro furor,  
Para assaltar-te ,  
Não têm valor.



Antes rendidos  
Te adorarão ;  
Sua Rainha  
Te chamarão.

Ternas finezas ,  
Doces abraços ,  
De Nize bella  
Serão os laços.

## CARTA

AOS MEOS AMIGOS,

*Consultando-os sobre o emprego mais proprio de  
meos talentos.*

QUAES os raios de Phebo luminosos ,  
Quando assoma no Oriente o seo semblante ,  
Se arrojam sobre a Terra fervorosos ,

E crescendo em vigor, d'istante a instante ,  
Despenham-se per toda a Redondeza ,  
Banindo as Trevas que se põem-diante ;

Assim , fervendo com igual presteza ,  
Mil ideas á vaga Fantasia  
Se apresentam vestidas de belleza.

Ora Apollo me ordena , que a Alegria  
Pinte movendo os torneados braços ,  
Entre os risos , e a doce melodia.

Ora de Amor os delicados laços  
Aperto , pelas Musas ajudado ;  
Ora os afrouxo , e rompo em mil pedaços.

Se estendo os olhos pelo triste fado  
Que os humanos persegue , a luz brilhante  
Da moral accender-se vejo ao lado.

O' virtude sublime ! o teo amante  
Nome repito , e logo as Musas descem  
A acompanhar-me em lyra de diamante.

Principio a cantar-te , e se me offrecem  
Cruentos erros , que em tropel se apinham ,  
E a luz que tinha quasi me escurecem.

Impavido os arrostos , e ja não tinham  
Alçada a frente altiva ; quiz piza-los ;  
E não sei que temores me detinham.

As paixões em furor , para ajuda-los  
Vejo revoltas ; mas vencendo o medo ,  
Com mais força , jurei de maltrata-los.

Desde então Melpomene , que um rochedo  
No Pindo habita , e que meo peito accende ,  
Ao ouvido me diz isto , em segredo :

Calça o cothurno ; que temor te prende ?  
Con pincel atrevido , o triste damno  
Das paixões pinta , e com meo fogo as rende.

Mas Thalia travêssa , que o tyrano  
Vicio escarneça , disse ; e logo o riso  
Vi raiar em seo rosto , doce e humano.

Com magestoso andar , cheia de siso ,  
Calliope formosa me ordenava  
Que , altivo , imite o Mantuano Anfriso.

Mostra-me ao longe a luminosa aljava ,  
Que dos claros Varões esconde o nome ,  
A Deusa que os Sallustios inspirava.

Vós, a quem a mania não consome,  
Caros amigos, de deixar á idade  
Vindoirá escriptos vãos, que o tempo come :

Vós que o peito cerrastes á vaidade ;  
E se escreveres , serão só escriptos  
Dictados pelo bem da Humanidade :

Socorrei-me em tam asperos conflitos ;  
Pois onde mora a candida virtude ,  
Tambem habitam os sublimes ditos.

Esse oiteiro sombrio , ingreme , e rude ,  
Onde as sciências o seo throno ergueram ,  
Subir , ao vosso lado , nunca pude :

Medi as minhas forças ; pois cederam  
Em vós do sp'rito seo tamanha parte  
As soberanas Musas , que vos deram  
Sublime engenho , fino gosto , e arte.



## ELEGIA

A' AMISADE,

*Dirigida ao Doutor Francisco-José de Almeida,  
n'ella designado pelo nome de Fileno.*

QUANTO he doce existir ! Quanta doçura  
Em ti encerras , preciosa vida ,  
Inda mesmo em momentos de amargura !

Sagrados Deuses , e hei de ver perdida  
Esta fonte de bens e de prazeres ,  
Entre as garras da morte enfurecida ? . . . .

Não vos invejo , soberanos Seres ,  
Os bens que possuis ; so vos invejo  
O não teres receio de os perderes.

Ternos Pastores do aprazível Tejo ,  
Alegrai-vos comigo : horas amaveis,  
Parai ; obedecei ao meo desejo.

Da candida amisade as mãos afaveis  
Sinto amimar-me ; et já na erguida frente  
Ella me imprime beijos adoraveis.

Tu me afagas , ó Deusa !... Ceos !... Que enchente  
De graças lhe atavia o meigo rosto ,  
E da boca lhe sahê tam docemente !

Sim : Amigos achei ; fuja o desgosto  
Sobre as azas do Tempo fugitivo ,  
E na terra não torne a achar mais posto.

Ó Fado , n'outro tempo , injusto , e esquivo  
Fez-me beber no calix da desgraça  
Mil desprazeres de amargor activo.

Esgotei , he verdade , a horrivel tassa :  
Mas ao tragar do fel , terna amisade  
Achei ; ter já não temo a sorte escassa.

Dos beijos teos pendendo , a suavidade  
Meos trabalhos adoça ; não te excede  
Dos favos de Hybla a doce amenidade.

Junto a ti não receo fome ou sede ;  
Pois , com armas singelas a Virtude  
De encarar-me ferozes , as impede.

Nos altos tectos , no penhasco rude ,  
Se a meo lado te encontro , da tristeza  
Recear o semblante nunca pude.

Meo querido Fileno , a Natureza  
Esmerou-se em formar-te ; no teo peito  
Unindo dotes de immortal belleza.

A ternura beijou teo brando aspeito ;  
E dos seos labios o signal gravado  
Infunde puro amor , puro respeito .

De ti para mim vò a delicado  
Sentimento , com sua mão mimosa  
Polindo um coração por ti formado.

Seo tacto he tam macio como a rosa  
De transparente orvalho rosciada,  
Quando a bafeja Filis amorosa.

Amisade fiel tam desejada,  
Tu não existes só na fantasia;  
Tu não es uma fabula sonhada.

Enchei-vos, rios, montes, dealegria;  
Sentí um pouco do prazer, que abala  
Minhas entranhas n'este claro dia.

Loucos Amantes, vosso peito estala  
Nos braços do ciume roedor,  
E em vós a paxão cega he só quem fala.

Se assim mesmo prezais esse furor,  
Que a razão desaprova, sêde embora  
Escravos do tyrano Deus de Amor.

Fileno, a tua voz encantadora  
Faze soar, verei baxar a ouvir-te  
A Razão, que tua alma tanto adora.

A sublime Razão que fez sentir-te  
O veneno cruel, que Amor encobre  
Nas settas com que já soube ferir-te.

Ah! trinta vezes seos prazeres dobre  
Esse louco rapaz; terna Amisade!  
Eu não o temo; o braço teo me cobre.

Das almas puras pura Divindade,  
Escuta-me benigna: dize, a Morte  
Não poupará Fileno? . . . Ceos! piedade!

Dize-me, acaso a desabrida sorte,  
Antes que eu desça á fria sepultura  
Desferirá contra elle o final corte?

E como poderei sua figura  
Ver em medonho feretro estendida,  
Tinta da côr da pallida amargura!

Seos olhos. . . seo esp'rito. . . O' desabrida  
Imagem, de mim foge: que eu não posso  
Suportar tam pungente, atroz ferida.

Deusa que imperas sobre o peito nosso,  
Ouve os meos rogos: assim cante a Terra  
Sempre louvores ao imperio vosso.

Os meos gemidos no teo seio enterra:  
Escuta, ó Deusa: no fatal momento,  
Que em si do meo Fileno a morte encerra,  
Faze que eu tambem lance o ultimo alento.



---

## SONETOS.

---

### SONETO I.º

OITO annos apenas eu contava ,  
Quando á furia do mar abandonnando  
A vida , em fragil lenho , e demandando  
Novos climas , da Patria me ausentava.

Desde então á tristeza começava  
O tenro peito a ir acostumando ;  
E mais tyrana sorte adivinhando  
Em lágrimas o Pae, e a Mae deixava.

Entre ferros, pobreza , enfermidade  
Eu vejo , ó Ceos ! que dor ! que iniqua sorte !  
O começo da mais risonha idade.

A' velhice cruel , (ó dura Morte ! )  
Que faz temer tam triste mocidade ,  
Para poupar-me , descarrega o córte.

---

---

**SONETO II.º**

NAS loiras tranças da gentil Tircéa  
Os Amores , per gosto se prenderam ,  
E em seos formosos olhos se esconderam  
As tres Graças , e a mesma Cytheréa.

O terno pejo as faces lhe rodéa ,  
E as côres , com que as pinta , se escolheram  
No seio da ternura : já cederam  
Vulcano e Marte á chamma que ella atéa.

Dos rubros labios pende a formosura ,  
Que estendendo o seo braço delicado  
O collo lhe formou de neve pura.

Este lindo semblante o Deus vendado  
Beija mil vezes , e com elle jura  
Ter dos Ceos , e da Terra triunfado.

---

---

### SONETO III.º

QUE sonho tam feliz ! . . . Em molle leito  
Os membros , caro Anfriso' repousava ,  
Quando , as azas batendo , se encostava  
Um filho de Morpheo sobre o meo peito.

Mencando um pincel com ledo aspeito ,  
Nos braços da Amisade me pintava ,  
Que risonha o seo templo me mostrava  
Aonde os Deuses entram com respeito.

Junto á porta se via a compassiva  
Ternura , que o teo nome repetindo ,  
Parecia ficar por isso altiva.

Mal me viu foi o ermo Templo abrindo ,  
E da Deusa no Trono a imagem viva  
De nossos corações vi reluzindo.

---

---

**SONETO IV.º**

*Feito de improviso junto á sepultura de D. Ignez  
de Castro.*

Os Amores em chusma se ajuntaram  
A formar esta lugubre escultura :  
Mas ao traça-la, cheos de ternura ,  
Os meigos olhos com as mãos taparam .

O Genio da Tristeza , que invocaram ,  
Lhes applica o Cizel á pedra dura ,  
E a triste magestosa sepultura  
De Ignez e Pedro juntos acabaram .

Para admirar esta obra , la de Gnido ,  
Talhando os ares , vem ligeiramente ,  
Vaidoso e ufano , o fero Deus Cupido :

Mas ao vê-la desmaia ; e de repente ,  
De compaixão insolita movido ,  
O rosto vira , e o banha em pranto ardente .

---



---

**SONETO V.º**

OUVINDO o pranto dos fieis Amores ,  
Que o seo chefe procuram , traspassada  
De susto a linda Venus , desgrenhada  
Corre a buscar o Filho entre os pastores.

Já pergunta por elle ás tenras flores :  
Já aos ventos , e em lagrimas banhada ,  
Que lh'o tragam depressa , afflicta brada ;  
Prometendo mil premios , mil favores.

A um lado e outro , sem cessar voltando  
Os olhos , onde a magoa reluzia ,  
Vê de Fileno , acaso , o gesto brando.

O Filho cuida-vêr : e já corria  
A dar-lhe um beijo ; eis pára , e súspirando  
Recua ; porque aljava lhe não via.

---

---

**SONETO VI.º**

Maltratar a Tithon Amor jurava ;  
Pois junto á bella Aurora adormecido ,  
Ser mais feliz que o proprio Rei de Gnido ,  
Em sonhos engolfado imaginava.

Vai de Nize valer-se , que adorava ;  
Nos braços a segura enternecido ,  
E com sereno vôo despedido ,  
Ao lado de Tithon a recostava.

Acorda o branco Velho , e mansamente ,  
Os olhos esfregando , busca a Esposa ;  
Mas vendo Nize , estranho fogo sente.

Em vão quer abraça-la : a mão ciosa  
De Cupido lh'a rouba ; e descontente  
A vida desde então lhe he só penosa.

---

---

**SONETO VII.º**

*Aos Annos de uma Menina.*

~ Não creas , gentil Marcia , na pintura ,  
Com que malignos Genios figuráram  
O veloz Tempo , quando a mão lhe armaram  
De cruenta , implacavel , foice dura.

Inimigo fatal da formosura ,  
Com fantasticas cores , o pintáram ;  
E nem ser elle , ao menos acenáram ,  
Quem desenvolve as graças da figura.

Qual cerrado botão de fresca rosa ,  
Que o ligeiro volver de um novo dia  
Abre , e transforma em flor a mais mimosa :

Tal , a infantil belleza , inerte e fria ,  
De anno em anno se torna mais formosa ,  
E novo brilho , novas graças cria.

---

## AS AVES,

*Noite Philosophica.*

AGORA que os humanos repousando  
Seos lasso membros, um silencio triste  
Parece *adormecer* a Natureza; »  
Quando apenas da Filha de Latona  
Os descorados raios se divizam ,  
E de nocturnas tremolas Estrelas  
Brilha o clarão *escasso* e fugitivo ; »  
Desce do cume do sagrado Olimpo ,  
O' Filha da Razão a mais amada ,  
Messageira da candida Verdade ,  
Sisuda Reflexão , que magestosa  
Calcas o collo do soberbo Engano :  
Escuta um genio que , de ti pendente ,  
As obras quer pintar da Divindade.  
Sobre as azas brilhantes sopesado ,  
Com que sustentas firme os que te invocam ,  
Seguro voarei , acompanhando  
Do ar os innocentes moradores.  
Que scena tam sublime se me off'rece !  
Nunca , ó dura Familia dos humanos ,



*Celebrarei teu nome* em prosa ou verso: »

Vícios, cruezas, vergonhosos erros

Compoem a tua desgraçada historia: »

Nos ermos bosques, *nos penhascos broncos* »

Procurarei solícito alguns visos \*

Das singelas feições da Natureza, \*

Que estudado artificio, insano orgulho \*

Não poude ainda destruir de todo. \*

O' Tompson, ó Virgilio! Quem a lyra

Me poz ao lado, que soou no *Tibre*,

E nas ribeiras do avarento *Támesis*?

Eu lanço d'ella mão: tambem no *Tejo* »

Ressoarão as suas aureas cordas. \*

Erguei, Tagides bellas, sobre as ondas

O delicado rosto; dai-me ouvidos,

E vereis como as graças da Poesia

Adornam, aviventam frios rasgos,

Com que um genio immortal, lá dentre os gelos

Da guerreira Suecia, desenhava

As varias ordens de emplumadas Aves.

Qual dextro General, que vendo a guerra

Assanhar as serpentes sibilantes,

Da carrancuda fronte em mil fileiras

Sabio divide a militar cohorte;

Assim a Mae fecunda e providente,

Que vigorosa e meiga comunica

A tudo o ser e a vida, combatendo

Em campo aberto a confusão escura,

Em seis diversos batalhões reparte  
O lisonjeiro matizado bando  
Das voadoras aves. Qual batendo  
As desenvoltas azas lhe deslumbra  
Os olhos assombrados : qual cantando  
Faz o terrível tresdobrado açoite  
Cahir das mãos da perfida inimiga :  
Qual outro encurva as retorcidas unhas ,  
E com gesto feróz, acceso em ira  
Lhe arranca a vida em negro sangue envolta.  
Já vejo triunfantes sobre as nuvens  
Soltar ligeiras destemido vôo  
Às carnicieras aves bellicosas ,  
Que só vivem de roubos sanguinarios.  
Diferente figura lhes pintára  
Das mais , que vivem sobre os mansos ares ,  
O supremo Senhor que tudo rege ;  
Quando , cheo de luz e magestade ,  
Fazia retumbar , do informe Nada  
No perguiçoso reino , a creadora  
Omnipotente voz. Dura materia  
Da sua frente desce dividida  
Em forma orizental , Rostro lhe chamam :  
Ora quasi ao nascer logo começa  
A curvar-se feroz : ora já perto  
Da *aguda* ponta se endurece , e torce :  
A parte superior a um lado e outro  
Se estende , escobre a que debaixo fica.

As vezes inimigo dente alveja ,  
 E ameaça do ar os moradores.  
 Tudo n'ellas retrata o turvo aspeito  
 Da faminta , cruel ferocidade.  
 Foi ella quem , movendo as mãos de ferro ,  
 As unhas lhe arqueou , soltou lhe os dedos ,  
 Que uma leve membrana prende em outros :  
 Pequenas prominencias ; que os afeam ,  
 Uniu a estes , e de força rára  
 Os membros todós lhe *dotou* raivosa. »  
 O' tu , que cercas o terreno espaço ,  
 Que , com os outros seres reputados \*  
 Por elementos primitivos , gozas  
 Da gloria de formar a Natureza ;  
 Que as vezes *susurrando* mollemente »  
 Retratas de Cupido o somno *brando* ; »  
 Que outras vezes zunindo furioso ,  
 Os mares revolvendo , Os Ceos insultas , \*  
 Deserto não serás. Ligeiras aves  
 Vam seos ninhos deixar , e remontar-se  
 Sobre a massa pesada que lhe off'reces.  
 Amor as tinha unido , este Deus cego  
 Que estende o seo poder do Bruto ao Homem ,  
 Animando o Universo frio , e inerte  
 Per toda parte com seo vivo influxo.  
 Apenas a benigna Primavera »  
 Sua face risopha sobre a Terra »  
 Principia a mostrar ; movendo as azas

O carrancudo Abutre, e expondo ao vento  
 A despida cabeça, a um lado e outro  
 Volve a cruenta bipartida lingoa;  
 E sobre alcantilada nua rocha,  
 Onde as ondas quebrando *iradas fremem*, »  
 Ou ja sobre o mais alto erguido cume \*  
 De pedregosas, ingremes montanhas, \*  
 Em vão dos bravos ventos açoitadas, \*  
 Seo ninho vai formar; em quanto gira  
 O ousado Falcão, tambem no bico,  
 Que em torno cerca já gastada pelle,  
 Os aprestes trazendo que lhe aponta  
 Amor, da Natureza doce esteio.

Em que te occupas, diligente *Lanio*,  
 Quando já de mil flores coroada  
 A estação dos Amores se adianta?  
 Já te vejo rasgar os leves ares,  
 E sentindo aquecer o rubro sangue  
 Cedes tambem de Amor ao vivo impulso.  
 Sim, es tu..... não me engano..... a Natureza  
 No teu rosto character *mui distincto*. »  
 Estampou, com mão firme e *vigorosa*, »  
*Fazendo-o* menos curvo, e interrompendo »  
 A constante, subtil, polida margem  
 Com mui visivel falha; e vigorando-o  
 Com assassino duplicado dente:  
 Não te demores, aproveita os dias,  
 Em que ferve o prazer, e Venus bella



D'entre as vagas do mar , onde acolhida  
 No seio de Amphitrite repousava ,  
 Ergue a frente cercada de delcites.  
 Olha como respira docemente ,  
 E nãs azas dos Zefiros levada  
 Seo halito fecundo se insinua  
 Nas entranhas da Terra amortecida :  
 Coño, depois do Inverno triste e languido,  
 Remoça o orbe vigoroso e ledó.  
 Já nos campos , nas asperas Florestas  
 Ao ninho esperançoso te convidam  
 As arvores , no verde altivo cume  
 Afiançando providente abrigo.  
 Não eram estes os cuidados ternos ,  
 Que na amorosa , errada fantazia  
 Imaginavas nescia , ó Nictimene.  
 Suberbo throno a perfida Fortuna  
 Parecia guardar-te ; eis de repente »  
 Da Noite sob o manto escuro e denso  
 Envoltas foges , agoirando males , »  
 E te esquivas á luz do sol brilhante. »  
 Nas frouxas garras do lascivo Incesto ,  
 Perdeste a delicada antiga forma. »  
 A occulta mão , que o crime enfrea e pune , \*  
 De escuras pennas revestiu-te o corpo : »  
 Na cabeça disforme la te rasga »  
 Os olhos que , por grandes , mais te afeam ,  
 Nem se erguem sobre o curvo rostro as plumas,»

Que airosas n'outras aves o rematam : »  
 Frouxas e reclinadas a guarnecem , »  
 Afrontando as obtusas corneas ventas ,  
 E entre todas te fazem conhecida.

De Creta sobre as praias lastimosas ,  
 Aonde pela vez primeira o canto ,  
 Horrível que entoaste , foi ouvido ;  
 Desgrenhando as madeixas de oiro fino ,  
 Longos annos gemendo memoraram  
 Teos erros , e teo fado miserando ,  
 As compassivas Ninfas , e as Napeas. »  
 Mal podem consolar-te ufanas plumas , »  
 Que recurvadas na cabeça imitam »  
 Da tortuosa orelha o fino talhe :  
 Embora a teo querer obedientes »  
 Ora se abaxem , ora se levantem : »  
 Não cabe em vãos ornatos da desgraça \*  
 Mitigar o pungente acerbo golpe : \*  
 Que te vale ter sido consagrada  
 A' casta Deusa que ao saber preside ;  
 Se te deslumbra os olhos vergonhosos  
 A luz clara do dia , e torpe objecto »  
 Exposta jazes á picante mofa  
 Dos passaros mais debeis , e mesquinhos ? »  
 Tal he per toda parte o teo destino ,  
 Quer nos campos da Ausonia , negras azas  
 Agites , ou nos rijos pés despídos »  
 De plumage te firmes : quer ostentes »

Alvo corpo nas frigidias montanhas, »  
 Onde o baxo Laponio contrafeito, »  
 Miseravel sustenta errante vida. »  
 Embora vingues dilatados mares, »  
 E de Hudson nas r6chas procellosas »  
 Assentes o teu ninho, ou la nas terras, »  
 Onde o seo throno nebuloso o Inverno »  
 Firmou sobre mont6es de fria neve, »  
 E esteril gelo; terras desditosas, »  
 Que um capitam, brioso alucinado, \*  
 O ousado Magalhães ao Mundo antigo »  
 Patentes fez, tentando nova estrada. »  
 Que per ignotos rumos conduzisse \*  
 Os emulos da Patria a disputar-lhe \*  
 O dominio, e riquezas do Oriente: \*  
 Vingança torpe de renome indigna! \*  
 Debalde buscas solitario asilo \*  
 Em ermas plagas, em gelados climas: \*  
 Sitio não há, aonde os refulgentes \*  
 Raios do claro sol te não deslumbrem, \*  
 E em que a vil cobardiã não te force \*  
 A suportar ludibrioso escarneo »  
 Das aves que, feroz e atraçoada, »  
 Surprende, e que barbara laceras, »  
 Quando da Noite o soporoso bafo \*  
 As convida a gozar placido s6mno. \*  
 Nem tua crua indole se abranda »  
 Nos climas do Brazil, onde Amor vive

De exquisitos deleites , de finezas , »  
 E de ternas meiguices rodeado : »  
 Paiz aonde as Musas ; que risonhas , \*  
 Carinhosas o berço me embalaram , \*  
 Outra Hippocrene rebentar fariam ,  
 Outro Parnaso excelso e sublimado  
 Aos Ceos levantariam , se ao ruido  
 De pesados grilhões jamais podessem  
 As filhas da Memoria acostumar-se. »  
 Alí a terra com perenne vida  
 Do seio liberal desaferrolha  
 Riquezas mil , qué o Lusitano avaro  
 Ou mal conhece , ou mal aproveitando ,  
 Esconde com ciume ao Mundo inteiro (1).  
 Alí , ó dor !... ó minha Patria amada !  
 A Ignorancia firmou seo rude assento , »  
 E com halito inerte tudo damna , »  
 Os erros difundindo , e da verdade  
 O clarão ofuscando luminoso.  
 Alí servil temor , e abatimento  
 Os corações briosos amortece ,

---

(1) Esta obra foi escrita mais de vinte annos antes de S. M. passar a este paiz , e de estabelecer n' elle o mais *liberal* dos governos. Actualmente viajam no seo interior *Mineralogistas* e *Botanicos* Francezes , Alemães , e Bavaros : e viajariam os de outra qual-quer Nação , se o pretendessem.



E em quanto a Natureza desenhava  
 De outro Eden as campinas deleitosas,  
 A estúpida Ambição com mão mesquinha »  
 Transtornou seo magnifico projecto, »  
 E so parece aparelhar abrigo  
 A's aves, que do dia se arreçam,  
 E procuram da Noite a sombra triste.  
 Por isso, ó Nictimene, te acolheste  
 Do Brazil aos rochedos e ás Florestas,  
 Aonde o Indio em seo falar singelo  
 Jacorutú chamou-te, e te conhece  
 Não só pelas feições, com que na Europa  
 O Bufo das mais Aves se apartára;  
 Mas pela varia cor de branco e fusco,  
 E de amarelo que te tinge as pennas.  
 A despeito de tam gentil plumage,  
 As aves que te temem, quando assoma  
 No longinquo orizante o prateado, »  
 Sereno rosto de Diana casta, »  
 De ti zombam, mal Phebo d'entre os braços »  
 De Thetis se levanta radioso. »

Mas não foste tu só, que o Fado austero  
 Assim tratou: Princeza desgraçada,  
 Bem sabido he o caso lastimoso  
 De Ascálafo loquaz, quando do Erebo  
 Agastada a Rainha quiz punil-o  
 Da funesta imprudencia em que cahira.

Já pela mão de Ceres conduzidos

Abandonavam as incultas brenhas »  
 Os homens d'antes barbaros e rudes, »  
 E qual de abelhas diligente enxame, »  
 Com discreto trabalho melhoravam »  
 Os fructos que bravios dava a terra, »  
 E as ricas fontes da abundancia abriam. »  
 Já das artes em fim a que mais vale, »  
 Aquella que fixou e que sustenta »  
 O social Estado, começava »  
 A libertar os homens da bruteza, »  
 Que nas asperas serras os detinha; »  
 Quando das chammas do sulphureo Etna, »  
 Em voragens envolto de atro fumo, »  
 Rompeu, e viu o dia o Deus do Averno.  
 Amor, que então nas apraziveis praias  
 Da Sicilia aportára, mal o avista  
 Maligno se sorri, e com destreza »  
 No arco embebe envenenada setta, »  
 Com que lhe vare o duro indocil peito. »  
 Mal o tiro desfere, e vê turbado »  
 O implacavel Plutão, que ancioso exhala \*  
 Um profundo suspiro; a mão erguendo, \*  
 Com o dedo lhe aponta astucioso »  
 Proserpina de Ceres filha amada, »  
 Que festiva traçava, e graciosa »  
 Mil innocentes jogos com as Nimphas, »  
 Suas ledas, amaveis companheiras: \*  
 Vê-la, abraça-la, e com despejo insano »

Rouba-la , foram actos de um momento , »  
Para o Deus que domina o Estigo Lago. »  
Mas já soam os miseros lamentos , »  
Os suspiros , as lagrimas queixosas »  
Da magoada Ceres que buscava , »  
Atonita e convulsa , a cara Filha. »  
Debalde pressurosa os desabridos . »  
Climas percorre aonde o frio Norte »  
No gelo enrija as ponteagudas azas : »  
Debalde a esses passa , aonde Cook »  
Ousado quanto humano , com mão firme »  
Fixou do Mundo a derradeira meta : »  
Debalde a sua amavel Proserpina »  
Chama , vertendo amargurado pranto : »  
Nenhuma voz responde a seos clamores : \*  
Nenhum vestigio encontra , que avivente »  
Em sua alma a esperanza amortecida. »  
De novo entre gemidos volta aos Campos ,  
Onde Arethusa , em fonte transformada ,  
Per desvios conduz as claras agoas ,  
Como se inda fugisse á petulancia , »  
Com que Alfeo abraça-lá pretendia. »  
Os olhos , onde as lagrimas pulavam , »  
Lançando acaso á limpida corrente , »  
Vê ainda boiando sobre as ondas »  
O cinto virginal de Proserpina ;  
E como se a perdera nesse instante ,  
Volvendo ao Ceo o rosto magoado ; »

Fere co' as tenras mãos o niveo peito , »  
 E solta aos ares insofridos brados. »  
 Já quasi maldizia a t'erra ingrata ,  
 Em que tanto pezar a sossobrava ;  
 Quando Alfeo , d'entre as agoas levantando  
 A limosa cabeça , lhe dizia :  
 Modera , ó Deusa , a tua dor ; e sabe  
 Que no Tartareo Reino o sceptro empunha  
 Do teo materno Amor o doce objecto :  
 Eu a vi , de Plutão entre os nervosos »  
 Negros braços , entrar no seio escuro »  
 Da terra , que se abrira ; e conduzida »  
 Ser por elle aos Abysmos. Só de Jove »  
 A voz omnipotente pode agora  
 Arranca la do Reino de Summano.  
 Disse ; e a Deusa subindo ao alto Empíreo ,  
 A Jupiter expõe o infame roubo , »  
 Com lagrimas de dôr pungente e viva. »  
 Condoído o Pae terno lhe promete »  
 Que a filha lhe será restituída ; »  
 Se , com fructos do Averno , suavizado »  
 Ainda não tiver a fome ou sede. »  
 Lei dura ! mas do Fado irrevogavel »  
 No livro dos Destinos decretada. »  
 Afoita Ceres desce ao Lago Estigio : »  
 Mas pode acaso afiançar prudente »  
 Quem a força conhece , e o vivo impulso »  
 Dos appetites no femineo sexo , »



Que de um formoso fructo os atractivos »  
 Não ham de escurecer, por um momento, »  
 De acerbas magoas a impressão penosa ? »  
 Proserpina gentil, sem que a pungente »  
 Materna saudade lhe empecesse, »  
 Ou de Plutão a barbara bruteza »  
 De invencivel horror a penetrasse, »  
 Tinha provado, nos jardins que cercam »  
 Do austero Dite o magestoso Paço, »  
 Succosos bagos de Romam viçosa, »  
 Que a rubra cor da vivida Granada »  
 Pelas fendas da casca aos olhos mostra. »  
 Ascalafo sómente a tinha visto  
 Saborear o delicado pomo ; »  
 Ascalafo, que filho era de Orphene,  
 Entre as Nymphas do Averno a mais formosa.  
 Tal da Ethiopia nas adustas Cortes, »  
 Entre as Esposas dos brutaes Monarchas, »  
 Por linda se avantajava que reúne  
 A' negra cor do Ebano lustroso »  
 Olhos, aonde o fogo de Amor brilha, »  
 E dentes que na alvura sobrepujam  
 O polido márfim : assim de Ascalafo  
 No Averno a Mae gentil se avantajava »  
 A's outras Nymphas de infernal belleza, »  
 E Plutão junto d'ella, muitas vezes,  
 Das fadigas do throno se esquecia.  
 Até ao vê-la o duro Rhadamanto

Se diz que os feros olhos ameigava : »  
Mas era vã , travessa , e sem disvelo »  
Tinha educado o filho , que imprudente »  
O segredo fatal revela , quando »  
Já entre os meigos braços a Mae terna »  
Reconduzia a suspirada Filha. »  
Indignou-se do Erebo a Sob'rana ,  
E nas agoas do torvo Phlegethonte  
Ensopando flexivel , tenro hysopo ,  
Lhe aspergiu a cabeça que disforme , »  
E emplumada ficou : a um lado , e outro »  
Seis recurvadas pennas se levantam , »  
A's humanas orelhas parecidas ; »  
Quiz falar , e do rostro adunco rompem  
Somente tristes agoireiros pios ,  
Que frequente com rouca voz repete : »  
Vai os braços mover , e sobre os ares »  
O levantam pintadas longas azas »  
De pardo-escuro , e ruivo colorido :  
Em vez de pés , so dedos guarnecidos  
Acha de agudas encurvadas unhas :  
Desde então as nocturnas sombras ama ;  
E do Averno fugindo sobre a Terra  
O vôo dirigiu , onde lhe chamam  
Mocho , presago de funestos males.  
Ora habita edificios carcómidos ,  
Ora cavernas de medonhas rochas ,  
Ou cavos troncos de arvores antigas :

Sempre nos montes vive , e perguiçoso ,  
 O unico signal que testemunha  
 Sua antiga grandeza , he a vaidade »  
 Com que em ninhos alheios deposita »  
 Os proprios ovos , para ver sem custo »  
 Prosperar a voraz infausta prole. (1) »  
 Apezar da perguiça , que lhe acanha  
 Os brios , muitas vezes por morada  
 Escolhe as terras , onde Marte ostenta  
 Já fereza selvatica indomavel , »  
 Já discreto valor , e arte engenhosa ; »  
 E na Patria aparece dos Gustavos ;  
 Ou lá no Canadá quasi deserto : »  
 Nem duvida assentar nocturno pouso »  
 Na fertil regadia Carolina ,  
 Onde a face do homem brilha ufana

---

(1) He abuso inveterado entre os Portuguezes, assim Europeos como Americanos, dar a crear seus filhos a Escravas ou Amas mercenarias: não tanto pelo desejo de libertarem as proprias mulheres do incomodo de amamentarem os filhos, como pela fatuidade de ostentarem educação diferente da do povo baxo e miseravel. E he esta preocupação tanto mais forte, quanto menos tempo ha que as Familias, que a adoptam, sahiram d'aquella classe, com a qual a sua actual riqueza as leva a pretender não confundir-se: ou da qual só se distinguem pelos bens que possuem.

Com as feições da nobre independencia. »  
 Viver não lhe apraz menos, nas Antilhas ;  
 Mas como se intentara disfarçar-se  
 Em acanhado corpo, se assimilha. »  
 Ao Cuco detestado dos Esposos,  
 Bem que este facilmente se distingua ;  
 Porque menos disforme move as lisas »  
 De variada cor lustrosas pennas. »  
 Aos lados da cabeça uma só pluma »  
 Se lhe divisa, a qual mui mal imita »  
 O talhe auricular. Contam que fora »  
 Da Etruria n'outro tempo Rei potente, »  
 Dotado de belleza sobre-humana, »  
 De engraçados, afaeis, meigos gestos, »  
 Que com força invencível atrahia »  
 Os corações mais rígidos e austeros. »  
 Sempre imbelle, jamais brandira lança, »  
 Ou escudo abraçou, cingiu espada ; »  
 So de Cupido na amorosa guerra »  
 Continuo se mostrou firme, e incançavel. »  
 Alpinello era o nome do Monarcha, \*  
 Da poderosa Venus protegido, \*  
 Que devoto podera ornar seos Templos \*  
 Com mil padrões de insolitos prodigios. \*  
 Oprimido dos annos, e coberto \*  
 Dos louros triunfaes do Deus de Gnido, \*  
 A' Deusa pede com instantes rogos, \*  
 Que lhe conserve o ser, e a forma mude \*



Em ave graciosa , cujo canto , \*  
 Seo nome e seos triunfos recordando , \*  
 A fama perpetue das ditosas \*  
 Continuas oblações , que lhe ofertára. \*  
 Ouviu a Deusa a suplica devota , \*  
 E em premio de seo merito o transforma «  
 Naquella ave maligna , conhecida »  
 Pelo nome de *Cuco*, que inda agora »  
 As vivas fantazias atormenta »  
 De ciosos , amantes indiscretos , »  
 Pintando n'ellas mil visões funestas »  
 De torpes scenas , perfidos enganos. »  
 Assim vagando , de um em outro clima , »  
 Chegou té ás austraes miseras terras , »  
 Firme morada em todas assentando. »  
 No fecundo Brazil , onde seo corpo »  
 Apoucado se mostra , o nome troca »  
 Em Caburé ; mas , mais formoso ostenta »  
 Grandes , redondos , amarellos olhos , »  
 Onde brilha central negra pupilla : »  
 A seo arbitrio abaxa , ou ergue as plumas »  
 Que , em lateral postura , a frente adornam , »  
 Quaes agudas , polidas , moveis pontas. »  
 Facilmente domestico , e tranquilo »  
 Nas casas vive , aonde encontra abrigo.  
 Assim de Kolbe ao Cuco se assimilha ,  
 Que habita o proceloso promontorio »  
 Onde Eólo suberbo se enfurece ; »

E aonde Adamastor , com voz horrenda , »  
 Que pareceu sahir do mar profundo , »  
 Ameaçava o destemido Gama , »  
 Quando nas Indianas ricas praias »  
 Ia plantar as Lusitanas Quinas. »  
 Sublime genio , que na mente fertil \*  
 Do Sulmonense Vate despertaste \*  
 O fogo animador , comque retrata \*  
 Da Natureza as obras e as mudanças ; \*  
 D'esse lume celeste na minha alma \*  
 Sacode uma faisca , que avivando \*  
 A já cansada frôxa fantazia , \*  
 N'ella suscite imagens vigorosas , \*  
 E nobres expressões apropriadas \*  
 Para cantar os casos lastimosos , \*  
 Os crimes descrever , e a iniquidade \*  
 D'esses homens que o Mundo chamou grandes, \*  
 E grandes em maldades foram dignos \*  
 De que o supremo Jove, em justa pena \*  
 De suas horrorosas crueldades , \*  
 Os convertesse em carniceiras aves , \*  
 ( N'essas aves sombrias que so amam \*  
 A escuridão das pavorosas trevas , \*  
 E que , apenas desponta no oriente \*  
 O claro Sol benigno derramando \*  
 Sobre a face da Terra a luz brilhante , \*  
 Ao seo areo clarão promptas se occultam , \*  
 Como temendo que as feições disformes , \*  
 Que

Que o Ceo aos crimes seos apropriára , \*  
 Patentes façam as paixões horriveis , \*  
 Que em seos peitos ferozes inda abrigam: ) \*  
 E que expostos aos olhos dos humanos \*  
 Os torne detestavel , digno objecto \*  
 Da execração , e do geral desprezo. \*  
 Posto que similhantes na figura »  
 As descriptas té aqui ; nenhuma off'rece »  
 Na alisada cabeça leves pennas »  
 De forma auricular , e com diversos »  
 Desenhos as distingue variamente »  
 A rica inexhaurivel Natureza ; »  
 Alvo corpo lhes deu , e as brancas azas : »  
 Com fuscas , separadas , curvas malhas , »  
 A's vezes , adornou ao duro Harfango , »  
 Que mais grave e avultado do que o Bufo , »  
 Distintó d'esse fez , não sem motivo. »  
 Tu o sabes , ó Dania , pois trocado »  
 Viste na forma d'esta feroz Ave , »  
 Esse brutal Monarcha deshumano , »  
 Que desangue te encheu , te encheu de horróres: »  
 O infamé Christierno , que de Nero »  
 Teve a maldade , e mereceu o nome. »  
 Agora so habita , e so levanta , »  
 Pesado e carrancudo , o triste vôo »  
 Nos paizes , aonde o frio intenso »  
 O natural instincto lhe entorpece , »  
 E aonde sombrio e carregado , \*

Oprimido parece da lembrança \*  
 Das passadas perfidias e cruezas. \*  
 Nos climas boreaes do novo Mundo »  
 Tambem tomou assento; mas so ousa »  
 Raramente pousar no chão ditoso »  
 Que de Franklín o genio sobre-humano  
 Salvou das iras do celeste raio ,  
 E dos furores do Britano altivo.

Mais livre e menos fera , em toda a Europa  
 A Coruja revôa , apresentando.  
 Quaes os dentes da serra cortadora  
 As pennas principaes , com que parece  
 Remar , quando divide os densos ares ,  
 E n'elles bate as perguiçosas azas. »  
 Fusca , desagradavel cor lhe afea »  
 O corpo de mil plumas estofado. »  
 Em vão nos encovados olhos brilha »  
 O iris negro ; n'elles se divisa  
 Da oleosa avelam a cor sombria. »  
 Em espessos silvados se agasalha, »  
 Ou nas copadas arvores , e d'ellas »  
 Nas abertas musgosas cavidades , »  
 Durante o dia , frôxa se recolhe , »  
 Mal entra o Sol nos invernosos signos. »  
 Entre os gemidos funebres , que exhalas , »  
 O' triste Noitibó , lá se distinguem »  
 Os rangedores gritos , que do centro »  
 Dos Cemeterios lugubres espalhas ,



Pavoroso temor , gelado susto »  
 Derramando nos peitos indiscretos »  
 Dos ignorantes , crédulos humanos , »  
 A quem a fé estúpida inda oprime \*  
 De fatidicos , vãos , negros agoiros : \*  
 Agoiros que de Roma presidiram \*  
 A' baixa fundação , e que no tempo \*  
 De sua colossal grandeza ainda \*  
 As guerreiras emprezas dirigiam , \*  
 Mas que hoje os mesmos Scipiões e Emílios ; \*  
 Respeito e pasmo do Universo absorto , \*  
 So de riso ou de dó dignos fariam : \*  
 Tanto pode do tempo a dura lima , \*  
 E da Razão a placida cultura ! \*  
 O teo dorso amarello , aonde ondeam \*  
 Pardas escuras manchas de ordinario »  
 De brancos lindos pontos salpicadas , »  
 Gentilmente realça , contrastando »  
 Com a alvura do corpo , e com o rosto , »  
 Que negro he só na ponta , aguda e curva , »  
 Com que feres e matas os coitados »  
 Miseros passarinhos innocentes , »  
 E com que fazes implacavel guerra »  
 Aos damninhos , subtis , tímidos Ratos. »  
 Foi n'esta Ave mesquinha pregoeira »  
 De funereos desastres , que o Destino »  
 Transformou esse hypocrita cruento , »  
 Dissimulado perfido Philipe , »

Que atropelando as Leis da Natureza , \*  
 Insultando a Razão e a Divindade , \*  
 De fogueiras cobriu , cobriu de luto \*  
 A desgraçada Hespanha : que falsario \*  
 Acusador e algoz do proprio Filho , \*  
 Para a Esposa roubar-lhe , á morte o entrega , \*  
 Simulando da Fé zelo exaltado \*  
 Que em sua alma perversa jamais coube : (1) \*  
 Feroz , ambicioso , insaciavel , \*  
 Que roubando , sem pejo , sem disfarce , \*  
 Os direitos dos Povos que oprimia , \*  
 Dilacerou cruel o manso Belga , \*  
 E sugeritou com barbara perfidia \*  
 A ferreo jugo o Lusitano Reino. \*

---

(1) Se Philippe II.º de Hespanha occasionou, ou não, a morte de seo filho, o desgraçado Principe D. Carlos, he ponto Historico ainda controvertido, e que pelas dificuldades que os Escriptores Hespanoes deviam encontrar em produzir as provas que o verificassem, e até pelo temor de o fazerem, he de esperar que fique para sempre duvidoso. Não obstante porém que a divulgação de uma tal voz, e de uma tam horrivel imputação, combinada com o caracter bem conhecido de Philippe II.º, façam assaz verosimil a sua realidade; eu não tenho em vista n'este logar corroborar os fundamentos da credibilidade d'este facto; limito-me a fazer sensivel o horror que uma tal acção

Tambem tu , ó Rainha deshumana ,  
 Que em Philippe terias digno Esposo ;  
 Que impia precipitaste nos abismos \*  
 Do Áverno, um apoz outro, os proprios Filhos; \*  
 Tu que a noite medonha aparelhaste ,  
 Em que Atropos , das Furias rodeada ,  
 Armou do Fanatismo as mãos cruentas ,  
 E de sangue banhou a França inteira :  
 O' Medicis , indigna de tal nome ,  
 Inda mortes e horrores respiravas ,  
 Quando os Ceos indignados te mudaram  
 Na mesma Ave nocturna , em que já fora  
 Mudado o Filho horrendo de Agripina.

Teo torto rosto , recurvadas unhas , »  
 Teo grito apupador e dissonante , »

---

deve naturalmente inspirar. Poetas não são Historia-  
 dores , aproveitam-se da Historia , alteram-na , e até  
 fabulam para introduzir em seos poemas as ideas que  
 podem dar-lhes realce , avivando nos corações de seos  
 leitores o amor da virtude , o horror do crime , e em  
 geral todos os sentimentos nobres e generosos. Se  
 esta permissão he dada a todos os Poetas, como poderá  
 negar-se a um Portuguez amante de sua Patria , e  
 pessoalmente obrigado aos seos Soberanos ; quando  
 procura augmentar o horror contra um Principe es-  
 tranho , que oprimu essa Patria , e usurpou os direi-  
 tos d'esses Soberanos ?

Teos azulados olhos não consentem , »  
 Nem a terceira remadora penna , »  
 A qual ás outras todas se avantajá , »  
 Que com outra alguma ave te confundas. »  
 Entre os Argivos *Glaux* foste chamada : »  
 Menos exactos, deram-te os Romanos  
 De *Noctua* o nome improprio ; nome vago :  
 Coruja apupadora antes chamar-te »  
 Quizera , ou derivar de teos apupos »  
 Um nome imitador , e apelidar-te  
*Chat-huant* , á maneira dos Francezes.  
 Oxalá que eu pudesse apropriar-te  
 De *Tuidará* o nome , que designa  
 O Noitibó , na harmoniosa lingua  
 Do perguiçoso , afavel Brasileiro.  
 Com diversas feições, diverso nome  
 O Noitibó , e o *Chat-huant* habitam ,  
 Não só na desabrida Scandinavia ,  
 Mas nos climas aonde o Sol dardeja  
 Com mais calor os encendidos raios.  
 Com tudo de Cayana , per tal modo ,  
 No terreno fecundo e apaúlado ,  
 O *Chat-huant* varia , que parece  
 Nova especie formar , offerecendo  
 A' vista estranhas , variadas cores :  
 O bico côr de carne , as unhas negras ,  
 Os olhos amarelos , e a plumage  
 Ruiva , e mui subtilmente atravessada



De escuras riscas , que no dorso e peito ,  
E no ventre , lustrosas se divisam .

Tambem move amarelos feos olhos

A *Ulula* , que só vive nos rochedos ,

Entre ruínas , e asperas pedreiras , »

Ou ingremes , pendentes penedias , »

E sempre melancolica e sombria ,

Nas solitarias brenhas busca azilo. »

Seo corpò , que per cima he branco e fuscò , »

Os traços apresenta que figuram »

Ligeiras , ondulantes , vivas chammas. »

Distingue-se tambem , porque na cauda »

As pennas , que a guarnecem , e qual leme »

O vôo lhe dirigem , matizadas »

São de rectas , subtís , candidas riscas ; »

Estas tambem a cauda aformoseam »

Da *Extrix* do Canadá , mas mais delgadas , »

Froxamente alvejando , la se avistam »

Sobre a ponta , nas pennas entremedias.

Sua erguida cabeça , negra no alto , »

De alvos pequenos pontos he manchada , »

Imitando do corpo as brancas malhas , »

Que sobre a parda côr nitidas brilham. »

Na parte anterior seo rostro alveja , »

Em tanto que nos olhos lhe scintila »

O amarelado íris reluzente , »

Que do doirado goivo a côr imita , »

De florentes Jardins cheiroso ornato. »

E como es facilmente conhecida »  
*Zueta*, ou antes passarinho *Mocho!* »  
 Qual outra ave apresenta a nossos olhos »  
 Cinco distinctos laivos que branquejam »  
 Em regulares filas alinhados? »  
 Teo encurvado bico he amarelo »  
 Na ponta, mas escuro sobre a base : »  
 Teo corpo iguala apenas em grandeza »  
 O do canóro sibilante Melro. »  
 D'esta arte, a rica e sabia Natureza »  
 Em continua cadea os seres liga, »  
 Que no Globo espalhou; mas que dispostos »  
 Aos olhos do Zoologo discreto, »  
 Em ordem regular, per differenças »  
 Tam tenues se distinguem, que parece, »  
 Que ella quiz, graduando subtilmente »  
 As transições de uns seres para os outros, »  
 Per insensiveis passos, n'um so todo »  
 Immensos *todos* reunir distinctos. (1) »

---

(1) O pensamento, que desenvolvi nestes dez versos, acha-se no original expressado da maneira seguinte :

He assim que a sublime Natureza,  
 Com laço inteligente os corpos une,  
 Que no Globo espalhou, desde os maiores  
 Até os mais escassos, e mesquinhos.  
 Per mil modos os une, e prende todos :  
 Até leves *nuanças* forma e assombra,

Assim de Hudson se vê na funda e vasta    »  
 Bahia , revoar a ave que imita  
 O Gavião no bico , e audaz empolga  
 Em pleno dia a desgraçada preza :  
 Distingue-se mui pouco, na cabeça ,        »  
 E nos pés , da lucifuga Coruja.            »  
*Caperacok* he o nome que lhe deram ,        »  
 De raizes Británicas formado :            \*  
 A varia cor das pennas a distingue ;  
 Negras no alto são da erguida fronte ,     »  
 De candidos salpicos misturadas ;        »

---

Com que feições diversas misturando ,  
 Finge unir n'um so ser diversos seres.

Determinei-me a substituir aquelles a estes versos ,  
 alem de diversas considerações facéis de perceber , a  
 quem sabe avaliar a harmonia da versificação , e tem  
 verdadeiro conhecimento da lingua Portugueza ; por  
 não me animar a introduzir n'esta o termo francez  
*nuança* , de que aliás muito carecemos. Entre tanto  
 para que o exemplo de um homem de tanto espirito,  
 saber e gosto , como o autor d'esta singular composi-  
 ção , não falte a algum bom engenho portuguez do-  
 tado da resolução que eu não tenho , transcrevi a  
 passagem que por tímido alterei. N'ella e na que lhe  
 substituí , persuado-me que se encontra quanto basta  
 para fundar sobre este ponto a deliberação de qual-  
 quer Escritor discreto , que se sinta com forças de  
 formar autoridade.

As que dos cotos pendem sobre as azas , »  
De riscas transversaes são adoruadas , »  
Já brancas , já escuras ; mas entre ellas »  
As trez , que ao corpo mais visinhas ficam , »  
So de candidas orlas são bordadas. »  
Longas escuras manchas se divisam , »  
A parte inferior atravessando »  
Da garganta , e ornando o ventre , os lados , »  
O musculoso peito , e as leves pernas. »  
Entre as compridas pennas , que lhe formam »  
As azas , a primeira he toda escura »  
Sem orla , ou branca malha , que a belleza »  
Lhe realce : tambem nisto imitando »  
As ferozes carnivoras Corujas. »  
Nas tortas aguçadas unhas segue »  
Das outras aves de rapina a forma. »  
N'esta feição , ou antes offensiva »  
Arma , nenhuma outra a Natureza »  
Distinguiu com figura menos curva »  
Do que o sordido Abutre , que do Tigre »  
A força em proporção , e a sanha iguala. »  
De pennas a cabeça despojada , »  
De dura nua pelle guarnecida , »  
Na parte anterior os olhos mostra »  
A' flor da face vivos scintilando. »  
A lingua ao comprimento dividida »  
Per um direito rego , e levantada »  
De um lado e de outro lado , na dureza »



As rijas cartilagens igualando , »  
 De uma calha a figura representa , »  
 Per onde a agoa no ventre se lhe entorna. »  
 O collo tem despido , e mal apenas »  
 De macia penoge se guarnece , »  
 Per entre a qual de quando em quando erguidas»  
 Raras grosseiras cerdas se apresentam : »  
 Inclinação postura sempre toma »  
 Carregado e sombrio ; bem mostrando »  
 N'este ingrato pendor a indole fera »  
 De seo cruento genio , e duro instincto. »  
 Menos ferino , ou antes menos forte , »  
 Lançando aos ares lamentosos gritos , »  
 Ante meos olhos vejo o Perenóptero , »  
 Habitador dos levantados montes , »  
 Que ousado atravessou o grande Annibal , »  
 Quando o tremendo voto executando , ✕  
 A que Amilcar seo Pae o persuadira , ✕  
 Entrou na amena Italia , e ante as hostes »  
 Dos Penos fez tremer o Capitolio. »  
 Tambem na Grecia vive , onde as sciencias »  
 N'outro tempo existíram de mãos dadas »  
 Com leis , que a liberdade asseguravam , »  
 E onde agora a Ignorancia só domina , »  
 Do Despotismo Filha , Irmãa , e Esposa. ✕  
 N'esta terra infeliz , onde calcadas ✕  
 São as cinzas de Phocion , e Aristides ✕  
 Aos pés de vis Eunuchos , e de rudes ✕

Orgulhosos Baxás , a quem distingue \*  
 A cauda triplicada , insignia propria \*  
 De brutaes , ignorantes Potentados ; \*  
 N'esta terra , que as lagrimas promqve \*  
 Dos homens entendidos , solta o vôo \*  
 Depois de repetidos vãos esforços  
 O pesado choroso Perenóptero. »  
 As pennas principaes , que ao ar o elevam , »  
 Na extrema margem são de branco tintas ,  
 Excepto quatro ou duas , que se assentam ,  
 Como primeiras , sobre as mais que as seguem ,  
 E que uma mesma côr constantes guardam.  
 Das asquerosas ventas lhe dimana  
 Continuo mal cheiroso humor nojento ;  
 E quando sobre os rudes pés se firma , »  
 As azas frôxo mal fechadas deixa ; »  
 Oque os outros Abutres , de ordinario , »  
 E carniceiras aves tambem fazem ; »  
 Signal da laxidão , que lhes repassa  
 O peito vil , aonde se reuinem  
 Cobardia e cruel ferocidade.  
 Eis a forma horrorosa e desprezivel »  
 Que , em castigo de teos nefandos crimes , »  
 Os sempre justos Ceos te destinaram ; »  
 O' Triumviro infame , que escondendo  
 A tua natural indole féra »  
 De baxo de estudadas apparencias »  
 De modestas virtudes , que não tinhas , »

Com aleivosa boca profanando  
 De cidadão Romano o nome e a gloria,  
 Os grillhões apertasté á tua Patria , »  
 E os filhos dos Valerios , e dos Gracchos »  
 Submeteste a teu jugo vergonhoso. »  
 Em vão das castas Musas procuraste \*  
 O abrigo protector ; em vão fizeste \*  
 Que nas suaves Citharas soassem \*  
 Dos cantores de Mantua , e de Venusa , \*  
 Em lisonjeiros sons , teos mentirosos \*  
 Falsidicós louvores : não poderam \*  
 Suas vozes sonoras libertar-te »  
 Da ignominia indelevel ; do ferrete »  
 Eterno , a que severa te condemna , »  
 Por tuas proscripções impias e obscenas ; »  
 A Razão , cujas vozes reforçadas »  
 De geração em geração transmitem »  
 Teo nome com horror , ao Mundo inteiro : »  
 Em vão a dignidade veneranda  
 De Tribuno , e de Consul ostentavás ,  
 Fingindo respeitar o que outrò tempo \*  
 Do orbe inteiro respeitado fôra : \*  
 Em vão com reflectida , e simulada »  
 Moderação , prudente os pareceres »  
 Escutavas de Agrippa e de Mecenas , »  
 Para saber se o sceptro deporias ,  
 Ou se da Patria o bem inda exigia »  
 Que em tuas debeis mãos o retivesses. »

Per entre o véo, que astuto pretendias »  
 Lançar á usurpação que exercitavas, »  
 Reverberava o plano ambicioso, »  
 Com que o grande edificio da Romana, »  
 Antiga liberdade demolindo, »  
 Meditavas cobrir de frias cinzas  
 Dos Brutos, e Catões os quentes restos.  
 Inda quando os teos dias so manchasse  
 O crime de chamar de Roma ao throno  
 O feroz, refochado, torpe filho  
 Da enganadora Lívia, e ter formado  
 D'esta arte o anel primeiro da medonha  
 Detestavel cadea de Tyranos,  
 Que o Mundo per mil modos flagelaram;  
 Em quanto desprezíveis, e odiosos \*  
 Do mesmo Mundo aos olhos se faziam: \*  
 Este so crime te fizera digno  
 De seres transformado em feo Abutre.  
 Inda na mão a penna sustentavas »  
 Com que havias no docil pergaminho »  
 Escripto o fatal nome do cruento »  
 Estupido Tiberio, quando a Deusa »  
 Que de Jove nascera e de Minerva;  
 A Deusa, que dictou as leis sublimes  
 De Lycurgo immortal, e longo tempo  
 Do Capitolio ao Fado presidira,  
 As unhas te aguçou, e accesa em ira  
 Denegridas as fêz e recurvadas:



O iris te pintou nos feros olhos  
 Com amarella cor avermelhada :  
 A cerulea cabeça , e o collo apenas »  
 De alva penugé te cubriu , e poz-te , »  
 Per baixo de pequenas brancas pennas »  
 Uniforme coleira pouco airosá. »  
 Falar quizeste , e os beijos alongados  
 Em negro adunco rostro se tornaram ,  
 Que só na torta ponta um pouco alveja.  
 No peito te imprimiu escura mancha ,  
 Que parece imitar no seo contorno »  
 De um coração a forma , e que somente »  
 Em sua cor retrata ; escura e triste, »  
 De teos conselhos o fatal negrume.  
 Negou-te emfim nas azas , e no corpo  
 As proporções de um talhe airoso e nobre :  
 E rasgando-te a mascara de todo ,  
 Manifestou teos baixos sentimentos ,  
 Dotando-te de instincto sanguinario , »  
 Que disfarçar não podes , e te obriga »  
 A faminto buscar per toda parte  
 Cadaveres immundos , e corruptos  
 Que te aplaquem a fome insaciavel \*  
 De carnagem e sangue , que animára \*  
 Teo peito imbelle em quanto vivo foste. \*  
 Mas já vejo no lucido orizonte , \*  
 Per entre as brancas nuvens , apontando \*  
 O amoroso clarão da rôxa Aurora : \*

Já oiço o doce harmonioso Canto \*  
 Dos ledos passarinhos , que anunciam \*  
 A magestosa aparição de Phebo : \*  
 Já o Deus que visiveis faz as côres , \*  
 As trevas afugenta , dardejando \*  
 Do fulgurante rosto a luz que infunde \*  
 Nos corações humanos alegria : \*  
 Suspende , ó Musa , o doloroso Canto , \*  
 Que , nos lugubres tons da Eolia lyra , \*  
 Benigna me inspiraste : as aureas cordas \*  
 Da Cithara divina aos tons alegres \*  
 Acomoda de novo : aos indignados \*  
 De trovejante voz duros accents \*  
 Succedam amorosas meigas notas \*  
 De suave expressão : as lindas aves , \*  
 Cujas vozes escuto , estão pedindo \*  
 Cantos , onde os Prazeres , onde as Graças \*  
 Risonhas resplandecem , e onde o premio \*  
 Das Virtudes se veja retratado \*  
 Com apraziveis cores , que despertem , \*  
 E arreiguem n'alma os puros sentimentos \*  
 Da compassiva , meiga humanidade , \*  
 E da amavel geral beneficencia . \*  
 Por um pouco , esqueçamos os horrores \*  
 De cruezas , perfidias , e impiedades , \*  
 Com que monstros , não homens , deshonraram , \*  
 E afligiram a triste humana Raça . \*  
 Dos bons as acções nobres recordando \*

As tintas e os pinceis aparelhemos \*  
 Para quadros traçar, que ao Homem fraco \*  
 Animem na carreira da virtude, \*  
 E que esperar lhe façam mais ditosos, \*  
 Mais prosperos, alegres, mansos dias. \*

---

 NOTA.

Esta singular composição, cujo arido assumpto (ao menos encarado no systema da Natureza do celebre Linneo) parecia inteiramente fora do alcance da poesia, foi apprehendida pelo Autor na sua primeira mocidade. N'aquelle primeiro impulso, foi levada pouco mais ou menos á metade de sua extensão, relativamente ao ponto em que elle a deixou. A sua mudança de estado o determinou a pôr de parte todas as obras de Poesia profana, que havia apprehendido; e esta cahiu por tanto em perfeito esquecimento, com algumas outras. Passados alguns annos, tornou elle com tudo, a instancias minhas, a lançar de novo mão d'este trabalho, e o conduziu até a metamorphose de Octaviano em Perenóptero. Como este segundo impulso teve a sua origem na condescendencia, e não em a voz do genio que primeiro lhe suggerira o desejo de dar uma descripção das Aves em verso; o seo resultado não foi tam feliz como o do primeiro, e facilmente perdeu o Autor segunda vez a vontade de acabar a obra. D'aqui resultou que não cogitando mais de polir o que tinha feito, deixou elle este seo

trabalho em um estado de imperfeição que o fazia pouco digno de sahir á luz publica. Com tudo, eram tantos os rasgos de genio ; tantas as belezas poeticas , e tantas as difficuldades vencidas ; que eu julguei dever , senão acabar , ao menos corrigir e aperfeiçoar , quanto em mim coubesse , este producto verdadeiramente original de um genio poetico , para honra do Autoer, da lingua Portugueza : e por tanto, usando do direito que o mesmo Autor me dera sobre as suas obras , poucos dias antes de seo falecimento , passei a cortar todas as passagens que me pareceram menos proprias , ou mais arredadas da beleza de outras : introduzi alguns pensamentos novos ; e dei a muitos dos antigos diversa forma , e mais amplo desenvolvimento. Não podendo porém desconhecer a inferioridade de meos talentos , relativamente aos do Autor ; e não sendo de justiça que as minhas imperfeições e defeitos lhe sejam em tempo algum attribuidos , assentei distinguir os meos versos, dos seus, notando com o asterisco (\*) todos os que, não somente são meos , mas exprimem pensamentos meos ; e de marcar com o signal (») todos os que , sendo per mim compostos ou emendados , exprimem pensamentos que o Autor havia diversamente expressado. Introduzi a segunda invocação que começa :

Sublime genio que , na mente fertil

Do Sulmonense Vate , despertaste , etc.

para marcar precisamente o ponto em que me vi obrigado a tratar quasi de novo a materia , sem desaproveitar com tudo os pensamentos , e até alguns exce-



lentes versos de meo Amigo ; e rematei o Poema com um fecho que me permitisse enxerir no corpo do mesmo poema a descripção de todas as aves que foram omitidas ; se per ventura este meo trabalho fosse bem recebido do Publico , e eu tivesse occasião de imprimi-lo segunda vez.

Lembrado mesmo de que talvez algumas horas de descanso me permitissem intentar a descripção poetica das outras ordens, em que Linneo dividiu as aves, deixei entrever no fecho com que terminei esta primeira noite , o desejo de assim o executar. Entre tanto , nem a minha idade , nem o estado da minha saude me permitem que eu contraia com o Publico um empenho que não tenho certeza, nem mesmo notavel probabilidade , de poder executar.

## CARTA

DIRIGIDA A MEU AMIGO JOÃO DE DEUS  
PIRES FERREIRA,

*Em que lhe descrevo a minha Viagem per mar  
até Genova.*

MEU PIRES,

**D**ESPONTAVA o dia em que a meus olhos, não  
sem saudade, havia por alguns mezes desaparecer  
Lisboa,

Que merece bem o nome  
De Bysancio occidental;  
Onde o saber pouco val,  
Têm valor so prata e oiro,  
Branco assucar, rijo coiro;  
He melhor *ter*, que virtude:  
Pelo menos assim pensa  
Gente douta, e povo rude.

Dir-me-ha que de Londres, Amsterdam, Berlin,  
Vienna, se pode dizer que *sicut et nos manquejam*  
*de um olho*; não duvido: de Pariz por ora nada  
digo; espero as leis civis para ajuizar se fizeram  
n'ellas o que devem.

He então que a minha Musa ,  
 De cantar mais anciosa ,  
 Ferirá de novo as cordas  
 De sua lyra saudosa.

Entretanto vamos ao ponto, que he a descripção  
 da minha viagem até Genova. Per onde começa-  
 rei ?

Cansada a mimosa Aurora,  
 Para o leito se acolhia ,  
 Em quanto Apollo açoitava  
 Os messageiros do dia.

Em vão Pyrois retorcia  
 As orelhas funegantes ,  
 E com rinchos dissonantes  
 Ethonte o ar aturdia ;

Porque Apollo enfurecido  
 Mais e mais os fustigava ,  
 Vibrando a torta manopla  
 Com horroroso estampido :

Vinte vezes foi ouvida ,  
 Qual o vento, sibilor ,  
 E nas ancas revoltosas  
 Dos ginetes estalar ,  
 Por tal modo

que amanheceu enfim de todo. Confesse que he  
 uma das manhãs longas que se tem visto raiair

sobre o Horizonte: mas enfim amañheceu. Era de esperar que, depois de tanto trabalho de Apollo, a manhã fosse clara e brilhante: não succedeu assim;

Porque densa escura névoa,  
Per entre o freo, escumavam  
Os cavallos furiosos,  
Dos açoites que aturavam.

Se lhe não agrada esta theoria, para explicar a origem das névoas; saiba que em Poesia ainda se não deu melhor; e se não he certa, ao menos he assaz intelligivel para mostrar que a manhã foi nebulosa. Irra! que manhã! eu mesmo ja não sei como hei de chegar ao meio dia, a não ser de pulo. Saltemos pois:

Zuniu nos ares  
O meio dia;  
Batel ligeiro  
Já conduzia  
O Palinuro  
De aspecto duro,  
Que promettera  
Ser nosso Guia.  
Corpo pequeno,  
Rosto tostado,  
Magro, escarnado,  
De frôxas rugas



Entretecido ;  
De câas ornado ,  
O mal burnido  
Cabello preto :  
Eis o retrato  
D'este bisneto  
Do Gran' Neptuno.  
Dizem que Juno  
Já pretendera  
Faze-lo esposo  
De uma Sirea ,  
Que mal o viu ,  
De medo chea ,  
A cor perdeu ,  
E entre gemidos  
Em fim morreu.  
Jaz sepultada  
No fundo mar  
Perto do estreito  
Dê Gibraltar.

Mal garimpou sobre o Navio , deu tres passeios,  
médio o Ceo com os olhos , e de commum acordo ,

As velas se desfraldaram ;  
Dinamarqueza bandeira  
Pelos ares ondeava ,  
Com apparencia guerreira :

Mas, ó caso nunca visto !  
O' maravilha estupenda !

Não se assuste : he pouco mais de nada : o Hiato do Piloto da Barra tinha protestado naquelle dia desarvorar; e sem ondas, nem ventó que tanto pudesse, desarvorou com effeito ; e foi-se embora, deixando o bom Piloto

Que passeia, a um lado e outro  
Volve os olhos pensativo ;  
E ora frôxo, ora mais vivo,  
Tudo quer, tudo rejeita.  
A buzina pede e emboca,  
Gritos asperos soltando,  
A's inhospitas moletas  
Piedade suplicando.

Quiz consola-lo ; mas de balde lhe dizia que elle ia ver as columnas de Herculés, a victoriosa rocha donde, balas ardentes, disparadas a tempo, lançaram per terra projectos concebidos sobre numerosas esquadras, e desatinaram Generaes esperançosos : de balde lhe descrevia a alongada costa de Hespanha, o nunca assaz temido Golfo de Lyão, o prazer que teria de avistar-se face a face com a Serenissima Republica de Genova, que sem duvida lhe forneceria todos os soccorros, que elle tivesse meios para pagar :

Tudo em vão lhe pintaria ;  
Pois n'aquelle duro instante ,  
Terno Esposo , Pae amante ,  
Da Consorte só ouvia  
Os gemidos , e a saudade  
Dos filhinhos que deixava ,  
E tam mimosos creava .

D'isto conclue Vm.<sup>ce</sup> muito bem, que o dito Pi-  
loto era casado, e tinha filhos. Apezar do que, seria  
obrigado a navegar té Genova, se não fosse

Barco atrevido  
Que ouve o clamor ,  
E condoido  
Gira ao redor,  
Offerecendo  
No alagadiço,  
Salgado bojo,  
Doce hospedage.  
Então descendo ,  
« Aqui me alojo »  
Disse , e entoando  
« Boa viagem »,  
Clamaram todos ,  
Dinamarquezes  
E Genovezes,  
« Boa viagem. »  
Por largo tempo  
Os tons diversos

No ar dispersos  
Se revezaram ,  
E retumbaram ,  
Amedrontando  
De vagos peixes  
Immenso bando.

Vendo-me so , e sem haver quem fizesse retinir  
aos meos ouvidos

Da Lusitana lingua o tom canoro ,

Resolvi-me restituir aos amigos , pelo modo pos-  
sivel , o tempo que lhes roubava da minha com-  
panhia , de que tantas vezes pareciam fazer caso.  
Vieram me entam á lembrança os nomes de Ba-  
chaumont, e Chapelle :

Dóis famosos bebedores  
Que , intentando tornar fixas  
Do rosto as vermelhas cores ,  
Da *Champanha* bellicosa ,  
Do *Bordeos* , e da viçosa  
São *Borgonha* visitaram  
As adegas afamadas.

Ah ! quantas vezes ,  
Sem se assustarem  
De mil revezes  
Que a historia aponta ,  
Guerra emprehenderam  
Contra esquadroes ,



Em ala postos,  
De garrafões  
A que arrancaram  
Rolhas teimosas,  
E despejaram  
Nas sequiosas  
Goelas vorazes ;  
Sem, um momento,  
Ouvido a pazes  
Querem dar.  
Depois, tocando  
Na docil lyra,  
E descantando  
Suas victorias,  
Nos despreveram  
Quanto beberam.  
A viajar,  
O Tejo e Nilo  
Talvez bebessem,  
Se em vinho os rios  
Se convertessem :  
Pois ha quem diga  
Que transportados  
Em alegria,  
E coroados  
De verdes parras,  
A Baccho um dia  
Quasi estiveram

Para votar.  
Que o mesmo mar  
Enxugariam ;  
Se as suas agoas  
Baccho pudesse  
Vinho tornar.

Isto me resolveu a imita-los, não em beber, mas em referir a minha viagem. Bom será com tudo dizer, para não denegrir a reputação d'estes Senhores, mais do que merecem, que elles não eram bebados, mas amadores de bom vinho. Se não entende bem a differença que há entre estas duas coisas, consulte a sociedade dos bebedores, que diffundida per todo o Portugal, tem o Gran'Mestre em Coimbra.

Em espirito de vinho  
Conserva os estatutos,  
Que o licor, ó coisa rara !  
Respeita e mantem enxutos.

Ensopando a branca penna  
No Carcavelos brilhante,  
E no Porto fumegante  
O Gran'Mestre os escreveu.

Montesquieu e Plutarcho  
Longos annos revolveu,  
Antes qu'esta obra findasse,  
A maior que o mundo deu !

Das Bacchantes toda a historia  
Em tres regras decifrando ,  
Em outras tres, mil diversas  
Novas coizas desenhando.

Encerra em pequeno espaço,  
Quanto, na paz e na guerra,  
O Magistrado, e o Soldado  
Necessita sobre a terra.

Muito tinha a dizer sobre esta obra admiravel,  
se não fosse a vozeria da equipage, que me obriga  
a largar mão da penna para attender a um  
individuo, que nos põe a todos de mau humor,  
e a mim em susto.

Um Tritão todo coberto  
De marisco e verde limo,  
Traz somente descuberto  
O nariz agudo, e frio.

Pelas ventas vem soprando  
Vento *Leste* enregelado,  
E dobra, de instante a instante,  
Seo furor endiabrado.

Treme o mar encapellado,  
O baixel torcido geme,  
Mal segura o indocil leme  
O mancebo debruçado.

Que hade ser de mim, meo Pires? em que lingua hei de falar a este Tritão para abrandar a sua coe-  
ra? Portuguez, Italiano, Latim, Francez, Inglez,  
he de que eu sei alguma coisa: mas quem pôde  
adivinhar a lingua dos Tritões? Experimentemos;  
vou falar-lhe em todas ellas, talvez que entenda  
alguma:

Basta já, Senhor Tritão,

(*Não entende.*)

Per pietá, Tritone amato,

(*Menos.*)

Triton, I can no more,

(*Tempo perdido.*)

Prudence, Seigneur Triton,

(*Peior.*)

O' Triton, esto pacato

Corde, animo, naso e ore.

Com effeito á esta ultima lingua fez um leve ace-  
no; e he indubitavel, que até os Tritões veneram a  
antiguidade; mas ou seja perrice, ou ténção anti-  
cipada, cada vez se accende, mais em ira:

Eis que as bochexas engrossa;

Ai de mim, onde esconder-me!

Parece querer no abismo,

De um só sopro, soverter-me.

Boa vontade tinha de lhé pintar aqui uma tem-  
pestade; não faltará occasião: entretanto imagine



serras, montanhas, ondas, mares, Ceos, abismos, Boreas, Austro, Leste, Oeste, e toda a caterva dos ventos; ajunte-lhes quatro adjectivos; e tres verbos para os unir, e terá uma tempestade completa. O peiôr he que não se aplaca a que me persegue: vou de novo suplicar o Tritão na lingua que parece entender... Bravo! começa a adoçar-se; aplacou-se de todo; vai-se embora,

Depois de roncar seis vezes  
 Com medonho horrendo ronco,  
 E de sorver outras tantas,  
 Por ser um Tritão mui porco,  
 O limoso verde monco;  
 Escorregando,  
 Contradansando  
 Ligeiramente,  
 No fundo mar  
 Em lisa gruta  
 Foi se abrigar.

Brávo! bravissimo!

Baxa do Olympo  
 Terna alegria,  
 Meigo sorriso:  
 De companhia  
 A's lindas Graças  
 De braços dados  
 Picantes ditos  
 Venham ligados.

Entre tanto começa a aparecer o Estreito : delicioso espectáculo ! encantadores momentos ! o vento tempestuoso tornou-se em um zephiro agitado : o mar embravecido apenas se move assaz para impellir o navio. Quanto he bello contemplar o Autor da natureza, (se este nome adoravel pode repetir-se entre as frivolas pinturas da minha penna) dando leis ao Oceano para estreitar-se de repente, e correr ameaçando em vão as costas de Barbaria e Hespanha, ao longo das quaes lhe manda que se estenda lambendo-as, e deixando aos homens habitações, que cultivem e fecundem com facil trabalho :

Meo Senhor e meo Deus,  
 Como ao longo se estende sobre a terra  
 De vosso nome a gloria !  
 Disseste, e logo rebentou, no seio  
 Do informe nada, creadora força.  
 Onde estavas, ó homem !  
 Quando a luz entre as trevas resurgia,  
 E qual suberbo Esposo,  
 No leito nupcial erguendo a frente  
 Banhada em mil prazeres,  
 Assim raiava, de esplendor cercado,  
 O sol, para emprender sua carreira ?  
 Com gigantesco passo  
 Desde um polo a outro polo, se abalança  
 Da terra que alumia

As geladas entranhas animando  
Com celeste calor, preenhe de vida.

Em que mata embrenhado  
Orgulhoso, gemias, quando tudo

Ao aceno cedia

Do Soberano Ser, que tudo impera?

De lucidas estrelas se adornava

O firmamento altivo,

De verdes plantas se vestia a terra,

E sobre os eixos seus se equilibravam

Os mundos que lançára,

Com mão omnipotente, sobre os ares.

Meo Senhor e meo Deus,

Ah! cante a minha voz, antes que eu morra,

Um hymno de louvor ao vosso nome,

Ao vosso nome santo!

Não cuide porém, querido Amigo, que ficamos  
no Estreito, e que o Navio, n'elle grudado, finda de  
repente a sua derrota: vou já dar ordens para ca-  
minhar avante.

Holá Piloto!

Já, já soltar

As velas todas;

No mesmo instante

De Gibraltar

A dura rocha

Quero avistar.

Obediente Piloto ! eis Gibraltar, sitio de marcial  
fortaleza , e de poetico furor :

Salve soberbo rochedo ,  
Tropheo do valor Britano ,  
Onde as forças se quebraram  
De todo o poder Hispano.  
Elliot , eu te saudo ;  
O teu nome não esquece ,  
Não cuides que o homem desce  
Todo inteiro á sepultura.

Defronte assoma sobranceiro ao Mar o celebre  
castello de Ceuta , que me faz torrèr pelas veas en-  
thusiasmo patriotico ; lembra-me João primeiro ,  
e a sua familia heroica.

Aqui , ó Musa ! prepara  
Novas cordas , novo canto ;  
Escutai cheos de espanto ,  
Mortaes , meos sublimes versos.

Estava quasi emprehendendo uma Ode ; mas  
quando me lembra que estas emprezas militares  
dos Lusitanos tinham por origem , ou pretexto ,  
persuadir os Mouros , com a espada na mão , para  
abraçar uma Religião adoravel que ensinava a  
morrer pelos Moiros para os converter , não a mata-  
los ; esfria-se me todo o enthusiasmo. Passemos pois  
adiante , se o consentir.



Calma ociosa  
Que , esperguiçando-se ,  
Vai estirando-se  
Per entre as velas.

Triste figura tem o tal sujeito do sexo feminino  
chamado calma :

Quasi sempre bocejando ,  
Se abre um olho , fecha o outro ,  
Pela boca respirando  
Pestilente ingrato alento.

Tem por noivo o inerte somno ,  
Que a dormir a acompanha ,  
Com tregeitos se arreganha ,  
Quando fino quer falar-lhe.

Vive roncando ,  
De noite e dia ,  
Adormentando  
Tudo á porfia.

Dos pés lhe sobem ,  
Quaes trepadeiras ,  
Mil dormideiras  
Em torno ao corpo.

Sorve em uma hora ,  
Com grande asseio ,  
Quintal e meio  
De opio Indiano.

Frôxo se estende  
A'dormitar,  
Vinte e tres horas,  
Sem acordar.

Que esposo tam comodo ! Quantas mulheres da  
nossa terra desejariam um marido que dormisse  
vinte e tres horas per dia ; Deus me livre d'ellas ;  
temo as mais que peste , fome , e guerra :

Qual soldado em dura guerra,  
De feridas retalhado ,  
Como morto abandonado  
Sobre o chão de imiga terra.

Se' depois no pobre albergue ,  
Chega em paz a agalhar-se ,  
Sente o sangue congelar-se ,  
Ouvindo o soim dos tambores :

Assim eu que em mil batalhas  
De amor cego fui ferido ;  
Ai de mim ! e das feridas  
Vivo mal convalecido.

Tremô e perco a cor do rosto ,  
Ao lembrar-me do inimigo ,  
Que me fez per tantas vezes  
Desprezar mortal perigo.

Disse pouco, inda a belleza  
Mais feroz he do que Marte,  
Apezar do ferro e fogo  
Que o seguem per toda parte.

Se o Soldado graça implora,  
E se rende prisioneiro,  
Marte abranda o ardor primeiro,  
Perde a raiva que o devora.

Não assim n'esse combate  
Que o homem chamou Amor,  
Seduzido da doçura  
De um veneno enganador.

Se curva os frôxos joelhos  
O cativo miseravel,  
Cada vez mais se lhe torna  
Seo destino insuportavel.

Só se alegra a vencedora,  
Rasgando a torpe ferida,  
N'ella mais, e mais cravando  
Da flecha a ponta embebida;

E triumpho quando em gritos,  
Vê fugir espavorida  
A melindrosa innocencia  
Que val mais que a mesma vida.

Mas ai de mim! quem me acode? Ah! que apparece de novo o diabolico Tritão; maldito! em tam

pouco tempo vir desde o cabo de S. Vicente até ao golfo de Malaga; e para maior desventura não vem só, com elle vem um Exercito de Tritões!

Uns a cavallo,  
Outros nadando,  
Vem manejando  
Armas que callo;

E callo com razão por serem de um uso raro, e difficil, e algum tanto sordidas. Não me obrigue a dizer-lhe que são odres,

Onde cerrados,  
Os ventos rugem,  
E tudo estrugem  
Assim liados;

Que será abrindo-se, e concedendo-se sahida franca? Ah! que se abriram tres de repente; para que logar hei-dê fugir? vejo o Navio, os Ceos, e as ondas;

Já de assustado  
Todo estremeço,  
E desfaleço  
Quasi sem tino.  
Tritão mofino,  
Vai-te em ma hora;  
Ah! não te encare  
A meiga Aurora



Com brando rosto ,  
Quando mimosa  
Occupa o posto  
Do loiro Phebo.  
Fervente cebo  
Te abraze a gruta  
Onde recolhes  
A mal enxuta  
Face musgosa.  
Nunca te encontre  
Doris formosa ,  
E perra um dia  
De furor cega ,  
Na costa fria  
Da Noroega ,  
Sem te escutar ,  
Te mande altiva  
Que vas morar :  
Onde não vejas  
Nadante Nympha ,  
Que as tuas lagrimas  
Possa enxugar.

Já nenhum odre vejo por abrir ; ai de mim ! pobre de mim ! coitado de mim ! Eu bem queria ir por algum outro mar que não fosse este mar Mediterraneo , infestado per tantos naufragios ; pelo qual ha mais de mil annos, nenhum homem de juizo

devia navegar ; pois não ha n'elle um só porto a que os habitantes da Europa não possam ir per terra , se exceptuarmos algumas Ilhas , que podiam muito bem ficar desertas. Triste mania he esta de andar pelo mar !

Dos ventos toda a força unida bate  
Na solitaria vela que guarnece  
O misero baixel ; duro combate ,  
Em tanto , o mar bramando lhe offerêce.

De instante a instante , as ondas agitadas ,  
Umás sobre outras , com furor rebentam ,  
E quaes medonhas bombas , remessadas  
Per inimiga mão , tudo amedrêntam ,  
Assim quebrando no Navio estalam ,  
E os Nautas todos com temor se calam.

Chama-se isto o principio de uma tempestade : se tiver outra para contar-lhe , receberá o meio ; e na terceira o fim : inveja quem quizer o destino dos que vingam o Cabo de Boa-Esperança , para ir trocar patacas por pagodes , e amontoar fortuna e bens ; eu por mim , de boa vontade lhes deixo toda

A preciosa canella  
Da mal segura Colombo ;  
De Bengala a rica , e bella  
Musselina tam gabada.

He melhor viver sem nada ,  
Que abrir-se perfido rombo  
Na vistosa caravella  
Que surca as ondas ousada ,  
E que do mar a braveza ,  
Faz com furia deshumana ,  
Ir dar com dono e riqueza  
La no Reino de Pantana.

Esta desgraça he o que eu tremo que nos aconteça com a tempestade horrivel que sobrevem no golfo de Valença. He tanto mais lastimosa , quanto forma um durissimo contraste com a idea que eu faço do clima doce e ameno d'esta região , do character e ventura de seos habitadores , e dos fertis campos que elles cultivam. Apezar d'isto ,

Quaes montanhas escarpadas  
Erguem-se os mares raivosos ,  
Sopram ventos ás rajadas ,  
Sempre e sempre mais irosos.

Sobre as nuvens quasi sobe  
O navio mal seguro ;  
Desce logo de repente  
Te do abismo ao centro escuro :

Balança a um lado e outro ,  
Per mil partès estalando ;  
Rouca a voz , já mal se entende  
O Piloto commandando.

Suor frio banha o rosto  
Nãõ sómente ao passageiro ;  
Corre até pelo semblante  
Do robusto marinhoiro.

Cambalea o corpo todo ,  
Falta o pé escorregando ;  
Já parece que nas vêas  
Vai-se o sangue congelando.

Agora he muito serio ; a tormenta ameaça sosso-  
brar-nos , e já se trata de fazer actos de contrição.  
Darei eu hoje um adeus eterno aos meos amigos ?  
Será de veras

Que, sem piedade,  
Intente a morte  
Tragar-me agora ?  
Nenhuma edade  
Contra ella he forte ;  
Fere e devora ,  
Em um momento ,  
O macilento  
Velho teimoso ,  
E o corpulento  
Mancebo airoso  
Que em verdes annos  
Se confiava ,  
E so de enganos  
Se apascentava.



Paciencia ! morrerei , e ficarei sumido no abismo , sem haver mão que possa ir lavar um epitaphio sobre a minha sepultura. Mas debaldé eu vejo o susto pintado sobre o rosto de um antigo Piloto d'estes mares ; debalde as trevas da noite acrescentam um horror de morte ao espectáculo temeroso que os ventos e as ondas apresentam ; debalde tudo me faz estremecer ; ainda a esperança me não fugiu de todo , ainda me está dizendo ,

Muito em segredo :

« Não tenha medo. »

Inda verei

Os meos amigos ,

Estes perigos

Lhes contarei ,

E a catadura

Horrenda , e dura

Da morte fera

Lhes pintarei.

Se eu ao menos soubesse nadar , per ventura me furtaria á morte que me está imminente. Como he louco e barbaro o systema de educação que os Europeos tem adoptado ! Tomaram dos Gregos e dos Romanos o que estes tinham de peor ; aprenderam a fazer-se pedantes , e esqueceram-se de fazer-se homens. A adolescencia , idade preciosa , gasta-se em grangear vicios , e decorar coisas muitas vezes

inuteis. Depois de muita fadiga, um rapaz Europeo finda a sua educação nos Collegios e nas Universidades, quando tem adquerido um corpo effeminado, ou doente, e um espirito vaidoso, frivolo, recheado mais de nomes que de coisas, e tam extraviado do caminho das sciencias, que ordinariamente nunca mais atina com elle. Como estou serio! como estão sisudas todas as minhas ideas! e que excellente coisa seria o estar para morrer, se se quizesse compôr um bom tratado de politica ou de moral! Até já não sei falar em verso, e se a tempestade não amaina, ficarei fazendo eternamente prosa. Que me diz ao tempo, meo Amigo? lá estalou, e fez-se pedaços a verga do mastro grande.

Ah! se Homero navegasse,  
E de Ulysses a jornada,  
Pelos mares contrastada,  
Curioso acompanhasse;  
Se o navio ameaçasse  
Nos rochedos sossobrar,  
E toda a pobre equipagem  
Entre as ondas sepultar:  
Pode ser que não contasse  
Do astuto Grego a viagem,  
Ou que ao menos, ao canta-la,  
Muitas vezes gaguejasse.  
As Musas pintam a Morte,  
Mas tremem só de avista-la;

E la no Pindo ,  
Castello forte  
Tem levantado ,  
Onde subindo  
Nada receam  
Do vento irado.

Já se ouve menos motim , e dizem que o vento quer serenar ; boa noticia que aparece com o romper do dia. Serenou com effeito , e nunca mais a proposito se applicaram aquelles magestosos versos de Camões :

« Depois da procellosa tempestade ,  
« Nocturna sombra , e sibilante vento ,  
« Traz a manhã serena claridade ,  
« Esperança de porto e salvamento. »

Que prazer ! que alegria brilha em todos os rostos ! não conhece o prazer aquelle que nunca esteve a pique de naufragar , ou que per algum outro modo não viu a morte acenar-lhe de perto. Com tudo , variou em um momento !

Viva aquelle que acrescenta  
Novos riscos de morrer ,  
Porque tambem multiplica  
Novas causas de prazer.  
Já não quero maldizer  
O mortal aventureiro

Que sobre as ondas primeiro  
Arriscou tudo perder.

Para que he maldize-lo, pois lhe devo estes instantes de alegria? Quero antes largar a penna, e ir considerar os ultimos enfadamentos do mar, quando começa a desagastar-se. Ainda faz bulha; mas a sua ira já não mette medo: parece mais bazofia do que ira, e faz me lembrar uma bella passagem de Virgilio;

Qual a languida setta,  
Da mão velha e cansada  
De Priamo em furor arremessada,  
Nem levemente enceta  
As armas do inimigo embravecido;  
Antes, mal fere o ar, cai já sem força:  
Tal inda o mar se esforça,  
E lança algum bramido;  
Mas sem vigor, e lento  
As ondas ergue e abate  
Em o mesmo momento,  
E no Navio bate,  
Já quasi sem alento.

Desafio agora todos os Tritões, todos os ventos do Mundo; não os temo, porque depois de escapar d'esta tormenta, não ha modo de conseguir que eu pereça naufragando.



Invulneravel  
 Sobre elemento  
 Tam implacavel,  
 Que privilegio!  
 Não concedido  
 Nem ao Collegio  
 Dos Eleitores  
 Que em Ratisbona  
 Imperadores  
 Vam corôar.

Se D. Quixote pilhasse este privilegio, vê-lo hiamos talvez arremessar sobre as ondas o seo Rocinante, e com a lança em reste ir atacar tubarões e baleas, e pôr em convulsão todo o Reino de Amphitrite. Em Hespanha nasceu a imaginação feliz que desenhou este homem extraordinario, e com elle a engraçada familia dos Pansas.

Não conheço quem legasse  
 Tal porção de Attico sal,  
 E aos vindoiros preparasse  
 Um prazer que tanto val.

Se, no afinamento alegre em que estou, pudesse  
 haver á mão o Cervantes, e lê-lo;

Soltas risadas,  
 Com todo o peito  
 As gargalhadas

Eu largaria ,  
E a gente toda  
Convidaria  
A pôr-se em roda  
Para escutar.  
So de o pensar ,  
Já estou rindo  
Sem descansar.  
Mas onde estamos ?  
Qual he a Costa  
Que navegamos ?  
Espere um pouco ;  
Vou perguntar :

Estamos defronte da Catalunha ,

Provincia indomita ,  
Triste presagio ,  
Que algum adagio  
Promette á Hespanha !

Declaro, para que este quarteto seja entendido,  
que *adagio* aqui significa o contrario de *allegro* ; e  
se assim mesmo me não entenderem ,

Bem pouco importa.  
Fico saltando ,  
Sempre brincando  
Co' as loiras filhas  
Do claro Apollo

Que

Que desde o berço  
No meigo collo  
Já me afagavam,  
E me ensinavam  
Altos segredos  
Com que, algum dia,  
Troncos, rochedos  
Abalaria.

Como risonhas  
Me vêm buscar!  
Deixam o Pindo  
Por me afagar.

Eis Terpsicore!  
Um belisção  
Pretendo dar-lhe  
Na linda mão.  
Foi muito forte;  
Ficou queixosa,  
E de mimosa  
Se fez mais bella.

Euterpe a lyra  
Tras sobraçada,  
Pede que seja  
Per mim tocada:  
Ah! vai-te Euterpe,  
Não posso agora:  
Sem alto estilo  
E voz sonora,

O grande Pindaro  
Quem imitasse,  
Melhor seria  
Que se lançasse  
No fundo mar;  
Onde um concerto  
Co'os surdos peixes  
Fosse entoar.

Vem cá Thalia:  
De fina graça,  
Vem salpicar  
Os lindos versos  
Que vou cantar.

Mas caprichoso,  
Já não te quero:  
Rosto severo  
Pareces ter:  
Queres discursos  
Longos fazer?  
De fel amargo  
Meo peito encher?  
Foge depressa,  
Desaparece,  
Engana a quem  
Mal te conhece.

E tu Calliope  
Impertinente,  
Mandas que intente



Uma Epopêa ?  
Galante idéa !  
Que me faria  
Perder de todo  
Minha alegria.  
Como he possível,  
O' Melpomene,  
Que o mar serene,  
E o vento abrande,  
E nem assim  
Teo rosto acene  
Algum prazer ?  
Sempre a verter  
Pranto de dor,  
E de furor  
Scenas traçando,  
Punhaes e mortes,  
Vives, sonhando.  
Hoje á porfia  
Todas danadas,  
Para enfadar-me,  
Vindes ligadas.  
Deixai-me embora,  
E do Parnasso  
No monte escasso  
Ide habitar.  
Sois nove doidas,  
O' nove Irmãas !

Envergonhai-vos;  
Já tendes cãas.

Foram se embora , deixaram-me todas, e muito a proposito; porque entramos no golfo de Lyão que banha às costas de França; e em materias de França, *chiton*. Estas Musas são faladoras, e se ficassem, podiam inspirar-me alguns versos *Catonicos*: o que seria coiza mui arriscada. He melhor pacificamente

Entrar em Genova,  
Onde engolfado,  
Vivo no Estado  
Das *Senhorias*.

Daqui vagaram  
Per toda a Europa,  
E vento em popa  
Tudo inundaram.

De Hispanos *Doms*  
Giram cercadas,  
Que lhes preparam  
Ricas pousadas.

Palacios, casas,  
Hospicios tem,  
Onde endoidecem  
Gentes de bem.

Té no Mondego ,  
Na vã Cidade ,  
Possuem grossa  
Famosa herdade.

Feliz o dia  
Em que a nobreza  
Do *tu* Romano  
Hade , outra vez ,  
Da *Senhoria* ,  
Do *Dom* Hispano ,  
A vã grandeza  
Ver a seos pés.

Quem achar que reprehender n'estes ultimos versos não tem razão; porque eu falo n'este ponto, não como politico, mas como Orador e Poeta, que se zanga muitas vezes de sacrificar energicos pensamentos á prolixa etiqueta dos tratamentos. Em todo caso, ainda quando por encurtar a lingua e obsequiar os oradores, se tirassem os *Doms* ás meninas de Lisboa; as *Senhorias* aos Cavalheiros de Provincia, e aos Juizes de fora; as *Excellencias* ás Morgadas do Minho e Tralasmontes, e ás mulheres dos Negociantes do Porto; não vejo que d'isto se seguisse grande mal, nem que as Leis do Reino fossem por isso menos bem observadas. Agora he bem justo que eu leia o que tenho escrito. Li e confesso que não sei como he possivel achar uma ca-

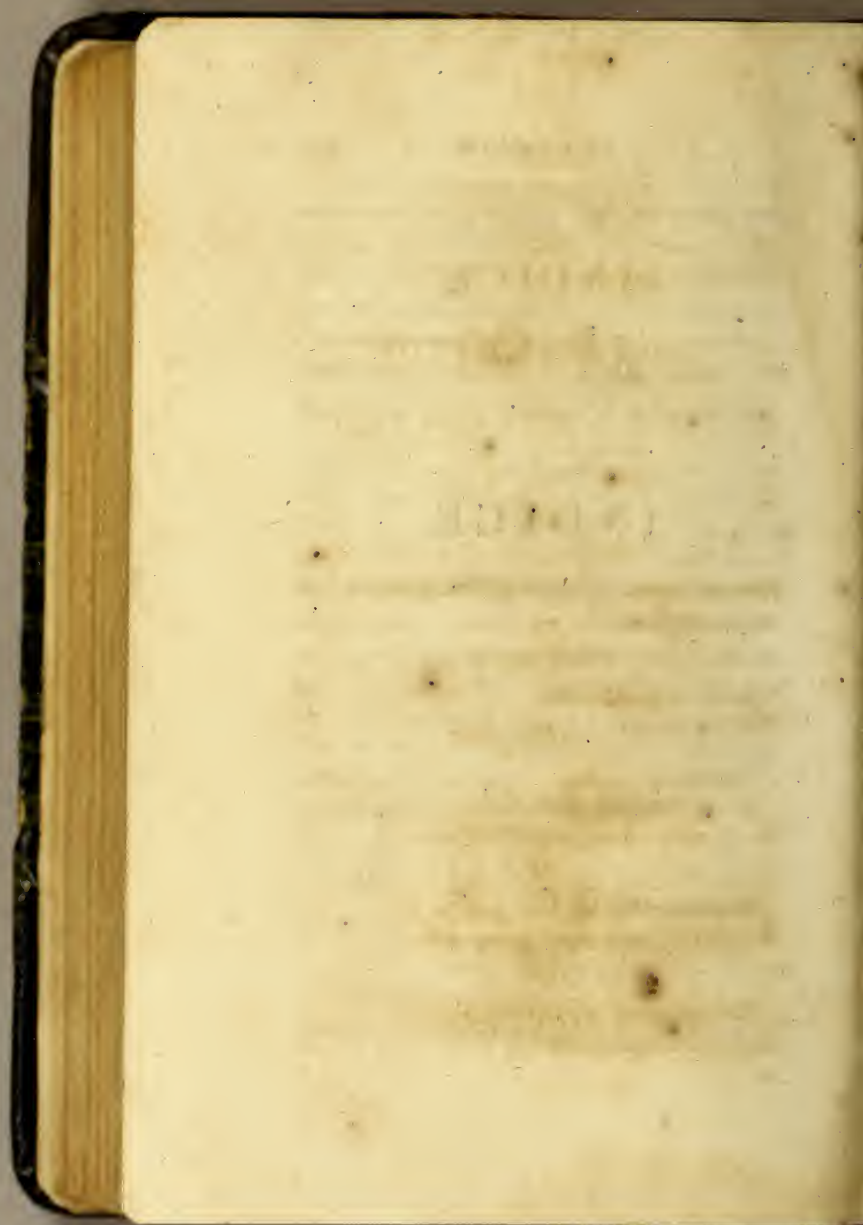
beça assaz disparatada para combinar, entre coisas serias, tantas coisas frivolas. Descubro porém uma idéa que he de molde para a nossa terra, e que pode sugerir a alguns dos sabios que n'ella habitam um *in folio* semelhante a outros que compoem a nossa literatura. Falo do meo Dialogo com o Tritão, que lembra tam naturalmente uma obra que tivesse por titulo: *De Antiquitate à Tritonibus venerata*, obra immortal só pelo titulo, e que aperfeçoaria o edificio de nossa immensa, e quasi sempre, inutil Literatura Lusitana. Se algum Padre *Caetano* lhe ajuntar a genealogia dos Tritões, ficará uma obra completa, e digna ao depois de ser comentada per todos os que fazem prologos em language de *seiscentos*, ou mesmo de *quinhetos*, e nunca na que convem para o nosso seculo. Estava quasi traçando alguns capitulos para esta obra; mas começo a cansar, e he melhor guardalos para outra carta na qual sei, meo querido Amigo, que hade ler, sempre com gosto particular, o protesto ardente e sincero com que sou

O SEO CALDAS.

FIM.



INDICE.



---

# INDICE

## DOS ASSUMPTOS

CONTIDOS N'ESTES DOIS TOMOS.

---

### TOMO I.º

DISCURSO sobre a Lingua e a Poesia hebraica. *Pag: i.*

ADVERTENCIA. *LV.*

#### PSALMO I.

*Beatus vir qui non abiit.....*

Feliz aquelle que os ouvidos cerra. *1.*

#### II.

*Quare fremuerunt gentes.....*

Que frémito e bramido em torno sôam ! *4.*

#### III.

*Domine, quid multiplicati sunt.....*

Ah Senhor ! que crescendo meos imigos. *7.*

#### IV.

*Cum invocarem, exaudivit me Deus.....*

Entre tantas amarguras. *8.*

## PSALMO V.

<i>Verba mea auribus percipe, Domine.....</i>	Pag.
Minhas palavras attende.	13.

## VI.

<i>Domine, ne in furore tuo.....</i>	
Não me exprobreis, Senhor, os meos delictos.	16.

## VII.

<i>Domine meus Deus, in te speravi.....</i>	
O' Deus immenso, todo o meo amparo !	18.

## VIII.

<i>Domine, Dominus noster, quam.....</i>	
Quanto ao longe em toda a terra.	22.

IX. PARTE 1.<sup>a</sup>

<i>Confitebor tibi, Domine.....</i>	
De ti, Senhor, de ti, no meo Psalterio.	24.

IX. PARTE 2.<sup>a</sup>

<i>Ut quid, Domine, recessiti longè.....</i>	
Porque tanto, ó Senhor, de nós te alongas.	27.

## X.

<i>In Domino confido : quomodo.....</i>	
No Senhor confiei, nada receo.	31.

## XI.

<i>Salvum me fac, Domine.....</i>	
Soccorre-me, Senhor, pois que a verdade.	33.



## PSALMO XII.

*Usquequò, Domine, oblivisceris.....* Pag.  
Até quando de teo servo. 35.

## XIII.

*Dixit insipiens in corde suo.....*  
Não ha Deus— diz, com-sigo blazonando. 37.

## XIV.

*Domine, quis habitabit.....*  
Quem, Senhor, habitará. 44.

## XV.

*Conserva-me, Domine.....*  
Cónserva-me, Senhor, que em ti espero. 46.

## XVI.

*Exaudi, Domine, justitiam meam.....*  
Senhor, escuta as orações de um justo. 50.

## XVII.

*Diligam te, Domine.....*  
Eu te amarei, ó Deus, meo doce amparo. 53.

## XVIII.

*Cœli enarrant gloriam Dei.....*  
Os teos resoam do Senhor a gloria. 60.

## XIX.

*Exaudiat te Dominus, in die tribulationis.....*  
Vae sem susto, ó Monarca virtuoso. 83.

## PSALMO XX.

<i>Domine, in fortitudine tua...</i>	Pag.
Na força de teu braço o Rei triumphou.	85.

## XXI.

<i>Deus, Deus meus, respice in me....</i>	
Meo Deus, meu Deus, ao menos um aceno.	88.

## XXII.

<i>Dominus regit me....</i>	
O meu Deus he minha guia.	108.

## XXIII.

<i>Domini est terra, et plenitudo ejus....</i>	
A terra he do Senhor, e a copia ingente.	111.

## XXIV.

<i>Ad te, Domine, levavi.....</i>	
A ti, Senhor eterno, ergui minha alma.	114.

## XXV.

<i>Judica me, Domine, quoniam....</i>	
Julga-me, ó Deus, e vê que da innocencia.	118.

## XXVI.

<i>Dominus illuminatio mea, et....</i>	
He o meu Deus que me illumina, e salva.	120.

## XXVII.

<i>Ad te, Domine, clamabo....</i>	
Ao meu Senhor eu clamarei : responde.	127.

## PSALMO XXVIII.

*Afferte Domino, filii Dei.....* Pag.  
Os cordeiros mais fermosos. 130.

## XXIX.

*Exaltabo te, Domine, quoniam.....*  
Graças ao meo Senhor, em fim respiro. 136.

## XXX.

*In te, Domine, speravi.....*  
Eu não desmaiarei, minha esperança. 141.

## XXXI.

*Beati quorum remissæ sunt iniquitates.....*  
Venturosos aquelles, cujos crimes. 150.

## XXXII.

*Exultate, Justi, in Domino.....*  
Em vós se accenda. 155.

## XXXIII.

*Benedicam Dominum.....*  
Ao Senhor bemdirei com fervor santo. 162.

## XXXIV.

*Judica, Domine, nocentes me.....*  
Julga, Senhor, aquelles que me offendem. 166.

## XXXV.

*Dixit injustus, ut delinquat.....*  
Disse em seo coração, para solta-lo. 172.

## PSALMO XXXVI.

<i>Noli æmulari in malignantibus.....</i>	Pag.
Não queiras emular perfidas gentes.	174.

## XXXVII.

<i>Domine , ne in furore tuo.....</i>	
Suspende o teu furor , e não me acuses.	179.

## XXXVIII.

<i>Dixi , custodiam vias meas.....</i>	
Sim , eu resolvo moderar meus passos.	183.

## XXXIX.

<i>Expectans , expectavi Dominum.....</i>	
Firme esperei no meu Senhor , e olhou-me.	186.

## XL.

<i>Beatus qui intelligit super egenum.....</i>	
Feliz quem tem piedade.	190.

## XLI.

<i>Quem ad modum desiderat cervus.....</i>	
Qual suspira sequioso.	194.

## XLII.

<i>Judica me , Deus , et discerne causam.....</i>	
Assenta-te , ó Senhor , escuta , e julga-me.	199.

## XLIII.

<i>Deus , auribus nostris audivimus.....</i>	
Tem a fama publicado.	200.



PSALMO XLIV.

*Eruclavit cor meum verbum bonum.....* Pag.  
 No meo peito resoou. 206.

XLV.

*Deus noster, refugium et virtus.....*  
 Deus he nosso refugio, e valentia. 215.

XLVI.

*Omnes gentes, plaudite manibus.....*  
 As maos batendo congregai-vos, Povos. 219.

XLVII.

*Magnus Dominus et laudabilis nimis.....*  
 O Senhor he grande, e dino. 221.

XLVIII.

*Audite hæc, omnes gentes.....*  
 Escutai, ó Mortaes, meos sons divinos. 225.

XLIX.

*Deus, deorum Dominus, locutus est.....*  
 Fallou o Deus dos Deuses soberano. 231.

L.

*Miserere me!, Deus, secundum magnam.....*  
 Piedade, ó Deus: de mim te compadece. 238.

LI.

*Quid gloriaris in malitia, qui.....*  
 Porque te pavoneas na maldade. 250.

PSALMO LII. Pag. 253.

## LIII.

*Deus, in nomine tuo salvum me fac.....*  
Ah! meo Senhor, ah! salva-me. 254.

## LIV.

*Exaudi, Deus, orationem.....*  
\* As supplicas humildes. 259.

## LV.

*Miserere me, Deus, quoniam.....*  
\* He possível, Senhor, que Te não dôa. 277.

## LVI.

*Miserere me, Deus, miserere.....*  
\* Piedade, Senhor, de mim piedade. 283.

## LVII.

*Si vere utique justitiam loquimini.....*  
Se o nome de juizes sobre a terra. 288.

## LVIII.

*Eripe me de inimicis meis.....*  
\* Dos inimigos meos, Senhor, livrai-me. 293.

## LIX.

*Deus, repulisti nos et.....*  
\* Se irado, ó justo Deus, repeliste. 303.

## LX.

*Exaudi, Deus, deprecationem meam.....*  
Escuta, ó meo Senhor; porque não sentes. 308.

INDICE. 241

PSALMO LXI. Pag.

*Nonne Deo subjecta erit.....*

\* Este sopro celeste, que me anima. 311.

LXII.

*Deus, Deus meus, ad te de luce vigilo.*

Apenas rompe a aurora. 316.

LXIII.

*Exaudi, Deus, orationem.....*

\* Minhas deprecações, meo rogo ardente. 321.

LXIV.

*Te decet hymnus.....*

\* No erguido cume de Sion ressoem. 325.

LXV.

*Jubilate Deo, omnis terra.....*

\* De jubilo exultai, Povos da terra. 333.

LXVI.

*Deus misereatur nostri.....*

\* De nós misericordia. 343.

LXVII.

*Exurgat Deus, et dissipentur.....*

\* Levanta-te, Senhor; o teo luzente. 347.

LXVIII.

*Salvum me fac, Deus; quoniam.....*

Salva-me, ó meo Senhor, subindo vejo. 363.

II.

16

## PSALMO LXIX.

*Deus, in adiutorium meum intende.....* Pag.  
Vem ajudar-me. 370.

LXX.

*In te, Domine, speravi, non confundar.....*  
Em Ti minha esperança. 372.

LXXI.

*Deus, iudicium tuum regi da.....*  
Dá ao Rei sabedoria. 378.

LXXII.

*Quám bonus Israel Deus his.....*  
Quanto he bom de Israel o Deus supremo. 384.

LXXIII.

*Ut quid, Deus, repulisti in finem.....*  
Porque nos tens, ó Deus, desamparado. 389.

LXXIV.

*Confitebimur tibi, Deus.....*  
Sim meo Deus, o teu nome exaltaremos. 393.

LXXV.

*Notus in Judea Deus.....*  
Em Judea conhecido. 396.

CIV.

*Confitemini Domino, et invocate.....*  
Vossas liras afinai. 400.



INDICE. 245

PSALMO CXVI.

*Laudate Dominum, omnes gentes.....* Pag.  
De um polo a outro. 408.

CXXXVI.

*Super flumina Babylonis.....*  
Nas praias que o Euphrates rega. 409.

---

TOMO II.º

POESIAS SACRAS.

ODE I.

Sobre a existencia de Deus. 1.

CANTATA I.

A' Creação. 15.

ODE II.

A' immortalidade da Alma. 23.

CANTATA II.

A' immortalidade da Alma. 35.

ODE III.

Sobre a necessidade da Revelação. 38.

ODE IV.

Sobre a existencia do Peccado original. 46.

CANTATA III.

Sobre a necessidade da Revelação. 49.

## ODE V.

Sobre a virtude da Religião christãa. *Pag.* 53.

## ODE VI.

Sobre o mesmo assumpto. 67.

## ODE VII.

Sobre o mesmo assumpto. 85.

## ODE VIII.

Sobre o mesmo assumpto. 97.

## ODE IX.

Sobre o mesmo assumpto. 103.

## ODE X.

A' paixão de N. S. Jesus Christo. 106.

## DEPRECAÇÃO I.ª

A' Virgem Maria Nossa Senhora. 109.

## DEPRECAÇÃO II.ª

A' mesma Senhora. 112.

## SONETO.

A' immortalidade da Alma. 113.

## SONETO.

Na presença de uma grande trovoadá. 114.

## POESIAS PROFANAS.

	CANTATA.	Pag.
Pigmalião.		117.
	ODE.	
Ao homem selvagem.		125.
ODE SOBRE O AMOR , Considerado como principio e esteio da ordem social.		133.
ODES ANACREONTICAS.		138.
CARTA aos meos amigos , consultando-os sobre o emprego mais proprio de meos talentos.		144.
ELEGIA á Amisade , dirigida ao Doutor Francisco-José de Almeida, n'ella designado pelo nome de Fileno.		147.

	SONETOS.	Pag.
SONETO I.º		151.
SONETO II.º		152.
SONETO III.º		153.
SONETO IV.º feito de improviso, junto á sepultura de D. Ignez de Castro.		154.
SONETO V.º		155.
SONETO VI.º		156.
SONETO VII.º Aos Annos de uma Menina.		157.

- AS AVES, Noite. Philosophica. *Pag.* 158.
- CARTA dirigida a meo amigo João de Deus  
Pires Ferreira, em que lhe descrevo a mi-  
nha Viagem per mar até Genova. 196.

FIM.



# ERRATA.

## TOMO I.º

Pag.	lin.	ERROS.	EMENDAS.
xxi.	25.	perceitos . . . . .	preceitos
12.	3.	des . . . . .	dos
13.	17.	Obrêr . . . . .	Obrar
15.	8.	por . . . . .	per
—	26.	confiança . . . . .	corfiança
16.	9.	exprobreis . . . . .	exprobreis
21.	18.	agradando . . . . .	agradando
61.	18.	splende . . . . .	esplende
75.	21.	qui . . . . .	chi
82.	6.	seme . . . . .	se me
83.	3.	Traducção . . . . .	Traducção
94.	24.	pejoe . . . . .	pejo e
96.	17.	Gabouse . . . . .	Gabou-se
98.	2.	veso . . . . .	vejo
104.	3.	et . . . . .	e
106.	15.	disarcados . . . . .	disfarcados
115.	11.	temeo . . . . .	temeu
194.	10.	qu aes . . . . .	quaes
229.	18.	escolhidos . . . . .	escolhidos
239.	8.	O mal fiz . . . . .	O mal eu fiz
—	<i>ibid.</i>	para . . . . .	por
261.	12.	banirá . . . . .	banira
369.	17.	dic . . . . .	diz:
410.	7.	O Sion . . . . .	O' Sion

## TOMO II.

1.	18.	termoe . . . . .	termo e
5.	4.	molher . . . . .	mullher
24.	11.	emque . . . . .	em que
44.	25.	não-torne . . . . .	não torne
77.	18.	da Decalogo . . . . .	do Decalogo
85.	17.	vero . . . . .	vêr o
96.	3.	acende . . . . .	accende
105.	18.	das leitores . . . . .	dos leitores
107.	8.	Decujo . . . . .	De cujo
—	19.	offerecem . . . . .	off'recem
114.	2.	TROVADA . . . . .	TROVOADA
151.	9.	Este . . . . .	Esta
149.	7.	dealegria . . . . .	de alegria

F I M.

C 820

C 1450

72-120  
R.B. Rasert  
8 Oct. 1977

